1954

JANEIRO - N. 440

EU SEI TUDO 1954







SE ESTÁ CANSADO... FAÇA ALGUMA COISA! ★ POR QUE AINDA CAEM OS AVIÕES? ★ A TERRA VAI PARAR? ★ O METABOLISMO É MUITO IMPORTANTE.

BOLOS BISCOUTOS e MINGAUS de
CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos



DADOS BIOGRÁFICOS DE CYL FARNEY

NOME VERDADEIRO — Cyleno Dutra e Silva

DATA DO NASCIMENTO — 14 de setembro de 1925

CABELOS — Pretos

OLHOS — Castanhos

CÔR — Branca

PÊSO — 68 quilos

ALTURA — 1,78

NASCIDO — No Distrito Federal, São Cristóvão

ESTADO CIVIL — Solteiro

PREDILEÇÃO — Música

COLECIONA — Discos

RESPONDE — Cartas de fãs e envia fotografias

FALA — Inglês

SUA PAIXÃO — Automóveis. Possui dois: Jaguar e M.G.

HOBBIES — Toca Bateria e Piano

ARTISTAS NACIONAIS PREFERIDOS — Fada Santoro e José Lewgoy

ARTISTAS ESTRANGEIROS — Robert Ryan e Joan Crawford

GOSTA — De trabalhar com Fada Santoro

PAPEL QUE MAIS GOSTOU — O de Carlos, em "Amei um Bicheiro".

SEU MAIOR DESEJO — Viajar

SUA MAIOR ALEGRIA — Ao ser contratado como artista exclusivo da Atlântida.

GOSTARIA — De fazer no cinema a biografia de um músico

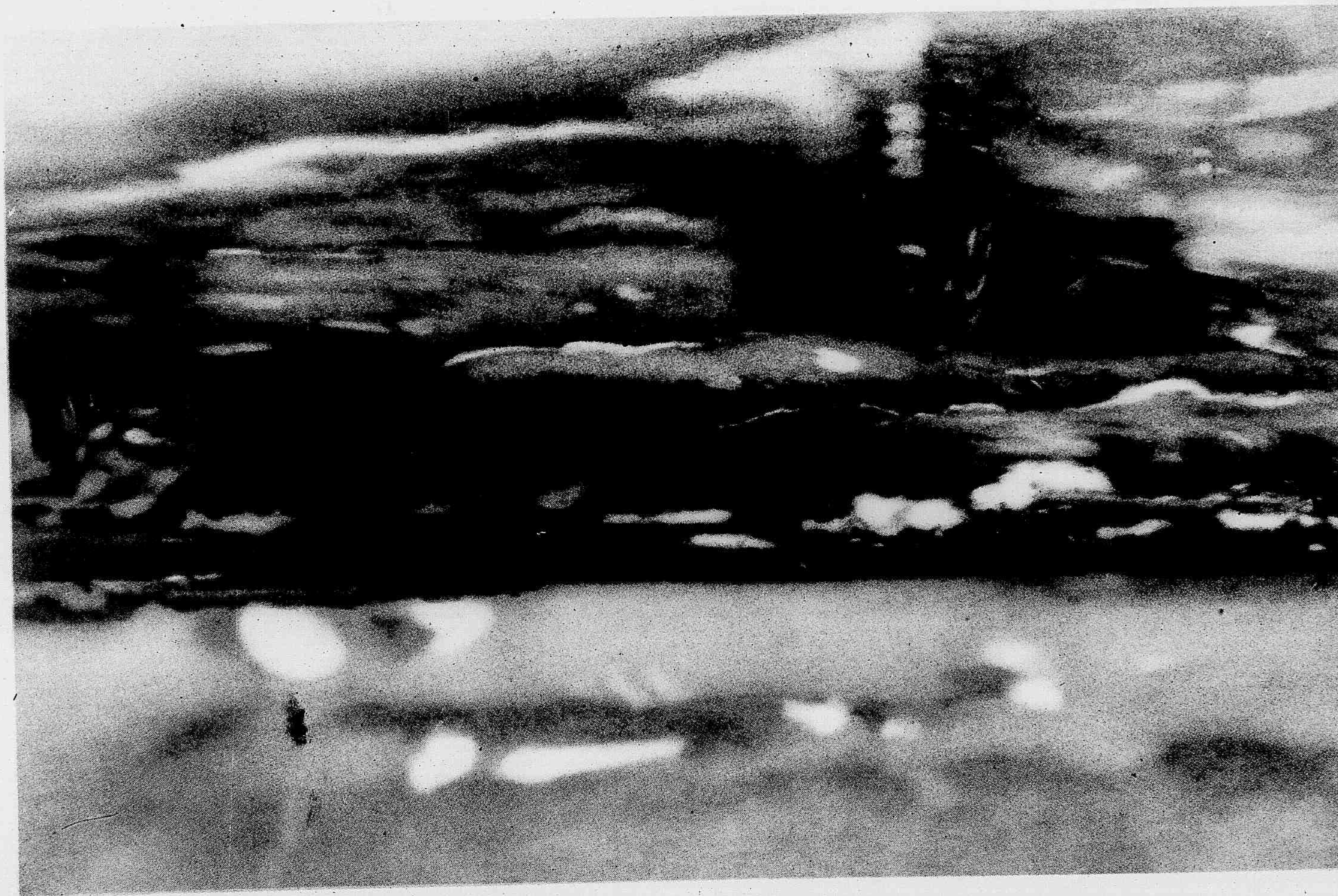
ENTROU PARA O CINEMA — A convite de um amigo, mas sem vontade

SEUS FILMES (Na ordem) — "Noites de Copacabana", em 1945 (não exibido), "Escrava Isaura", "Pecado de Nina", "Tocaia", "Ai Vem o Barão", "Areias Ardentes", "Barnabé Tu és Meu", "Três Vagabundos", "Amei um Bicheiro", "Carnaval Atlântida", "Nem Sansão Nem Dalila".

ESTUDOU — No Colégio São José, dos Irmãos Maristas, na Tijuca

COMPOSITORES PREFERIDOS — Chopin, Debussy, Scriabin, Rachmaninoff. No "jazz" gosta dos arranjos modernos pelas orquestras americanas.

AO DEIXAR O CINEMA — Pretende ser industrial





HUNTER Colin (1745-1780)

Desembarque na Praia

Colin Hunter, pintor irlandês do século XVIII, que floresceu em Dublin, onde se tornou conhecido por suas pinturas, destacando-se por suas marinhas e paisagens, em que soube dar todo o rico colorido da primavera em sua pátria, que, por ser curta, é de uma exuberância e de uma riqueza de tons realmente maravilhosa. Suas marinhas principalmente mereceram as honras de quase todos os museus da Europa, contando-se em número superior a quatro dezenas só na "National Gallery", de Londres, delas devendo ser destacadas "Desembarque na Praia", que reproduzimos na página anterior, além de "Wet Sand", "Wintry Weather", "The Day of Rest", "The Pool in the Wood" "Signes od Herring", Haddock Boats Beating to Windward", "A Natural Harbour", etc.





MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO e LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulsa em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00, para o estrangeiro, Cr$ 100,00.

"UM PRESENTE PARA O ZÈZINHO"

Para o garôto solitário aquêle aniversário trouxe uma felicidade que julgava perdida para sempre...

Por
ALASTAIR MACBAIN

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

ESTAVA ainda muito escuro quando Zèzinho acordou. Estendeu a mão para a lanterna, que estava sôbre a mesinha de cabeceira e iluminou o relógio. Cuidadosamente, desceu da cama e vestiu a camisa de flanela, as velhas calças de escoteiro e calçou as meias de listras, que havia deixado, na véspera, sôbre a cadeira. Desceu a escada vagarosamente e colado à parede porque alguns dos degraus rangiam quando pisados no centro.



Os ouvidos dela eram como os de um gato! Com cuidado, abriu a porta da cozinha, levantando-a um pouco para não fazer ruído.

Depois disso, calçou as longas botas de borracha, que deixara escondidas sob o banco, na noite anterior, e caminhou para o depósito de lenha. Parou uma duas vêzes para olhar a janela do quarto "dêles" — mas não viu luz; *êles* não haviam despertado, portanto.

Sorriu, lembrando com que facilidade enganara a madrasta, na noite anterior, depois da escola. Ela pensara que êle estava cooperando quando o viu carregar a cesta de papéis do quarto. Não sabia que êle escondera a bôlsa de pesca no fundo da cesta e o caniço dentro da perna da calça. Depois, passara por ela, na cozinha, e a madrasta o elogiara por ajudá-la, limpando o quarto.

Agora retirara a bôlsa de dentro do vão, no depósito de lenha. Estava bastante pesada com o carretel de fio,

os sanduíches e as maçãs que também ali escondera depois do jantar. Tateou no escuro, procurando o caniço; sabia que o tinha deixado encostadinho ao portal; agora encontrava-o junto de uma pilha de lenha.

Se alguém tivesse entrado ali, na véspera, certamente teria visto... e seu plano estaria descoberto! Olhou, apreensivo, para a janela do quarto do pai; depois, tranqüilizado, fechou a porta do depósito e saiu.

A penumbra que precede a aurora não era promissora; havia uma espécie de neblina e começava a chover. Zèzinho começou a tiritar. Confortava-o apenas a idéia de quanto a madrasta ficaria enervada quando não o visse chegar para o jantar. Talvez então compreendesse que êle já não aceitava mais que ela fizesse planos para êle, nem mesmo no dia do seu aniversário!

Os aniversários haviam sido sempre datas importantes no tempo em que sua verdadeira mãe vivia. Ela escolhia bem os presentes e as vontades e fazia um bôlo enorme, com velinhas. Era êle, porém, quem escolhia a qualidade do bôlo — e invariàvelmente preferia o bôlo de amêndoas.

Êste ano êle esperara que o seu aniversário passasse despercebido mas, dois dias atrás, ouvira a madrasta conversando com seu pai e falando em festa e em bôlo com dez velas. Sentiu-se pouco à vontade. Embora a madrasta não compreendesse, pelo menos seu pai *devia saber* que êle teria recordações neste primeiro aniversário depois da morte de sua mãe. Não culpava o pai. Afinal, êle casara logo com intenção de manter um lar para o filho. Pelo menos era o que os amigos e os vizinhos diziam. E Jocelina era bonita e muito mais moça do que sua mãe. Ela não pedira a Zèzinho para chamá-la de "mamãe", antes sugeriu que êle a tratasse apenas pelo nome. Mas não o faria; tratava-a por "Dona Jocelina" e dizia "sim, senhora" ou "não, senhora" com tôda a cerimônia e polidez, mas sem afeição. Ela, porém, não parecia compreender; quanto mais frio Zèzinho a tratava mais amável era para êle. E Zèzinho só queria que a madrasta o compreendesse e o deixasse em paz. Sabia o que ela estava querendo. Zèzinho e o pai sempre tinham sido muito amigos e estavam sempre juntos em tudo. Há muitos anos que iam pescar invariàvelmente nos sábados e domingos, quando o tempo estava bom, e, no outono, iam à caça sempre juntos. Mas tudo isto mudou quando o pai casou com Jocelina. Agora, o "velho" passava a maior parte do tempo trabalhando e, nos fins-de-semana, jogava gôlfe ou ia a alguma festa arranjada por Jocelina. Ela viera se intrometer entre Zèzinho e o pai, e parecia esforçar-se para que tudo continuasse assim. Zèzinho tinha a impressão de que ela estava arranjando as coisas de um jeito que a muito planejada viagem de pescaria que êle e o pai pretendiam fazer no verão fôsse transferida ou cancelada. Havia apenas uma leve claridade quando





Zèzinho deixou a estrada e tomou o atalho através do mato até à choupana onde êle e o pai costumavam deixar as bôlsas e os sanduíches guardados, enquanto pescavam. Algumas vêzes, o pai demorava mais em preparar-se e deixava então que êle pegasse um pouco o seu excelente caniço "Tomas" e ficasse experimentando, na lagoa, diante da choupana,

onde não havia perigo de que a linha se emaranhasse nos arbustos.

Aquêle caniço era o melhor que Zèzinho já vira na vida; com um caniço daqueles era possível atirar o anzol a uma distância enorme e com um simples movimento do pulso.

Lembrava-se bem de que, certa vez, pusera a isca para uma truta colossal e acertara; a truta mordeu a isca e êle conseguiu recolher a linha e segurar o peixe, tudo *sòzinho*!

Seu pai dizia sempre que êle sabia segurar o caniço como um perito!

Zèzinho tinha esperanças de algum dia possuir um caniço como aquêle *só para êle!*

A choupana estava úmida e desolada.

Zèzinho deixou suas coisas junto da parede e sentou numa banqueta para comer a primeira refeição, isto é, um sanduíche. Colocou a bôlsa sôbre os joelhos e abriu a tampa.

Havia algo errado ali!

Havia um pacote, na bôlsa, *que não fôra pôsto por êle*!

Era um pacote bem feito e amarrado por uma fita.

Zèzinho ficou um pouco desapontado. Olhou, sem jeito, para a porta na expectativa de que surgisse alguém.

No pacote havia um grande pedaço de bôlo de amêndoas, feito em casa. Zèzinho fêz uma cara de desdém e com as pontas dos dedos segurou o embrulho como se tivesse asco e colocou-o sôbre a extremidade da banqueta.

— Se ela pensa que eu vou comer isso...! — falou a meia-voz. E a sensação de vitória por ter burlado Jocelina desapareceu. Com certeza a esta hora ela devia estar rindo dêle e começou a comer o sanduíche que trouxera, embora tivesse perdido o apetite.

Agora já era dia claro.

Zèzinho estava sentado na margem da lagoa, diante da choupana, com um ar muito infeliz. De repente, ouviu um rumor na água e viu um rastro na correnteza.

— Deve ser algum peixe — pensou, animando-se.

E correu para apanhar o caniço. Continuou olhando as águas da lagoa, enquanto desembrulhava e tirava a capa de lona. Um papel, enrolado, caiu então a seus pés. Apanhou-o, era um bilhete, prêso a uma etiquêta de loja, e na qual leu a marca "Tomas".

Ficou espantado. Não compreendia! Era o caniço de seu pai que devia estar ali! Como podia ser? Então notou que o cabo estava novinho! *Aquêle não era o caniço de seu pai!* Leu a etiquêta com atenção: "Tomas" 8/1-4".

Tremendo de emoção e sem querer acreditar no que via — desenrolou o bilhete que caíra no chão.

E leu um recado escrito com letra feminina:

"Zèzinho, esta vara de pescar é exatamente igual à de seu pai. Espero que você goste e que se divirta muito, usando-a na viagem de pescaria dêste verão — Jocelina."

Zèzinho leu o bilhete mais de uma vez, vagarosamente. Depois pegou as peças de bambu e emendou-as atarrachando as pontas de metal, prendeu o carretel, ajeitou tudo e saiu para experimentar o presente.

As nuvens começavam a dispersar, o tempo melhorava!

Zèzinho ficou parado algum tempo, admirando, cheio de orgulho, o caniço novo, brilhando nas emendas de metal e com o cabo enrolado em corda de seda encarnada...

Lembrando as instruções do pai firmou o cotovêlo junto ao corpo, levantou a ponta da vara deixando cair a linha em perpendicular, esperou um pouco e então atirou para a frente. O gesto foi calmo, porém firme; nada de precipitações.

Zèzinho sorriu, não duvidava que o seu caniço fôsse até melhor do que o do seu pai. Então, êle ouviu outra vez um ruído na água. Ràpidamente, correu para a choupana em busca de isco e da bôlsa.



Quando passou a correia a tiracolo olhou para a banqueta e viu o pacote do bôlo.

Apanhou-o e, às pressas, desembrulhou, deu uma boa dentada e, feliz e sorrindo, disparou para a lagoa...

A TERRA VAI PARAR!



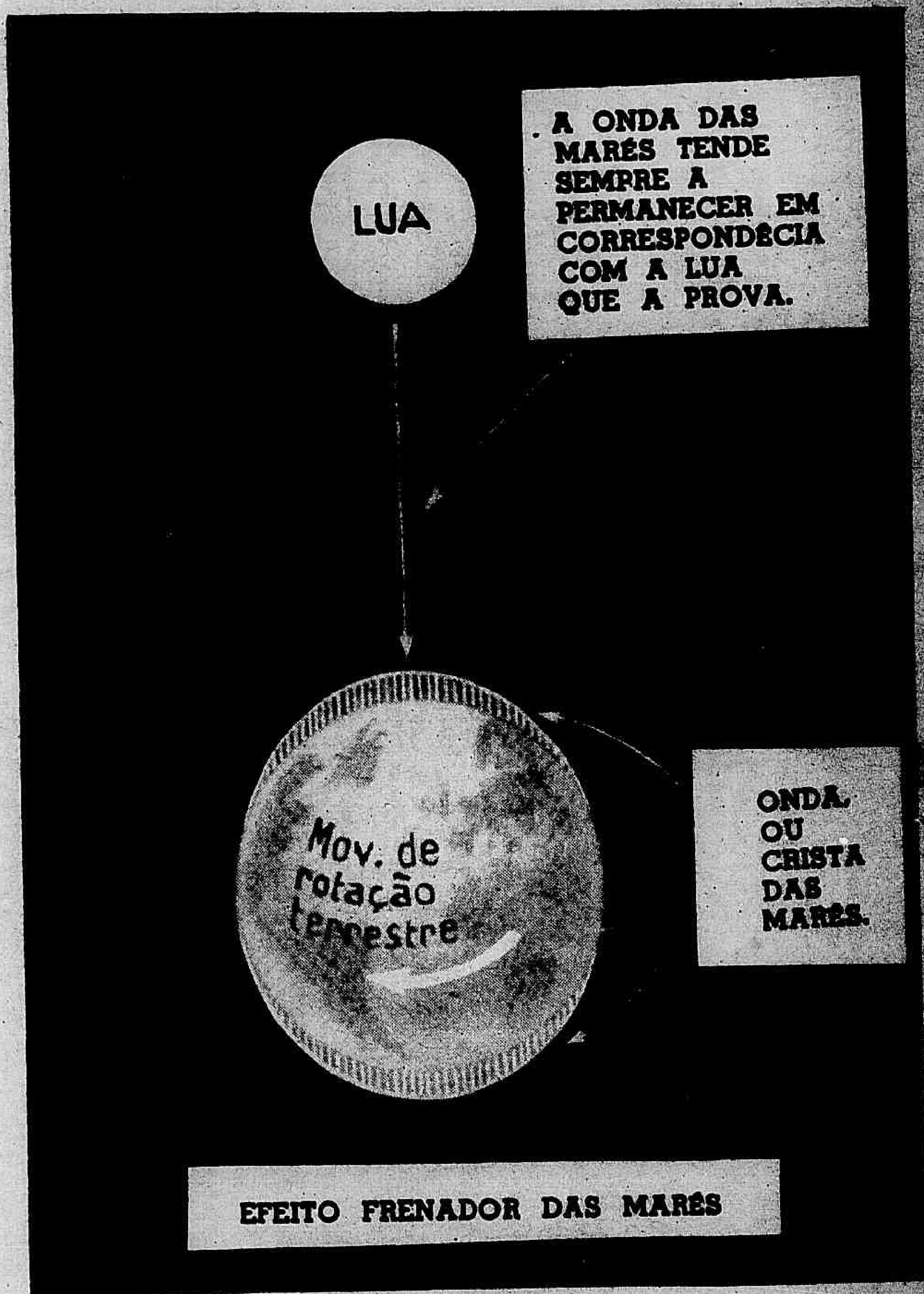
A Lua se afasta de nós ★ Nosso dia já não tem mais vinte-e-quatro horas ★ A nova unidade de tempo será o "chronie", que será o substituto do segundo.

O sr. Danjon, diretor do Observatório de Paris, concedeu a um jornalista francês uma das mais interessantes entrevistas científicas dos últimos tempos, em tôrno do que se passa nos domínios celestes em relação à Terra em que vivemos.

O assunto repontou quando estavam prestes a reunir-se em Roma os mais destacados elementos da União Astronômica Internacional, a fim de ali discutir a expulsão do "segundo" em nossos relógios.

E qual será a imediata conseqüência disso? O "dia médio" será substituído por outra unidade de tempo, o "novo dia", ou "dia novo", como quiserem. Essa nova medida do "chronos" será muito apropriada às nossas necessidades por ser infinitamente mais exata.

A explicação é muito simples: dado que a Terra se vai cansando em seu movimento de rotação, a hora vai ficando também *mais longa*. Num dia, é claro, essa diferença não tem possibilidade de percepção; mas, em séculos e séculos, torna-se apreciável. Acha aquêle astrônomo que o nosso atual *segundo* é uma falsidade como contagem de tempo, pois que um dia em 1954 é muito mais longo do que, por exemplo, um ano ao tempo



A principal responsável pelo progressivo retardamento da Terra no seu movimento de rotação é a Lua. Provoca o soerguimento grandioso da massa oceânica (as marés) entre a qual a Terra é forçada a girar como no interior de um travador. No curso dos milênios, êsse freio agindo contra o globo terrestre provoca um tal atrito que chega a alterar o período de duração da nossa unidade de medida do tempo.

dos antigos egípcios de antes da construção das pirâmides.

Mesmo comparado com os dias de quando Cristo evangelizava o Oriente próximo, os nossos são maiores, têm mais segundos. Em face disso, afirmam os astrônomos que o segundo atual é insuficientemente certo para nossas necessidades, sobretudo em física e em certos laboratórios em que os cálculos são feitos em milionésimos.

A conferência de Roma foi preparada pelo sr. A. Danjon, membro do Instituto e do Bureau das Longitudes, professor da Faculdade de Ciências e, como já dissemos, diretor do Observatório de Paris; passou êle dois anos a articular elementos, a organizar programas, a convidar para o conclave os mais famosos cientistas do mundo na especialidade. Preparou uma obra da maior importância sôbre o retardamento de rotação da Terra, livro que reflete estudos de três anos de pacientes observações, de buscas e cálculos.

Numa antecipação gentil, o astrônomo francês divulgou alguns dados relativos ao delicado problema submetido à apreciação dos sábios reunidos em Roma.

Se a Conferência adotar — informou êle ao repórter — o "chronie" em lugar do "segundo", ficaremos então com duas escalas de tempo simultâneamente em uso para duas espécies de efemérides: uma para o mundo inteiro, outra para um número restrito de especialistas. Acha mesmo o astrônomo que, de futuro, a unidade de tempo tem que ser uniformizada, tanto para a das efemérides, como para o tempo universal.

Segundo declarações do sr. Danjon a Terra se vai retardando em seu movimento de rotação, em três milésimos de segundo por ano, ou sejam trinta segundos por século e, finalmente, cinqüenta minutos em mil anos. Para ilustrar os seus informes apresenta o astrônomo os mais curiosos casos concretos.

Distância exata da Lua (30 vêzes o diâmetro da Terra.

— "Por exemplo, quando nos utilizamos — diz êle — de dados atuais sôbre movimentos do Sol e da Lua para calcular o instante de um eclipse verificado no tempo de Hiparco, 200 anos antes de Cristo, é preciso subtrair quatro horas do resultado."

Outro exemplo: de 1872 a 1903 o dia cresceu de dez milionésimos de um segundo. Em quarenta mil anos o Sol chegará ao zenite à meia-noite, isto é, quando nossa hora marca meio-dia será precisamente meia-noite!

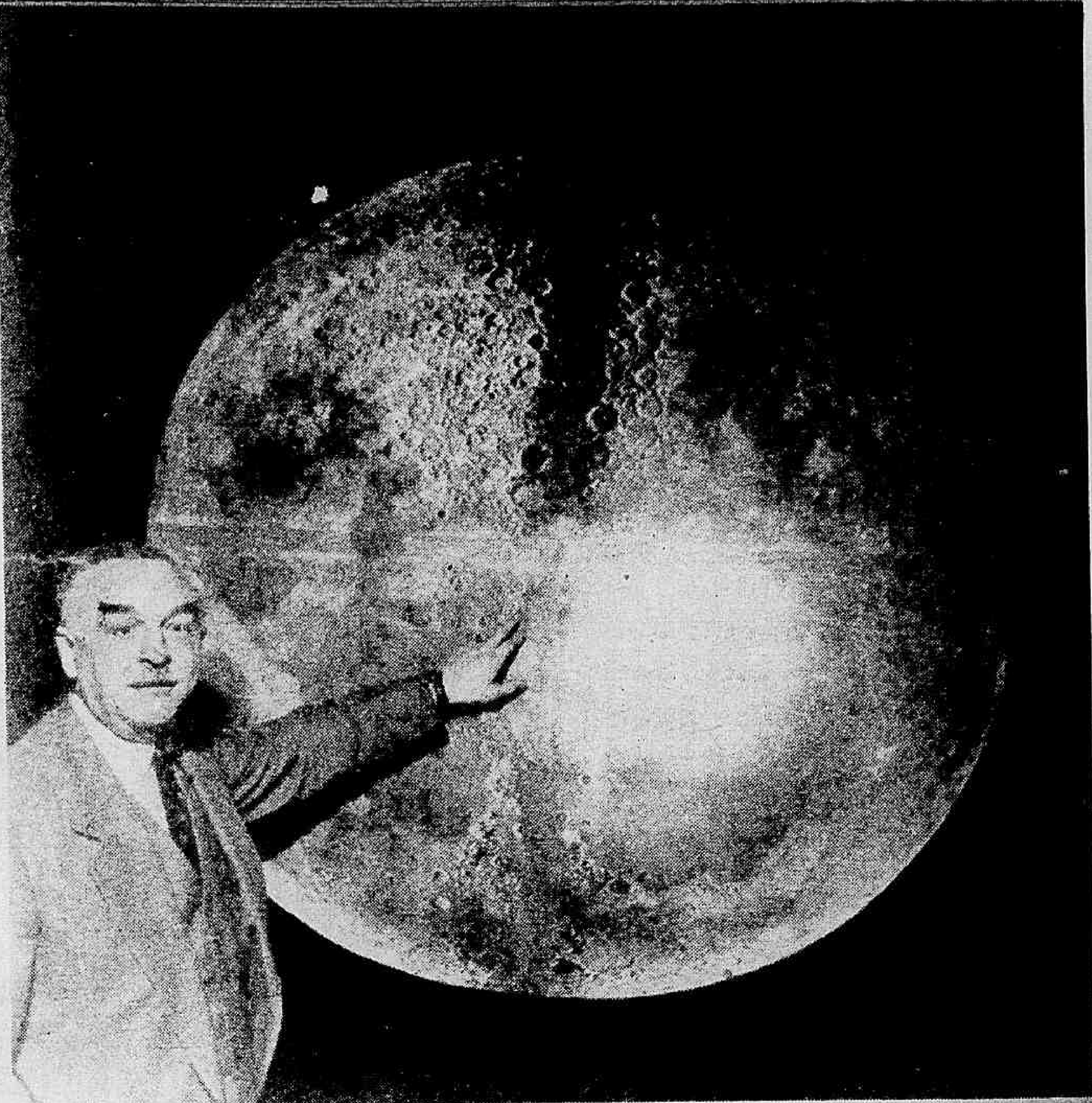
Mas, como teriam os astrônomos percebido êsse alongamento gradual do dia através dos séculos?

Eis o que esclarece o diretor do Observatório de Paris:

— "Desde há muitos séculos, vinham constatando os astrônomos inexplicáveis contradições entre observações astronômicas da escola de Alexandria (dois séculos depois de Cristo), da escola árabe de Babilônia e os da ciência moderna. Notaram que a duração das lunações não era constante. Seria possível admitir que todos os astrônomos de antigamente tivessem cometido, sem exceção, os mesmos erros? A explicação se tornou muito simples:

— "Em todos os observatórios do mundo entraram a procurar uma teoria idônea para explicar êsse estranho fenômeno. O astrônomo Lalande, que viveu em fins do século XVIII, havia apresentado uma hipótese que pareceu inverossímil em sua época e que ninguém aceitou: escreveu êle que todos os movimentos de marés do ocidente para o oriente e alguns outros fenômenos naturais, como o vento, podiam *"afetar o movimento de rotação da Terra e, por conseqüência, alterar um pouco a duração dos dias supostos uniformes"*, *desde tôda antiguidade*.

Assim pôde ser demonstrado que a Terra diminuía de velocidade em seu movimento de rotação, tornando se os nossos dias longos. Os resultados das observações foram decisivos e ficou provado que os astrônomos antigos



não haviam cometido nenhum êrro. O caso era êste: *êles trabalhavam em dias mais curtos do que os nossos!*

Foi preciso admitir, então, que a teoria de Lalande era uma surpreendente e genial antecipação! Aquêle astrônomo, embora houvesse descoberto o fenômeno, teòricamente, não o pôde ver na realidade. Levou anos a calcular a aceleração da Lua, *sem nunca ver que era a Terra que se retardava!*

A aceleração do Sol e dos planêtas assenta na mesma ilusão daquela da Lua: é a Terra que vai diminuindo sua velocidade de século em século. Os astrônomos estabeleceram que, entre 1852 e 1952, a duração do dia havia crescido de 0,00164 de segundo. Quanto às causas dêsse retardamento da Terra, vêem êles nos fenômenos das marés e nos atritos destas sôbre a crosta terrestre. Quanto menos profundo é um mar, tanto maior é o atrito. O mar de Behring, por exemplo, é responsável, sòmente êle, por sete décimos do efeito total!

Referindo-se aos gerais temores acêrca de um choque da Lua contra a Terra, pelo fato de se haver suposto que o satélite se aproximava do nosso planêta à razão de dois metros por século, esclareceu que isso é certo quanto à aproximação, mas falso quanto ao perigo de um choque. Explicou que as nossas atrações planetárias obedecem a um jôgo de aproximações, mas o fenômeno das marés age em sentido contrário. Por êsse motivo, a aproximação é contrabalançada pelo movimento das marés que anula aquêle risco.

Ao contrário do que acreditavam os antigos, a Lua não tem nenhuma possibilidade de chocar-se com a Terra. Ao contrário, ela se afasta alguns metros por século. Mas o cálculo correto ainda não foi concluído. E não é tudo! A esta variação secular de nosso planêta aliam-se flutuações desordenadas de caráter aleatório que escapam a tôdas as leis. Assim, o ano de 1900 foi mais longo do que o de 1918. Mas, perguntam os astrônomos: *"Sabemos que flutuações nos reserva a Terra nos séculos por vir?"*

Há mais de cem anos que a duração do dia não cessa de aumentar. A Terra é objeto de variações conforme as estações, e cuja amplitude pode atingir 0,12 de segundo.

De junho a novembro o dia real é mais curto que o dia médio, e o dia mais curto cai em setembro. Mas, de novembro a junho, é êle mais longo. Cai em março o dia mais comprido.

Depois de ouvir falar sôbre tudo isto, o jornalista perguntou ao sábio Danjon:

— Meu caro diretor; se a Terra vai perdendo assim a sua velocidade de rotação, chegará um dia em que ela vai parar de uma vez?"

— A Terra se imobilizará, sem dúvida, quando perder tôda a sua energia! — concluiu o sr. Danjon. — Mas não nos assustemos. Isso se dará só daqui a algumas centenas de milhões de anos...

QUE PERDERAM ÊLES?



TODOS nós, ocasionalmente, perdemos alguma coisa e torrentes de lágrimas correram através da História sôbre inumeráveis infortúnios. Aqui temos doze perguntas a respeito de coisas perdidas. Se o leitor puder responder a dez ou mais, provàvelmente é pessoa que sempre encontra o que perdeu.

1 — Quem perdeu Lot, quando escapava da destruição de Sodoma?

2 — A que se referia Tennyson, quando disse que era "melhor ter possuído e perdido que nunca ter tido"?

3 — Que perdeu Aquiles, quando foi ferido no calcanhar?

4 — Qual é o nome do "Continente Perdido"?

5 — Quem perdeu o noivo e só conseguiu encontrá-lo quando o mesmo estava morto?

6 — Qual foi o soberano que disse: "Tudo está perdido, menos a honra"?

7 — Quem escreveu o "Paraíso Perdido"?

8 — Qual foi a última batalha perdida por Napoleão I?

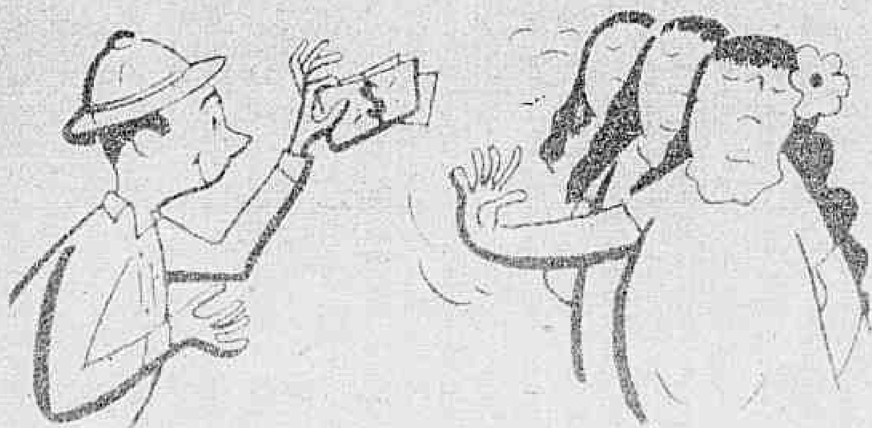
9 — Que províncias perdeu a França em favor da Prússia, em 1870?

10 — Que velho navio de guerra, brasileiro, desapareceu misteriosamente, em pleno Atlântico, quando era rebocado para a Inglaterra?

(Respostas na página 117)

* *

RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS



ESTA é uma grande verdade: a existência de maiores desejos ou necessidades estimula a realização de esforços maiores. E aqui está um bom exemplo. Numa fábrica, o gerente deu trabalho a vinte mulheres. Os serviços das mesmas foram completamente satisfatórios e sua constância impecável. Porém, ao fim de três meses, abandonaram o trabalho. Foi-lhes oferecido mais dinheiro e uma jornada mais curta, porém tudo em vão. Afinal, a gerência averiguou que as operárias consideravam suficiente o que haviam ganhado em três meses para satisfazer suas necessidades — e que não viam razão para continuar trabalhando. A fábrica conseguiu, então, que uma grande casa de encomendas pelo correio enviasse seu atraente catálogo a cada uma das antigas operárias. Não passou muito tempo sem que as vinte mulheres voltassem ao serviço.



Um baile na Grande Ópera de Paris, segundo uma pintura da época.

CURIOSIDADES SÔBRE O CARNAVAL

JÁ para o mês, no mundo inteiro, os homens festejarão, como nas primeiras idades da Humanidade, *a passagem do Inverno para a Primavera*.

Depois de haver adorado o Sol e a Terra, usaram processos mágicos para conseguir vigor físico, fertilidade e abundância, cedendo lugar, por algumas horas, aos instintos livres e terminando por *queimar* o Inverno em efígie...

Essa festa espantosa, o leitar também celebrará, talvez, pois que, sob o seu nome moderno, é o Carnaval.

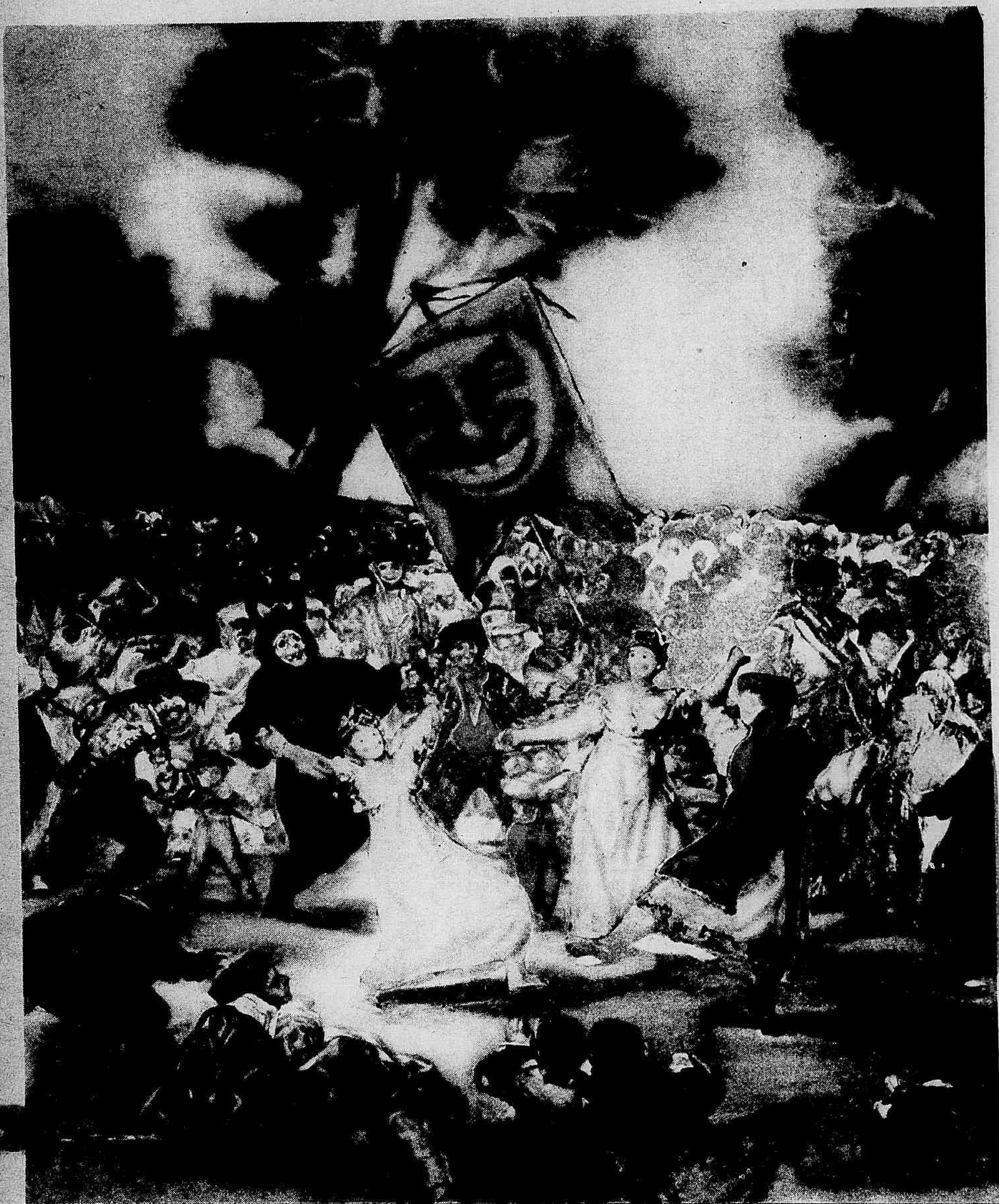
Ordinàriamente, querem alguns derivar o Carnaval das Bacanais gregas e das Saturnais romanas; na realidade, trata-se de festa muito mais antiga. Remonta ao tempo em que os homens acreditavam no poder mágico da representação e do simúlacro. Entre os ritos agrários havia, por exemplo, ao findar o inverno, o gesto do lavrador. Êsse gesto devia assegurar ricas colheitas. Da mesma forma, nessa época do ano, havia livre permissão para beber, comer e dançar.



Final considerado obrigatório por muitos, num baile de Carnaval. — (Desenho de autoria de Gavarni.)

Êsses excessos, pelo mesmo processo de "magia", deviam provocar a abundância e o bem-estar de que eram a mais alta expressão.

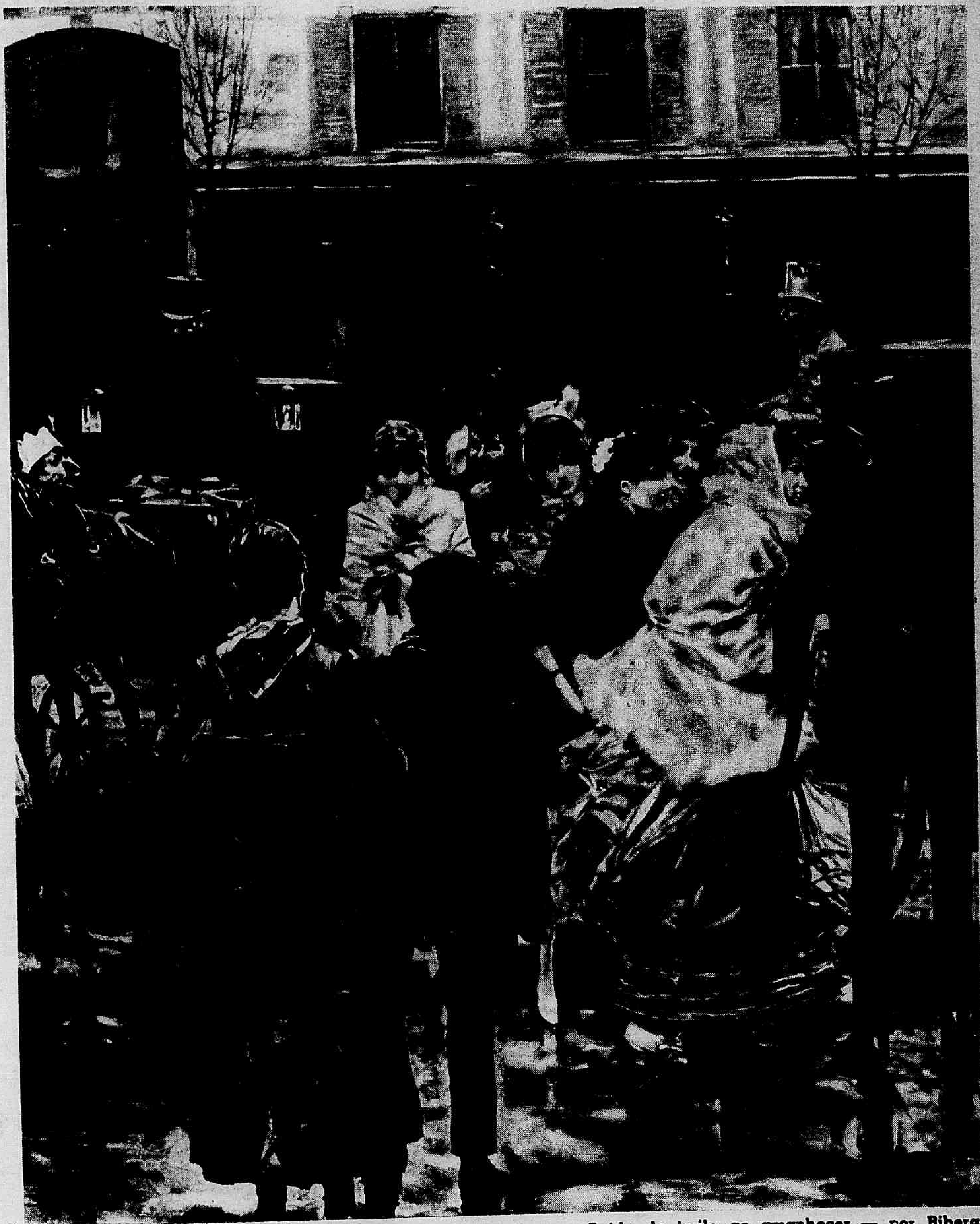
O erotismo nas canções e conversações era bastante farto e tinham por finalidade assegurar poder físico e fecundidade. Durante essas festas — e



«O entêrro da sardinha» — por Goya

para certas cerimônias — os homens cobriam o próprio corpo com uma pele de lôbo. Êsse disfarce significava que, por alguns dias, no momento da grande elevação da seiva, o homem deixaria agir livremente os seus baixos instintos. Dêsse disfarce ritual resta-nos, hoje, a fantasia e a máscara.

Os homens primitivos acreditavam que o sol não podia completar sòzinho o seu ciclo. Por isso procuravam *ajudá-lo* em sua marcha, *representando* um círculo ou *um movimento giratório*. Assim, eram organizadas procissões em redor das aldeias, carregando uma enorme roda inflamada. Mais tarde era obrigatório comer



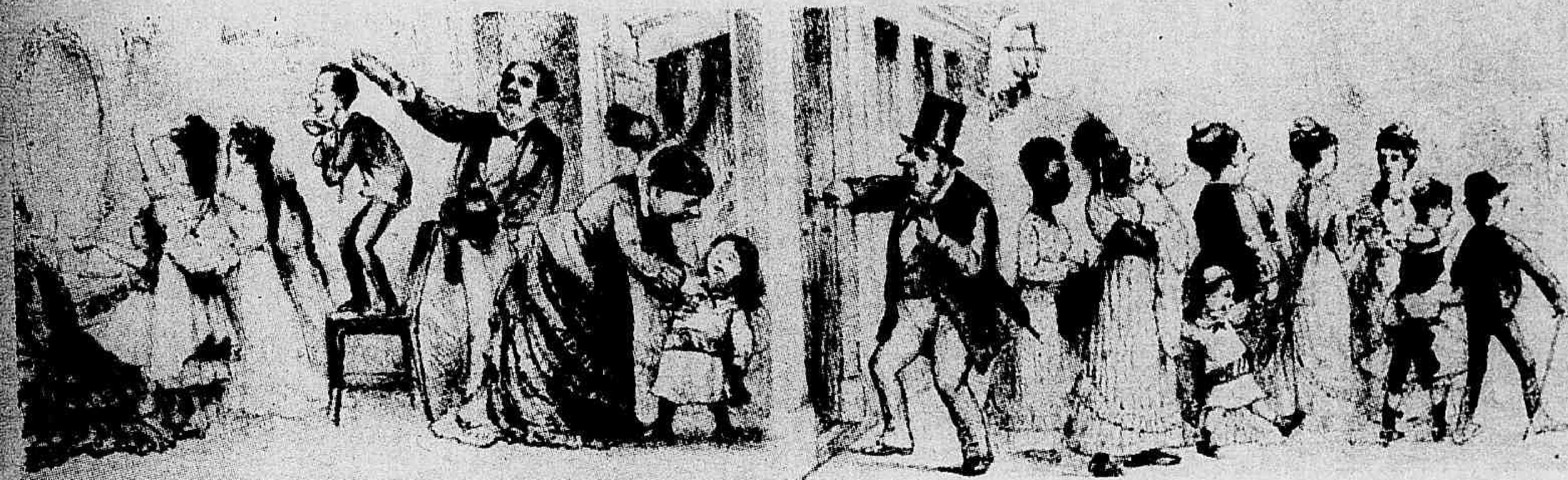
Saída do baile ao amanhecer — por Ribera

grandes rôscas, etc. Hoje, como última sobrevivência dessa crença temos as serpentinas, que não passam de discos volantes.

O boi-gordo dos europeus, equivalente ao nosso "bumba-meu-boi", eterno símbolo da agricultura, era além do mais um animal solar (no Egito o boi Apis representava o sol). Com êsse duplo título, era infalível a presença dêsse animal nos festejos rituais.

Em certas regiões confeccionavam um manequim grosseiro, de tecido e palha. Uma jovem desposada ateava-lhe fogo. Era

O CARNAVAL DE UM BURGUÊS NO RIO



— Com efeito! Ainda não estão prontas? Eu só quero ver como há de ser com os bondes! — Afinal somos todos mulher, quatro filhos, três meninas a ama e uma rapariga que não seria prudente deixar em casa.

a morte do Inverno! Hoje continuam a queimar os bonecos representativos do Carnaval.

Mais tarde, a Grécia — e depois Roma — adotaram em sua Mitologia essas cerimônias de mágica primitiva. Foram as Bacanais, as Lupercais, as Saturnais, com os gregos e romanos disfarçados em sátiros e monstruosos animais. Priapo era nelas largamente festejado e Tito-Lívio escreve: *"Homens e mulheres se entregavam a todos os excessos selvagens"*.

Finalmente, a Igreja "cristianizou" essas festas pagãs e declarou *que representavam divertimentos necessários ao povo que ia respeitar a Quaresma durante quarenta dias*. E para que a nova significação fôsse mais fàcilmente compreendida, batizou os últimos dias em que era permitido comer livremente: dias de *Carnis levamen*, isto é: uso de carne. De *Carnis Levamen* fizeram *Carnelevamen* e, finalmente, *Carnaval*.

Era na Itália que se festejava o Carnaval com maior entusiasmo. Em Roma, dois jogos de incrível selvageria eram realizados. Divertiam-se fazendo descer uma enorme carroça, pesadamente carregada de animais, por uma rua em ladeira. Tudo se esmagava, geralmente, contra a multidão reunida embaixo. Mas não havia tempo para conter os mortos, pois que os animais furiosos lançavam-se contra os espectadores. O sangue corria fartamente e os romanos (os que não haviam morrido) mostravam-se satisfeitíssimos.



Fui inflexível e tivemos de gramar a pé a cidade, onde suportei novo assalto. Eu não queria passar pela rua do Ouvidor, mas vá lá um respeitável cidadão convencer sua Eva e todos os filhos! Não era prudente passar por essa rua! Bem me dizia o coração. Tínhamos apenas dobrado a esquina quando uns pelintras começaram logo a bisnagar. Revesti-me de tôda a prudência e calei-me. Mas algum pareceu mais atrevido.

Em 1465, o papa Paulo II proibiu êsses jogos brutais. O comité dos festejos da época organizou então corridas infantis,

DE JANEIRO EM 1878

Desenho e legendas de
ÂNGELO AGOSTINI



E muito alegres e satisfeitos esperamos o primeiro bonde — Cheio! — E todos os mais, cheios também!
— Eu não disse? Tomar carro? A época não está para isso. Seriam necessários dois. — Mas papai...

de moços e de velhos... inteiramente nus. Mas a "chave" da festa era uma corrida de Judeus. Era a primeira vez em que êstes tomavam parte nos divertimentos carnavalescos. Antes tinham apenas o

desta, encontrada entre a multidão, era imediatamente levada ao carrosco, que se mantinha em serviço permanente. Despida imediatamente, recebia sôbre a pele várias chibatadas. Êsse espetáculo era



Não me contive. Precipitei-me contra o grupo... mas fui escorado com esguichos, que longe de me
acalmar, reacenderam meu furor. Gritos de mulher me fizeram voltar. Oh, céus! Oh, horror! Minhas
pretas estavam tôdas brancas e a família inteira vítima da mais tremenda seringação! As válvulas de uma
cólera extra-feroz abriram-se e atirei-me aos vândalos. Não sei o que se passou. Do que bem me lembro...

direito de... pagar tôdas as despesas com os festejos. Essa corrida alcançou tal êxito, que passou a ser realizada todos os anos. Montaigne e Erasmo, de passagem por Roma, nelas tomaram parte com prazer.

Mas não era o único divertimento *delicado* que se oferecia aos romanos, nesses dias alegres. Havia também enforcamentos.

Na falta de uma execução capital "prazer — escreveu um cronista — de que os malfeitores às vêzes privavam o povo romano", contentava-se êste com as *fustigações*... Tôda mulher considerada imo-

dos mais apreciados pelo público. No século XVI, os Romanos começaram a lançar maçãs, batatas e pêssegos, uns contra os outros, até que tais projetos foram substituídos por bombons e drágeas, cujo nome italiano é "confetti".

Nossos confetes de papel são muito mais recentes. Ainda ha pouco tempo, em Nice, atiravam confete de massa, como pas-



é que terminei no xadrez!

tilhas, que chegavam a causar lesões sérias, quando pegavam um ôlho do visado. Mas, de qualquer maneira, em França, os festejos eram um tanto mais delicados. Muito apreciada foi a moda do *Momo*, visita misteriosa, com vários mascarados, à casa das moças mais bonitas e que eram desafiadas a jogar o dado. Se perdiam tinham que dar um beijo no vencedor.

No século XVII, em Parma, foram organizadas as festas chamadas do "pega leitão". O animal era prêso a uma corda, no centro da praça. Doze concorrentes, com os olhos vendados e de varapau em punho, procuravam abater o animal. Em geral, antes do porco morrer, muita gente levava boas pauladas. Êsse espetáculo divertia a multidão, enquanto os feridos eram alvo da zombaria geral. Acontecia, às vêzes, haver morte de homem.

Em Paris, o Carnaval era pretexto para bailes suntuosos, oferecidos na côrte e Luís XIV tomava parte nos mesmos. No século XVIII, em Roma, a festa se tornou um tanto orgíaca e os papas se viram forçados a tomar medidas de disciplina. Por isso foi proibido "à canalha das ruas" tomar parte no *Corso*.

Durante a Regência, na França, eram permitidos todos os excessos e o príncipe de Orleans adorava misturar-se aos que dançavam, embora sob disfarce. E recomendava ao abade Dubois, seu eterno companheiro, que fôsse bastante familiar, a fim de melhor acentuar o seu disfarce. Dubois levou essa familiaridade ao ponto de lhe dar um pontapé.

— Ah, abade! — exclamou o Regente. — Disfarçais-me com exagêro!

Em 1745, em Nantes, duas pessoas causaram escândalo usando máscara... "com grandes bochechas e sem nariz" que o pudor não permite descrever mais exatamente. O caso causou tal escândalo que a Cúria exigiu que "quem conhecesse os culpados os apontasse imediatamente às autoridades", sob pena de excomunhão. Soubesse, então, que as máscaras tinham sido modeladas *d'après nature*. O modelador foi prêso e declarou haver modelado com a ajuda de sua própria espôsa! Os mascarados e o modelador foram presos e condenados ainda a pesada multa.

A Revolução proibiu o Carnaval. Pudera! O Carnaval contrariava as suas doutrinas. Bonaparte ressuscitou a festa, que se tornou de ano para ano mais brilhante.

Sendo uma festa universal, o Carnaval não é rìgidamente simultâneo em todo o mundo. Tem datas distintas, segundo as localidades e, se corresponde, em muitas partes, ao domingo da quinquagésima, em outras se antecipa até ficar mais próximo da primavera e se converte na *Micareme*. Em outras, ao contrário, avança mais, deixando de ser festa móvel, para fixar-se nos primeiros dias de fevereiro, por exemplo, como na cidade alemã de Rottwell, no Wurtemberg. Mas, ali, o Carnaval é uma festa histórica, cuja origem remonta à Idade-Média, com o nome de "Reunião de Loucos" e os cortejos reproduzem o velho *folclore* local.

Na Inglaterra não há, durante o Carnaval, festejos públicos, havendo apenas alguns bailes familiares. O Carnaval russo consiste em exibições de animais amestrados e feiras, com leilões de prendas e bailados folclóricos. No Haiti, os negros se disfarçam com máscaras com as feições da raça branca. Em certas tribos do interior do Brasil, seus componentes se disfarçam com cabeças de touros, porcos, etc, cobrindo o corpo com roupas de palha, de côres bem vivas.

Já os árabes celebram o seu Carnaval à noite, no mês do Moharrem, primeiro do ano muçulmano. As mascaradas são muito engraçadas, enquanto as bailarinas executem caprichosos bailados.

O Carnaval dos povos eslavos reproduz uma multidão de costumes, todos de origem evidentemente paga. A mascarada do urso é popular em tôdas as aldeias da Boêmia e Moravia. O urso, com o seu dono e seu cortejo, passeam pela cidade, detendo-se em tôdas as casas para pedir dinheiro e beber à saúde dos moradores, obrigando as mulheres da casa a dançar.

Os residentes nas montanhas da Boêmia dizem que êsses passeios e mascaradas em que o urso desempenha papel central

são uma paródia das grandes batidas que seus antepassados tiveram que fazer, na época em que os ursos abundavam naquelas regiões. Muitos camponeses boêmios contraem matrimônio durante o Carnaval. Em algumas cidades da Áustria só as crianças celebram o Carnaval, percorrendo as ruas com fantasias de luxo, sendo então organizados concursos e bailes infantis. As crianças elegem a "Rainha do Carnaval", que preside tôdas as festas, rodeada de pagens e damas de honra. No último dia queimam na praça principal um grande boneco, que representa Momo, enquanto as crianças cantam e dançam em redor da imensa fogueira.

Falar do nosso Carnaval, do Carnaval carioca principalmente, julgamos suficiente dizer que êste ano, a cidade celebrará o primeiro centenário dos primeiros carros alegóricos que percorreram as ruas do Rio de Janeiro. Quanto ao que foi o nosso mundialmente famoso Carnaval, deixamos falar o *crayon* de Ângelo Agostini, que nos descreve, incomparàvelmente, o Carnaval de um Burguês em 1879, conforme reproduzimos, desenho e legendas.

★ ★

ORIGINALÍSSIMO

— Que está escrevendo? — perguntaram certa vez ao novelista Ernest Hemingway.

— Uma novela de tema completamente novo — respondeu. — Inspirei-me numa película cinematográfica extraída de um dos meus livros.

O "FABRICANTE" DE CAVALOS

O menino foi ao campo com seus pais, visitar a família. Ao voltar contava à avó que havia visto na fazenda a coisa mais extraordinária dêste mundo: **um homem que fabricava cavalos!**

— Ora, meu bem. Você está sonhando... — disse a avó.

— Afirmo que é verdade! — exclamou o netinho. — Quando cheguei êle acabava de pregar os pés.



São patrício, apóstolo da Irlanda, pregando ante o rei Laugano e sua côrte, em Tara, apresentou-lhes uma fôlha de trevo para explicar o Mistério de Deus, Trino e Uno. Desde então, o trevo passou a ser o emblema da Irlanda.

PORTA-AVIÕES "NEW LOOK"



O problema do espaço numa nave porta-aviões parece notàvelmente simplificado por um novo tipo de tombadilho-pista, sôbre a qual os aparelhos pousam em diagonal. Agora uma vasta área ficará livre para os aparelhos prontos para a ação. O clichê mostra o novo tombadilho do «Antietam». A linha diagonal indica a pista de aterrissagem.

BONS VOTOS...

Paul Claudel, o grande escritor francês, estava gravemente enfêrmo. Um admirador, tão cheio de zêlo como escasso de tato, enviou-lhe o seguinte telegrama:

«— Desolado por sabê-lo agonizante. Rogo pensar em mim quando chegar ao Céu.»

Claudel respondeu:

«— Obrigado por sua confiança. Farei um nó em minha mortalha para não esquecer seu pedido.»

ANTES E DEPOIS DO *TRATAMENTO*

Estando em El Trompillo, uma mulher humilde se aproximou de Juan Vicente Gómez para dizer-lhe:

— General: meu marido está prêso no Castelo Libertador há mais de quatro anos, porque foi acusado de haver conspirado contra o senhor. É uma falsidade, pois afirmo que é inocente.

Gómez prometeu soltar o indivíduo, porém logo que a mulher se afastou decidiu não fazê-lo, explicando:

— O prêso era então inocente, mas depois de quatro anos de prisão, certamente é meu inimigo.



«No meio do terrível bombardeio de Londres descobriram uma coisa importante.»

SÔBRE O HORIZONTE

Por NELIA GARDNER WHITE



Mrs. White

"O sábio atinge o *é*, sem esquecer o *foi* nem o *será*" — F. Smith

HÁ onze anos, em Londres, numa noite em que as baterias antiaéreas tornavam o ambiente ensurdecedor, sentei em meu leito, a fim de ler um livro, que me fôra oferecido por um amigo, e meus olhos descobriram essas palavras. Eram palavras imaginadas pelo escritor, muito tempo antes, mas que chegavam ao meu conhecimento como se tivessem sido pensadas por tôda a Humanidade, em todos os tempos — e hoje ainda continuam a fazer parte do meu pensamento.

Nelas encontrei uma esperançosa explicação e um aviso de que o «agora» é muito importante... se podemos combiná-lo com um nítido sentido do passado e do futuro. Uma alegria imediata, como a das flores do campo, não chega a ser suficiente para nenhum de nós. É preciso saber olhar **sôbre o horizonte**. Assim podemos lembrar e ter esperança. Sòmente assim podemos incorporar no imediato presente, tudo o que aprendemos ou visionamos através de tôda existência, vivendo, lendo e pensando. Mais que todos os nossos sonhos e visões, predomina o destino. Falhando êste, o presente também falha, e o homem se torna também falho e inútil.

Em nosso tempo, quando as nossas **visões** parecem repentinamente cortadas e nos sentimos desamparados, essas palavras ganham mais fôrça e reanimam nossa vontade. A vida ganha novos horizontes e surgem novas finalidades, se começarmos o dia, dizendo: «Hoje **sou**... mas ontem **era**... e amanhã terei que ser!»

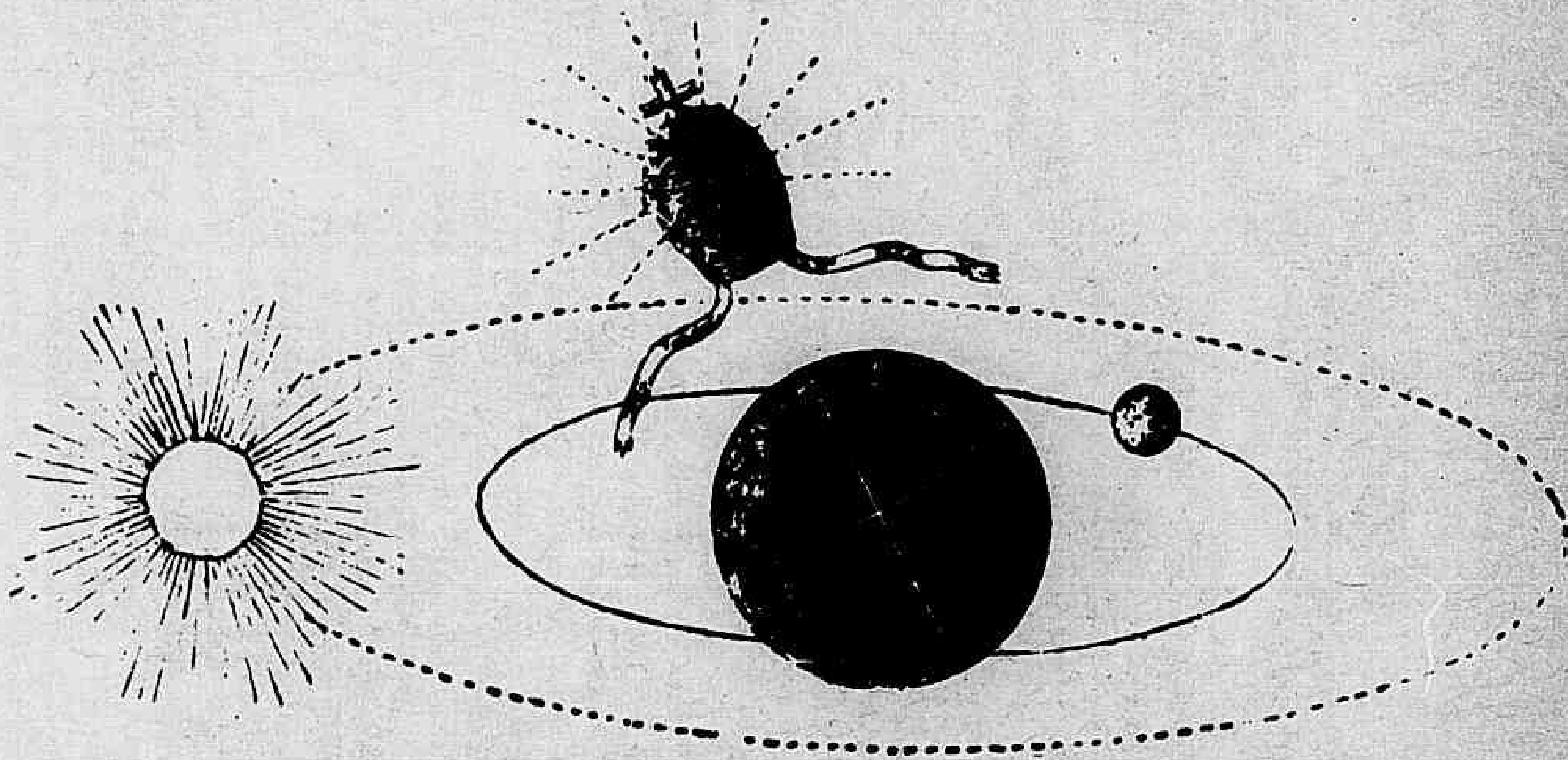
MARAVILHAS DA CIÊNCIA

OS VATICÍNIOS TENTAM SUBJUGAR O DESTINO HUMANO

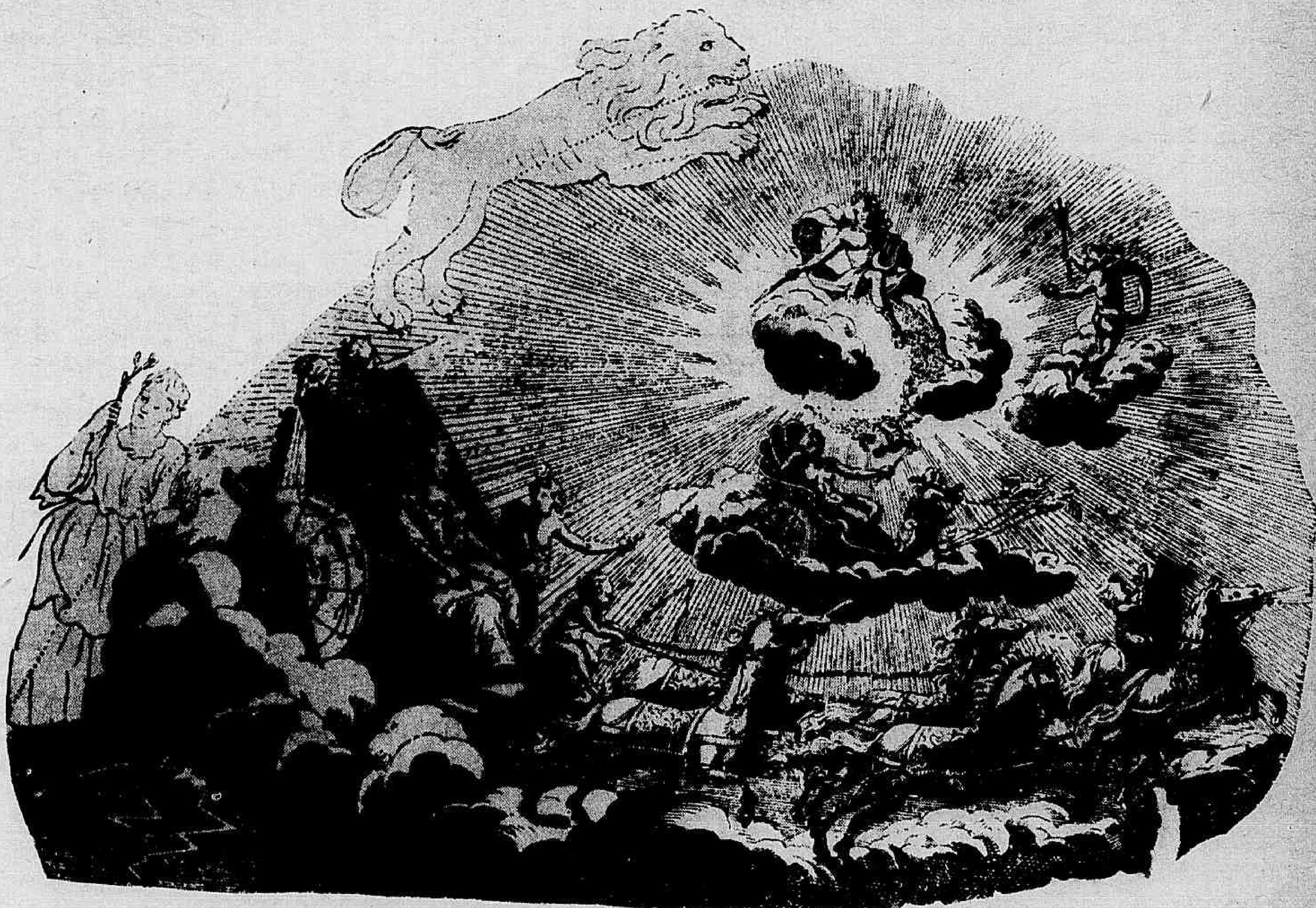
AS VÍTIMAS DAS PROFECIAS CABALÍSTICAS

Por DE MATTOS PINTO

UM dos impulsos mais secretos do homem consiste em buscar os motivos da existência, que dirigem os acidentes do corpo e as vicissitudes da alma, na passagem do tempo. Ignorantes da sua origem e do seu desfecho, as gerações solicitaram do firmamento, a explicação e as regras, o sentido e as leis do destino. Os sistemas mitológicos pouco satisfaziam a curiosidade de localizar o princípio primeiro, que instiga os cálculos da razão humana. Os povos se convenceram de que todo acontecimento terrestre



Antes da terra heliocêntrica de Copernico, representavam o sistema do mundo, com a Terra imóvel, em volta da qual giravam o Sol e a Lua, enquanto a Tiara do Papado pairava sôbre o eixo do mundo.



Ainda no século XVIII, os espíritos fantasiosos e imbuídos de simbolismos cabalísticos, representavam a Terra, a Lua, os planêtas Venus e Mercúrio, como personagens vogando em carruagens pelo espaço celeste.



A Sibila de Eritréia — conforme o quadro de Miguel Angelo, na Capela Sixtina do Vaticano. As Sibilas ousavam predizer o futuro

corresponde a outro fato celeste e que indomável vínculo funde as paixões sociais ao Cosmos. Gentes triviais e majestades, populares e monarcas, camponeses e entes cultos, desde o oleiro humilde aos potentados como Tibério e Sétimo Severo, recorreram aos astros, na ânsia de conquistar os segredos do porvir, de surpreender os episódios risonhos e dramáticos, que nos assaltam de repente. Com fins impressionadores e mágicos, os videntes utilizaram o astrolábio e descobriram nas figuras cosmográficas todo um arsenal de signos que comandam as peripécias da vida.

A adivinhação reinou nos palácios da Nívia, entre os jardins da Babilônia; viveu sob os pórticos de Atenas e às margens latinas do Tibre, como ainda sugestiona o contemporâneo do arranhacéu e das explosões atômicas. Todos os esplendores da civilização industrial não impedem o inconsciente de suplicar aos eleitos da Kabala, as mesmas profecias que torturaram Luís XI e Catarina de Medicis.

A MÍSTICA ASTRAL NO EGITO, ASSÍRIA E BABILÔNIA

Nada há mais difícil do que fixar a cronologia das superstições e estabelecer a hora do nascimento de um êrro psicológico.

Quanto à astromancia, a lenda acusa a Cham, o segundo filho de Noé, irmão de Sem e de Jafé, de haver criado os princípios, depois da aventura do Dilúvio. Semelhante hipótese pode convir ao colecionador de fábulas, nunca ao filósofo, que investiga a metamorfose dos sentimentos e que explora a origem física dos mitos.

A prática astrológica registra uma antiguidade de cinco mil anos, antes da nossa era, posterior às primeiras observações astronômicas efetuadas pelos Caldeus. A "Lei de Saros" facilitava a previsão dos eclipses, há milhares de anos, o que robustece a certeza de que os conhecimentos astronômicos precederam os devaneios da astrologia. Os egípcios herdaram, da Caldeia, o costume de interrogar as estrêlas com intenções proféticas e o uso se arraigou tanto que os eruditos sagrados se especializaram na arte de consultar os signos. Passaram a acreditar na influência benéfica e malfazeja do céu, da mesma forma que oravam a Osíris e a Amon. Na Assíria, os astrólogos impuseram a sua doutrina entre o povo e acabaram por se instalar no palácio real com tôdas as honrarias.

A propósito de um fenômeno astronômico real, anunciou Arasilu, o Antigo:

"No dia 14 do mês, terá lugar um eclipse. Desgraça para os países de Elam e da Síria, mas felicidades ao rei. O rei fique tranquilo. Vênus não será visível, mas digo ao meu senhor que haverá um eclipse."

A mística sideral existia francamente sob o reinado de Sargão I, três mil e oitocentos anos antes de Cristo. Data dessa época o precioso tratado de astrologia, que os arqueólogos descobriram nas ruínas de Nívia. Os intérpretes compunham verdadeiros relatórios, cheios de minúcias proféticas, destinadas aos soberanos, sempre receiosos da sorte no apogeu do poder.

O Museu Britânico guarda como relíquias da vaidade humana, centenas de documentos, que R. C. Thompson coligiu e comentou em dois volumes.

De 722 a 607 antes da nossa era, os astrólogos adquiriram enorme prestígio, patrocinados pela Dinastia Sargônica. Assaradão e Assurbanipal, que reinaram, respectivamente, de 681 a 668, de 663 a 626, antes de Cristo, concederam aos adivinhos cosmográficos especiais favores, tolerando-os e mesmo estimulando os seus trabalhos.

Os Caldeus partilharam o zodíaco em doze signos, subdivididos em gênero feminino e gênero masculino. Faziam depender o futuro da criança da posição das estrêlas e do Sol, na hora do nascimento, extravagância que desperta o sorriso do fisiologista, do biólogo e do psiquiatra. A Constelação da Balança dirige as coisas da Justiça, aquela do Touro significa as maravilhas do poder, enquanto os pastôres e os rebanhos recebem o influxo de Aries. A Constelação do Leão age sôbre a audácia e os heróis, enquanto os maus instintos se relacionam com o Escorpião. Para cada signo do zodíaco, há um presságio que lhe compete, um determinismo fatal e irremediável. As cidades de Borsppa, Erech e Sippar-



Os rudes soldados do Império Romano, que criaram uma das mais robustas civilizações da Antiguidade, temiam os oráculos e as profecias cabalísticas.

Nippur tornaram-se famosas pelas suas escolas de astrologia como se fizeram célebres Atenas e Alexandria pelos seus filósofos.

Fala Nirhal-itir: *"Quando um halo envolver a Lua e Júpiter estiver no seu interior, o rei de Accad será sitiado".*

As previsões tratavam de múltiplas eventualidades, fatos particulares e genéricos. O mesmo astrólogo Nirhal-itir assim se expressou:

"— Mercúrio está visível. Quando Mercúrio é visível no mês de Kislu, há malfeitores no país."

Depois do Império Assírio, a astromancia predominou na Babilônia, cujos guerreiros e reis a veneravam. Belus, monarca babilônico, asseverava aos filhos:

"— Li no registro do céu tudo o que vos deve acontecer e aos vossos descendentes."

Na legendária cidade de Eufrates, os vaticinadores existiam desde dois mil e trezentos anos antes de Cristo, até Nabucodonosor, 606 a 561. "Luz de Belus", assim se chamava uma coleção de preceitos astrológicos de uma alta antiguidade. Na China e na Índia, a origem do horóscopo perde-se e confunde-se com as tradições populares, as mais remotas.



A VAIDADE DO HOMEM SONHA COM INFLUÊNCIAS OCULTAS

Os defensores da astrologia contestam que a mesma seja uma superstição e qualificam-na entre os estados religiosos, produto de uma síntese ideal do mundo, que tenta unir o homem ao céu por liames materiais. Entre os helenos, encontramo-la antes como o louco jôgo do espírito, que se abandona ao desregramento especulativo, do que como uma verdade mística.

Pitágoras, o filósofo de Samos, que a lenda diz ter viajado pela Ásia Menor, Egito, Caldéia e Grécia, tomou conhecimento da astromancia na sua viagem pela Índia, mas prescreveu o silêncio aos seus discípulos. E, no entanto, o uso do horóscopo se difundiu em tôda

Os amantes do passado sonhavam com a influência benéfica e malfazeja dos astros nos seus devaneios sob a luz das estrêlas.

a Grécia, isso em virtude das obras de dois homens, Manetão e Beroso. O primeiro, sacerdote egípcio do século III, antes de Cristo, escreveu uma "História do Egito", que narra o começo da civilização faraônica, desde o berço até aos dias de Alexandre. O segundo deixou as margens do Eufrates, no ano 280 antes da idade atual e refugiou-se na Grécia, particularmente na Ilha de Cos, onde angariou discípulos. Divulgou na sua "História da Babilônia", a suposta arte dos adivinhos caldeus. Outros elementos obtidos na China, Índia e Assíria, comprovam que nem sempre o método astrológico se resumiu na fórmula (que agora apresenta) de *uma superstição forjada pela lógica humana, sôbre fatos errôneamente interpretados*.



Os povos antigos consideravam a hora da Meia-Noite, como uma hora fatídica e de assombrações, em que astrólogos adivinhavam a sorte.

A astromancia natural oferecia como objetivo o estudo da atmosfera, os movimentos do ar, as chuvas, o verão, as trombas, o frio, o calor, os fenômenos da natureza, que interessam aos homens na luta contra as investidas do clima. O progresso das observações trouxe a astromancia judiciária, com suas ousadias adivinhatórias, ligando o futuro da vida humana aos aspetos dos astros.

A astronomia absorveu a primeira ordem de fenômenos, pois as estações dependem do movimento da Terra, os climas resultam das latitudes e a meteorologia impossibilita, hoje, que um astrólogo planeje vaticinar o tempo. A astrologia natural perdurou através das gerações, *porque se nutre exclusivamente do fundo passional da humanidade, das fôrças ocultas e imponderáveis da alma*, cujo nível de compreensão muda com a vitalidade de raciocínio dos indivíduos e das camadas sociais. Nem tôda a filosofia grega pôde deter a invasão dos astrólogos, confiantes nos excessos da ignorância coletiva. No poema "Fenômenos", que data de dois mil e trezentos anos, Aratus cantou a influência das Constelações e da Lua. Hipócrates, o codificador da medicina, redigiu além dos seus trabalhos sôbre os ares, as fraturas e as águas, um "Tratado dos Sonhos".

Se o universal e onisciente Aristóteles não se dedicou à astrologia, ao menos compôs um "Tratado de Adivinhação Para os Sonhos". Da Grécia, os fabri-

cantes de horóscopos invadiram a península latina e produziram tantas extravagâncias, que o Édito do Ano 139 os expulsou de Roma.

De 106 a 43 antes de Cristo, viveu o notável orador latino Cícero e todos sabem que, entre os seus livros, há um "Tratado de Adivinhação". A astrologia perdera na Grécia o seu caráter aristocrático, de doutrina privilegiada de uma casta, como se dava entre os caldeus. Entre os romanos caiu no domínio popular, as massas de plebeus absorveram-na, exageraram as suas consequências e divorciou-se da sua irmã, a astrologia natural.

Quando idealizou as "Geórgicas", o poeta Vergílio se lembrou dos signos caldaicos e forneceu, aos agricultores romanos, muitas fórmulas interessantes para o estudioso de *folclore* e destituídas do mais elementar racionalismo. Otávio, que se deveria celebrizar mais tarde com o nome de Augusto, primeiro imperador romano, consultou o astrólogo Teagenes, que lhe vaticinou o poder imperial. O poeta Manilius, contemporâneo de Augusto e de Tibério, inseriu no poema "Astronômicas", as regras proféticas dos caldeus.

Por muito tempo, os astros continuaram sendo numes tutelares das esperanças, ódios, ambições políticas e familiares, vinditas, rixas e guerras da humanidade. Depois dos seus triunfos militares sôbre os Germanos, descontente com a política do imperador Augusto, exilou-se Tibério. Nos sete anos que viveu solitário em Rodes, conheceu Thrasyllus, comentador de Platão e de Demócrito, que proferia astuciosamente, entre as verdades filosóficas, os prognósitcos da astromancia. Tibério ouviu a bajuladora predição de que viria a suceder a Augusto e, em seguida, pensou em matar o astrólogo, como uma testemunha indiscreta:

"— Pois que és tão hábil, poderás saber quanto te resta de vida?"

O astrólogo fixou a sombria face do marido de Júlia e replicou:

"— Creio que nesta mesma hora estou ameaçado de grande desgraça."

Tibério deixou-o em paz e regressou a Roma, repleto de ambição e crueldade. A êsse episódio referido pelo historiador latino Tácito, podemos acrescentar muitas outras provas da superstição entre os grandes senhores da antiguidade.

O IMPERADOR SÉTIMO SEVERO E O REI LUIS XI ENTRE OS VICIADOS DA ASTROLOGIA

Na idade atual, podemos recorrer com utilidade a Plínio, cuja vida decorreu de 23 a 79 depois do Cristianismo. A sua "História Natural" contém repetidos e numerosos preceitos astrológicos sôbre a vida agrícola, como os singulares conselhos *para semear as favas na Lua-Cheia e as lentilhas na conjunção do satélite.*

Por intermédio de Plínio, sabemos que a Estrêla Procyon governa a colheita das vindimas, fato absurdo mesmo para a antiguidade e que só pode nascer dos fanatismos da imaginação cabalística. O mesmo delírio deparamos em Faustina, mulher de Marco-Aurélio, que, para extinguir a paixão por um gladiador, o fêz matar, a conselho do oráculo, e banhou-se no sangue da vítima.

Antes de ser proclamado imperador, Sétimo Severo tirou horóscopo, ansioso de saber se algum dia substituiria o poderoso Comodo.

Depois que floresceu o Cristianismo, que repudiou a mistificação astrológica, os intérpretes da doutrina aliaram-se aos adeptos da magia e de outros ramos das pretensiosas ciências ocultas. Os Concílios de Laodicéia e de Arles, em 314 e 366, depois os Concílios de Aagda e de Orleans, em 505 e 511, condenaram as consultas aos astros com fins de vaticínios e de influenciar a conduta dos sêres humanos. Nada refreou a credulidade do público, que continuou a estabelecer ciclos cronológicos entre as proezas materiais do homem e as configurações celestes. O astrônomo e geógrafo grego Cláudio Ptolomeu, que tratou de astronomia, óptica, geometria, música, cronologia, cartografia e geografia, também se deixou sugestionar pela astúcia dos símbolos caldaicos a ponto de escrever os "Quatro Livros", em cujas páginas qualifica os planêtas de *femininos* e *masculinos*, planetas *noturnos* e *diurnos*. Legou aos vi-

ciados o tratado astrológico *Tetrabiblon*, prescrevendo a consulta do horóscopo para saber a hora exata em que nasceu uma criança, preferindo-o aos quadrantes e aos clepsidras.

Inerte pela sua própria natureza, a ignorância conserva e perpetua os mitos, melhor do que os compêndios e transmite-os às gerações futuras.

No século XV, vemos o ambicioso Luís XI, que monopolizou o exército, as finanças, a justiça, cuja vontade demoliu o poderio dos senhores feudais e preparou a unidade da monarquia francesa, cometer a fraqueza de auscultar os oráculos. Certo dia, inquiriu de mau-humor ao astrólogo predileto:

"— Conheceis o instante da tua morte?"

O manipulador de vaticínios, que conhecia o caráter maligno do soberano, respondeu inspirado:

"— Morrerei três dias antes de Vossa Majestade."

O crédulo Luís XI, que desafiava a cólera dos barões feudais e dos insolentes marqueses, passou a tratar o astrólogo com tôdas as reverências e cuidados materiais, para evitar que, perecendo o mesmo, a morte o arrebatasse três dias depois.

Johannes Stoffer, que professava matemática e astromancia ao mesmo tempo, ousou predizer outro dilúvio para o mês de fevereiro de 1524. Observara que Marte, Júpiter e Saturno, entrariam em conjunção na linha da Constelação dos Peixes, sinal lúgubre de águas diluvianas. A profecia repercutiu fundamente entre a multidão e massas compactas de habitantes litoreanos fugiram para as montanhas. Houve mesmo quem construísse uma arca, com apartamentos para uma família e animais.



A gravura que estampamos acima representa o Planêta Marte, conforme os desenhistas inspirados pelos vaticínios astrológicos.

O duque Urbino ordenou ao matemático e filósofo holandês Paoli de Middelburg que escrevesse um livro contestando o novo dilúvio.

A ignorância desconhece limites, na sua vertigem de inventar fantasmagorias, que se desmancham ao toque da realidade física e do mais simples racionalismo.

PROCURANDO O DESTINO NO ZODÍACO

Dentro da Renascença, apreciamos o espetáculo de Carlos Quinto, o conquistador de Tunis e o vencedor de Francisco I, estudar sèriamente a astrologia. Mandou construir um educandário, o "Colégio do Mestre Gervais", no qual ensinavam a decifrar os signos do zodíaco.

Enquanto isso se passava na Espanha, outros episódios do mesmo gênero sucediam na França. Apesar das suas intrigas entre os austríacos, os guises e os espanhóis, Catarina de Médicis achava tempo para se dedicar ao exame das regras cabalísticas, que desvendavam o segrêdo do destino. Quando Michel de Notredame, cognominado de "Nostradamus" publicou, no ano de 1555, os avisos simbólicos da "Centúrias", a rainha o chamou à côrte, envolvendo-o de especiais considerações. Edificaram uma espécie de observatório, para Nostradamus examinar as figuras do firmamento e os presságios terríficos das Constelações. Então, os conceitos mais estapafúrdios pululam através do povo, cuja incapacidade de criticar e analisar os conteúdos ideológicos, aceitava tudo como postulados sobrenaturais. Do influxo do Sol dependem os reis e a fortuna real, os

príncipes, as grandes senhoras, o mando, o poder absoluto e o fastígio político. Mercúrio exerce atração sôbre os historiadores, geômetras, poetas, físicos, financistas, inventores, o comércio e a arte. Pertencem a Vênus, os cabeleireiros, os lojistas, os amôres, o prazer, a satisfação e a alegria dos sentidos. Sob o signo de Marte, vivem os químicos, os cozinheiros, os ourives, os revolucionários, os médicos, os guerreiros e tôdas as coisas ligadas ao uso do fogo. Júpiter comanda a fila dos magistrados, pensadores, diplomatas, filósofos, significando a vida longa e a felicidade moral. Obedecem a Saturno, os rendeiros, os eclesiastas, os avarentos, os egoístas, os solitários, os tartufos e velhos. A Lua enfraquece os temperamentos, produz os males do cérebro, enquanto que a majestosa Via-Láctea distribui os benefícios.

Compreendem todos os povos modernos, que, numa época em que ainda reinava a concepção da imobilidade terrestre, centro do Universo, os astrólogos inventassem semelhantes atentados à inteligência, à física experimental e à psicologia social. Os reis e os príncipes ainda mantinham no seio da Côrte, a companhia dos oráculos, encarregados de lançar os presságios do reino.

Em 1572 apareceu, de súbito, uma estrêla nova na Constelação de Cassipeia. O fenômeno causou muito espanto e imaginaram, logo, que uma catástrofe abalaria os continentes, pulverizando cidades. No Condado de Hesse, o Landgrave mandou os astrólogos observar os signos do zodíaco e a situação maléfica dos planêtas. Por êsse tempo, circulava na França um opúsculo típico da mentalidade caótica da época e que serve de modêlo aos demais.

"Prognóstico tocando o casamento do muito honrado e muito amado Henrique, pela graça divina rei de Navarra, e da muito ilustre princesa Margarida, da França, calculado pelo mestre Bernard Abbatio, doutor em medicina e astrólogo do muito cristão rei da França."

O tal Bernard Abbatio prognosticava a felicidade conjugal, peripécias íntimas da vida, até aos cem anos de idade, o que, naturalmente, não se realizou. Muitos viram na Estrêla Nova de 1572, a reaparição do astro que iluminou os Reis Magos. Assim supôs Théodore de Beze, o reformador de Vezalay, o herdeiro de Calvino.

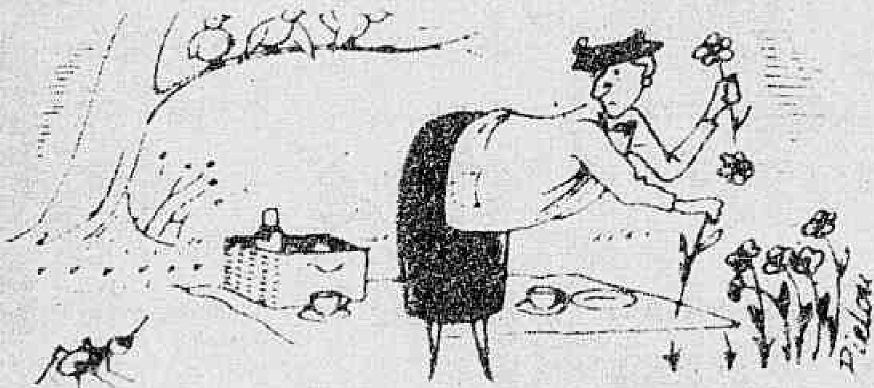
A IRONIA DE VOLTAIRE E O ADVENTO DA MECÂNICA CELESTE

A superstição coletiva contaminou os grandes espíritos e astrônomos de verdade,

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

CADA TERRA COM SUAS "MARAVILHAS"

SEGUNDO os dados fornecidos pelo Departamento de Emigração da Inglaterra, setenta e três mil pessoas deixaram a Grã-Bretanha, em 1952, para tentar a vida na Austrália. Cêrca de vinte e cinco pessoas, em cada cem, retornaram à velha Inglaterra. — «Não há possibilidade de se viver ali...» — disseram alguns. — «Terra sem indústria...» — alegam outras.



Muitos, porque não encontraram trabalho de imediato. Porém uma velhota apresentou razões diferentes.

Disse ela:

— Aquilo lá está cheio de pássaros, mas nenhum dêles canta. Há muitas flores, mas nenhuma delas desprende cheiro algum. Também há muitas terras e muito relvado para uma pessoa se sentar. Mas, ao mesmo tempo há muitas formigas! Por isso voltei..

★ ★

PROVÉRBIO ANTIGO — **Põe-te em guarda quando te dêm tudo o que peças; não é bom sinal para o carneiro quando começam a engordá-lo**

que se orgulhavam do método positivo. Kepler, o imenso e incomparável Johann Kepler, de cujas leis se aproveitou Newton para criar a gravitação universal, cometeu o êrro de classificar a astrologia como filha da astronomia.

Muito pobre, sem meios de vida, tirava horóscopos para viver, não se sabendo se, realmente, acreditava no cabalismo das interpretações astrológicas. Chamaram ao taciturno Luís XIII, o Justo, porque nasceu sob o signo da Constelação da Balança.

O astrônomo Tycho-Brahe, excelente observador sideral, atreveu-se a colocar a astrologia entre as ciências exatas, na sua "Oração da Disciplina Matemática".

Léon Bouthillier, conde de Chavigny, secretário de Luís XIV, dava-se intimamente com o astrólogo Morin, que lhe servia de oráculo. Trata-se de Jean-Baptiste Morin, que aos conhecimentos de médico aliava o título pomposo de *filósofo* e ocupava o cargo de professor de astronomia no "Colégio de França". Durante trinta anos anotou materiais para a confecção da "Astrologia Gálica", obra que se imprimiu em 1661, por ordem de Maria de Gonzaga, rainha da Polônia.

O conde Henri de Boulainvilliers escreveu o "Ensaio Sôbre a Nobreza da França", mas se envaidecia de conhecer as leis do ocultismo, da Kabala, e dos signos da Caldéia. Anunciou que Voltaire morreria aos trinta-e-dois anos. O poeta da "Henriade", precursor da história moderna, baseada unicamente nos fatos humanos e sociais, cerrou os olhos só em 1778, com oitenta e quatro anos de idade!

Voltaire costumava zombar:

"— *Tive a malícia de o enganar em mais de trinta anos, do que lhe peço humildemente perdão.*"

Se a astrologia ainda murmura palavras mágicas, isso se deve a que o povo vive longe de Copérnico e de Galileu. O telescópio nos convence de que os astros nem sabem da existência do homem, que nenhuma das nossas paixões interessam ao Universo e que só a imensurável vaidade da criatura humana pôde supor a existência de vínculos, entre as constelações que se movem na eternidade da vida e a efêmera aparição da humanidade, na face da Terra.

A mecânica celeste, fundada por Laplace, desmontou, para sempre, as profecias cabalísticas e destruiu os vaticínios que tentam subjugar o destino humano — cujo futuro social depende unicamente da própria inteligência do homem.



FALIBILIDADE DA JUSTIÇA

MR. Douglas McKeever, um magistrado britânico, prometeu, a esta hora, a si mesmo, jamais acrescentar um comentàriozinho qualquer a suas sentenças, principalmente, quando se tratar de casos de infração das leis do tráfego de veículos. Essa promessa foi feita depois do que ocorreu durante o julgamento de um infrator, surpreendido guiando um automóvel e tendo no bôlso uma licença com prazo expirado. (Na Inglaterra é exigida a renovação da licença cada doze meses.)



— E justamente o senhor, que devia recordar fàcilmente a renovação da sua carteira de motorista! — exclamou, com ar escandalizado. — Vejo aqui que ela expira justamente na data do seu aniversário.

E, com gesto teatral, retirou do bôlso a própria licença, dizendo:

— Vejamos a minha, por exemplo. O prazo de liceça expira... — Mas não continuou. Sua própria licença havia expirado três meses antes. Mas, como o exemplo deve vir de cima, na mesma hora condenou a si próprio a igual multa imposta ao infrator submetido a sua sentença.



É tão antinatural deixar de aprender, na mocidade, como morrer na mocidade.

Último Carnaval





Novela de
GEORGE C. TOUDOUZE

GESTOS precipitados, uma mímica muito rápida, todo o corpo da velha mulher agitado por um tremor de ansiedade, as mãos abertas estendidas numa súplica e sôbre os lábios pergaminhados o balbuceio de uma prece, em palavras entrecortadas e no cantante dialeto de Veneza:

— *Oh! Non, non! Tropo belissima signora!... Qui, no passare!... Oh! Non!*

Surpreendida por essa veemência de gestos, por essas palavras para ela incompreensíveis, Nicole Merrien, arrefecida no ímpeto de admiração que a lançara para a frente, risonha e ágil, procura mesmo assim passar. A velha gesticula mais ainda e agora parece gemer, continuando a barrar o caminho. Então, a elegante parisiense, deliciosa no seu "tailleur" claro e de último modêlo, no meio do imenso cenário, perturba-se e chama:

— Pedro... Pedro!... Mas, que deseja ela?

Merrien, que se atrasara ligeiramente, lutando por decifrar as pequeninas moedas que desconhecia, deu tempo a que o gondoleiro corresse, primeiro, em auxílio de sua espôsa. E, na sua completa ignorância do italiano, não compreende a inexplicável intervenção da mendiga naquele cais da Piazzetta.

— Permitam-me, senhor e senhora? Nada de grave, podem èstar certos.

Uma voz quente e de intonações musicais, um grande chapéu cinzento que se ergue na ponta de uma longa mão bem tratada, descobrindo uma cabeleira de prata e logo a seguir esta explicação:

"Uma antiga superstição da nossa cidade: desde o dia em que, desembarcado aqui mesmo, entre estas duas colunas onde a República tinha o costume de pendurar, numa corda horizontal, os enforcados, nosso Doge foi decapitado por seus crimes, em abril de 1535, o povo de Veneza crê que é sinal de morte passar entre S. Teodoro e o Leão de S. Marcos, quando se chega a Veneza pela primeira vez... Emocionada, sem dúvida, pela beleza e mocidade dessa senhora e pela inconsciência do perigo, essa pobre velha quis, com a melhor das intenções, livrá-la do mau-augúrio... Estou certo de que nos perdoarão, a ela por não saber falar o francês e a mim por haver ousado servir de intérprete."

Algumas frases corteses, de parte a parte, uma pequena mão, apertada numa luva branca sôbre a qual se inclina num beija-mão à moda antiga, algumas liras deixadas discretamente na mão trêmula da mendiga, um início de conversação, que, logo, à troca de nomes, conduz à descoberta de amigos comuns... e parece, desde logo, a Pedro e a Nicole, que sempre conheceram o conde Giuseppe Cavalcanti di Vicellio.

— Estamos casados há um mês e chegamos a Veneza diretamente de Paris... Nada sabemos sôbre a Itália...

— O que, para um pintor, chega a ser vergonhoso, não acha, senhor conde? — indaga Nicole, maliciosa.



reconciliá-la com Veneza. graças à arte do meu quarto avô...

Os belos olhos cresceram em tamanho, numa silenciosa interrogação; e o velho fidalgo explica:

"Último conde Cavalcanti de Vicellio, sou, igualmente, o único descendente do pintor Vicellio, que todos chamam *il Tiziano*, o Ticiano.

O SINO DE CRISTAL

— Foram seis semanas de encantamento. Muito alto, muito empinado sob a cabeleira prateada, o rosto um pouco altaneiro com o fino bigode branco, sempre vestido de cinzento-claro, pisar silencioso, palavra entusiasta, o conde Giuseppe parecia ganhar uma segunda juventude a guiar por sua Veneza idolatrada êsse casal de franceses, que, desde o primeiro instante, o havia encantado e que, dia a dia, parecia tornar-se mais indispensável à sua vida: Pedro, por seus arroubos de pintor inebriado por descobrir tôda a glória da velha cidade dos Doges; Nicole, por sua educação, sua graça, suas atitudes naturais de estatueta viva, pelas ousadias da moda que constantemente retirava de suas valises que pareciam inesgotáveis, fornecendo cada dia novos e adoráveis ornamentos — mas também por uma extrema sensabilidade de coração e uma rara espontaneidade de compreensão.

O último sobrinho de Ticiano sentia um prazer singular em servir de "guia" e "pagem" da gentil parisiense faladora e espontânea, arrebatada por vêzes, mas sempre sabendo achar a palavra que atenua uma vivacidade, que apazigua uma indelicadeza e também sentindo com emoção poderosa as belezas superiores de Veneza: um fresco, um ângulo de palácio, um canto de rua, um morrer do sol, e apreciando ainda a curiosidade de uma *trattoria* em terraço, no cotovêlo de um

— Realmente; abominável! — concorda, sorrindo, o velho fidalgo.

— Resultado: — prossegue a faladora — Desembarcamos. Exigi, a seguir, que as bagagens ficassem no cais e reclamei uma gôndola para chegar mais depressa. E o meu marido, com sua vergonhosa ignorância, ia lançar-me em perigo de maldição! Isso é medonho! Não fôsse o senhor, conde, nem quero pensar!

Depois, os olhinhos brilhando de malícia, o lábio apenas entreaberto, num sorriso a um tempo zombeteiro e inquieto sob o narizinho petulante, a cabeça apenas inclinada sob o minúsculo chapèuzinho, Nicole Merrien interroga:

— Diga-me, senhor; há muitos lugares também perigosos... na Veneza dos meus sonhos e que eu considerava um paraíso, mas que já agora... me amedronta?

Um rápido olhar de rancor brincalhão lançado para o alto da coluna e para o leão simbólico; depois, para seu vizinho, o santo de pé sôbre o crocodilo. Porém o conde sorriu, ao mesmo tempo que oferecia o braço com uma galanteria um tanto antiquada:

— Sòmente êste risco, senhora; permita-me que a ajude a contorná-lo e servir-lhe de guia até ao palácio onde tenciono

canal discreto ou a poesia de um passeio em gôndola, sob o esplendor da lua.

Para lhe traduzir sua admiração, o fidalgo havia procurado num livro do século XVIII certas encantadoras palavras de Diderot:

"Vous piquez par la mina, una légère irrégularité des lignes, la fraîcheur, l'enjouement, tout ce que sauve de l'admiration on du respect, un minois de fantaisie avec un nez légèrement retroussé et tout à fait tourné du côté de la friandise..."

Pierre Merrien não gostara muito da citação e, à noite, no hotel, não escondera sua irritação:

— Creio que êle se fêz de galante com você, meu bem, êsse velho fidalgo!

Mas o jovem pintor foi surpreendido por uma resposta irritada de Nicole:

— Não vejo em que isso possa me desagradar, nem irritar a você. O conde tem uma arte que não deve ser desprezada: sabe falar às mulheres.

— Por intermédio de velhos textos... Isso é fácil!

— Mas, ao menos, é preciso conhecê-los, meu caro! Nossos antepassados tinham, realmente, bom-gôsto e sabiam formar frases deliciosas: *"le nez tourné du côté de la friandise"* é uma imagem galante que nenhum dos que hoje dançam comigo tiveram jamais a idéia de dizer, nem mesmo você, embora seja um espírito superior. O conde não... O conde é como o seu avô, o Ticiano; faz tudo muito bem, mesmo sem o pincel... Confesso que estou orgulhosa!

Foi apenas uma pequenina nuvem, que durou pouco.

Na manhã seguinte, Pedro havia esquecido seu pequenino acesso de ciúme e Nicole não se recordava mais da sua resposta atrevida. E ambos se entregavam ao encanto envolvente de Veneza e a surprêsa agradável das novas apresentações, que, por todos os cantos desconhecidos da cidade, o conde Giuseppe multiplicava com mais empenho, dado que a permanência do jovem casal chegava ao fim. Fim que o fidalgo, prêsa irremediável de tôda a vida ardente que emanava da jovem visitante, via se aproximar com apreensão, procurando dissimular o seu amargor com o brilho de uma festa sôbre a qual, nos últimos dias, aludia misteriosamente.

Em vão Nicole, curiosa, o cercava com perguntas, fingia-se zangada ou mais provocante: o conde Giuseppe a tudo resistia.

— Vejo que também sabe ser implicante! Tenho horror às traições entre amigos!

Êle apenas inclinava a cabeça, com um pouco de gravidade nos olhos:

— Permita-me ao menos esta, estimada senhora. É preciso!

O esplendor de uma noite de primavera veneziana.

No céu, a lua e o seu cortejo de estrêlas deslumbrantes.

Do pequeno cais do hotel, a gôndola acaba de partir — gôndola de aparato, com o sêlo e os escudos dos Cavalcanti di Vicellio, manobrada por dois gondoleiros vestindo libré antiga e empunhando tochas de ferro forjado com as armas da velha família. Sob o *felze, Pedro e Nicole* vão lado a lado, um pouco desorientados, com uma ponta de curiosidade e de emoção e também com o desajeito criado pelo contato com essas coisas muito antigas e muito novas para êles. Ao entardecer, alguns servidores haviam chegado ao hotel com grandes caixas e êste bilhete do conde Giuseppe:

"Senhora. Porque vejo nas suas feições e atitudes o tipo puro de nossas mais espirituosas damas do século dezoito, rogo esquecer por algumas horas essas modas modernas que a tornam realmente sedutora, para vir ao meu palácio com os atavios de minhas avós. Permitam-me, os dois, oferecer velhas roupas que pertenceram a meus familiares, afirmando ao mesmo tempo que a velha Veneza os aguarda em minha casa, esta noite..."

Uma esplêndida *toilette* verde-jade, enriquecida com rendas de ouro, além da peruca empoada, o tricórnio verde e ouro, a mantilha, o leque — uma verdadeira peça de museu: braços e colo nus, Nicole parece uma visão palpitante do passado. Por sua vez, Pedro veste-se como um jovem e elegante senhor da mesma época. E os dois se observam, quase não se reconhecendo, até o instante em que, protegidos

por "dominós", descem para a surpreendente gôndola.

E agora o palácio Cavalcanti surge no mistério do seu discreto canal. Está irreconhecível: todo iluminado; ladeando a porta monumental duas tocheiras chamejam; no cais, lacaios com peruca empoada e librés multicores descem os degraus para ajudar o desembarque dos jovens convidados.

Eis o vestíbulo, tão triste e calmo durante o dia, mas agora estonteante de luz, e a grande escada também fartamente iluminada, com os mordomos, os guardas...

Nicole sobe, sentindo o coração bater apressado. Os largos panos de sua *toilette* flutuam em seu redor como uma corola. Pedro segue, tão surpreendido, tão esmagado como sua jovem espôsa.

Eis o patamar. Uma porta que é aberta de par em par. Os sons de uma orquestra em que dominam os instrumentos de corda... O perfume de flores, muitas flores; o fru-fru das sêdas... Uma multidão fantasiada.

Então, para a esbelta parisiense que se tornara uma preciosa figurinha verde e ouro, parada sob o suntuoso lustro de Murano, avança o conde Giuseppe Cavalcanti di Viccellio, imponente num admirável costume de sêdas e de veludos. Inclina-se:

— Senhora... Dou-lhe as boas-vindas. Está em sua casa!

Para a admiração do pintor um tanto magnetizado, para a trêmula alegria de Nicole, nesse palácio transformado, nesse palácio em geral suntuoso e morno como um museu, e agora vibrante e colorido como um cenário de ópera, é o próprio Carnaval de Veneza que ressuscita, com suas músicas, seus risos, o rodopio dos dançarinos com suas vestes multicores e esvoaçantes, o murmúrio de suas galanterias, o sublinhamento dos coros meio velados, nas salas mais afastadas, a voz dos violinos, o gemido das harpas...

Uma visão de sonho, um enlêvo delicado mas vibrante de graça, de encanto espiritual.

Pela décima, pela décima segunda vez — nem conta mais — Nicole passou dos braços de um dançarino para o de outro.



Oh! Non! Non... Tropo bellissima signora!... Qui, non Passare! Oh! Non!...

Uma espécie de febre a exalta, torna precipitados os seus passos e, como por milagre, soube encontrar naturalmente os ritmos antigos das damas antigas, que não conheceu, mas que uma espécie de atavismo a faz seguir instintivamente, enquanto mais brilho sobe aos seus olhos, mais rosado às suas faces.

Quando se detém, afinal, sòzinha, como um ídolo no meio do salão, o conde Giuseppe caminha ao seu encontro. Julgando que se tratava de um convite, ela oferece os braços.

Mas o fidalgo se inclina e, com um ligeiro tom de melancolia na voz, apresenta apenas a sua mão direita.

— Infelizmente não danço mais, senhora. E pode estar segura de que jamais tive que lamentar tanto! Mas, quer a tradição que numa noite de carnaval veneziano, o anfitrião ofereça à rainha da festa, uma lembrança... Poderia acompanhar-me?

Sem ligar ao sinal severo, que lhe faz o marido, ela consente e, majestosa e bela, entre duas filas de dançarinos inclinados graciosamente, é conduzida a um *boudoir* vizinho. Ali o fidalgo pára diante de uma vitrina aberta, de onde escolhe um *bibelot*:

— Minha lembrança é bem pequena, por seu valor, mas importante pela virtude que a ela está ligada. Isto, senhora, não é mais do que um sinozinho de cristal um pouco azulado, com a haste e o badalo de prata. Mas, segundo o costume relativamente aos que nasciam no seio da nossa família, foi cinzelado por Murano, no mesmo dia em que nasci. E tôda Veneza sabe que no momento em que morre um Cavalcanti di Vicellio, o sinozinho fundido para comemorar o seu nascimento, explode, estilhaçando-se... Conheci um tempo em que vinte sinozinhos iguais a êste estavam nesta vitrina. Oh! Éramos uma família numerosa e bem importante... Agora, todos já desapareceram, tornando ao pó, uns após outros, ficando só êste, pois sou o último de minha raça... Queira aceitá-lo, senhora; e quando nos tivermos separados, quando, um dia qualquer, também êle se quebrar, por sua vez, pense, por favor, por um instante sequer, nesta noite de Carnaval, em que brindou êste palácio com a sua graciosa presença...

Nicole, repentinamente com a garganta prêsa, como que estrangulada pela emoção que não conseguia dominar, não teve tempo para formular uma resposta.

Porque já o conde se inclinava, beijando-lhe suavemente a ponta dos dedos repentinamente gelados.

— Sei que vai partir amanhã, muito cedo. Minha gôndola a reconduzirá... Adeus.

A VOZ DO ALÉM — No *atelier*, onde cêrca de vinte amigos se haviam reunido diante de uma janela envidraçada que deixava ver um dos mais belos panoramas de Paris, os risos explodiam sublinhando a narração humorística que Pedro Merrien fazia da sua recente permanência em Veneza com esta conclusão:

— Um bom homem, afinal de contas, apesar de maníaco e grotesco. Sobrinho de Ticiano, o que não pude comprovar, infelizmente... Mas louco tenho a certeza de que é! Mas, cuidado! Nicole vai defender o infeliz... Ela achava o homem uma coisa nunca vista, um fenômeno de galanteria...

Vexada, Nicole se ergue da poltrona, procurando uma resposta. Mas, nesse instante, numa vitrina, um ruído claro: um cristal que explode. Nicole empalidece. Corre para o móvel: sôbre uma das prateleiras o sinozinho desapareceu e em seu lugar, centenas de fragmentos. Então, de sua garganta sobe um brusco soluço e êste grito furioso:

— Calem-se! Calem-se! Não sabem como os odeio!

DIANTE do pequeno cais do palácio Cavalcanti, sob a luz dos fanais, a gôndola encosta: Nicole desembarca e se endireita, apesar de sua angústia, ajeitando o seu maravilhoso vestido de ouro e de veludo-jade. Com ela está Pierre Merrien, com roupa de viagem e bastante pálido. Logo a seguir desembarca um homem todo do prêto, que se aproxima do jovem par e saúda:

— Senhora — diz êle. — Em obediência ao testamento do conde Giuseppe Cavalcanti de Vicellio, meu constituinte, que, sem família, legou-lhe seu palácio e suas coleções, deverá, nesta noite de Carnaval, vestida com a mesma *toilette*

que êle lhe ofereceu exatamente há um ano, na festa que foi para êle o último Carnaval, subir ao grande salão, abrir a porta e pronunciar em voz alta esta duas palavras: "*Aqui estou...*". Queira seguir-me, senhora.

Com a mão estendida, indicava os degraus. Nicole estremece. Pedro ergue os ombros, resmunga qualquer coisa entre dentes, mas logo se contém, porque Nicole o cobre com um olhar severo. A seguir sobem a escadaria.

Chegam ao patamar sombrio e silencioso. Nicole pousa dedos gelados sôbre a maçaneta da porta, fá-la girar, ábre os dois batentes, penetra no salão completamente às escuras e, com voz trêmula e frágil, pronuncia as palavras exigidas:

— "*Aqui estou...*"

Então, instantâneamente e sem que nenhum dos dois visse o gesto rápido do tabelião, calcando um botão, a parede do fundo do salão se ilumina; sôbre uma tela cinematográfica, ressuscitado em seu elegante terno cinzento, o conde Giuseppe parece avançar ao seu encontro, enquanto também sua voz, ressuscitada pelo altofalante, articula a frase de acolhida do outro Carnaval.

— "Senhora. Dou-lhe as boas-vindas. Está em sua casa!"



Refeita do choque que singular fantasia do morto lhe causara, Nicole se refugiou no canto de uma grande poltrona do salão, agora todo iluminado. E, nesse quadro, surge como uma deliciosa e delicada evocação do passado. Parece, porém, à vontade, exatamente se nela se houvesse entranhado a alma de um dêsses retratos de mulher, vestidas como ela própria se encontrava, e que ornavam as paredes, entre girândolas de vidro tecidas por Murano.

Pedro Merrien, descontente consigo mesmo e com os outros, com a sensação de que era indesejável, com sua roupa moderna, num tal cenário, não sabe o que dizer. Finalmente, sem jeito, murmura:

— Na verdade, Nicole, creio que êle a amava.

Nicole volta para o marido um olhar eloquente em que há essa sensação penosa e que põe uma nota falsa e ligeiramente amarga:

— Ah! Você crê... *Hoje?*

E, antes de que êle pudesse responder, conclui:

"— Há um ano que sei isso... Sei, mesmo, muito antes dêle próprio saber que me amava!

Sôbre o veludo verde-jade do vestido de gala, duas lágrimas tombaram, rolando até às velhas rendas de ouro...

★ ★

SETENTA-E-CINCO "VELHINHAS"

HÁ setenta-e-cinco anos ocorreu um acontecimento que continua afetando a nós todos, durante quase tôdas as horas de nossa vida. Êsse acontecimento foi o aparecimento da luz elétrica e o comêço da eletricidade prática.

Em 1878, Thomas A. Edison organizou a primeira «companhia de luz elétrica» — precursora da atual General Electric — para procurar construir uma lâmpada que pudesse iluminar «sem chama».

Depois de experimentar, em vão, 1 600 tipos de terras, minerais e plantas, Edison encontrou o primeiro filamento utilizado para lâmapadas elétricas na cesta de costura de sua espôsa: um pedaço de linha. Assim nasceu a primeira lâmpada incandescente.

Quatro anos depois, os dínamos de Edison forneciam energia elétrica a 59 clientes. Atualmente, contam-se por centenas de milhões o número de pessoas que gozam, no mundo, as vantagens da luz elétrica.

A grande contribuição de Edison para a humanidade não se limitou, porém, à luz elétrica. Suas descobertas, relacionadas com a eletricidade, tornaram possível o aparecimento de quase todos os aparelhos modernos que hoje conhecemos. Não resta dúvida, portanto, que é um «Feliz Aniversário» êste que comemoramos.

CRISE DE NATAL

Por que (oh, por quê?) os nossos filhos teimam em brincar com as coisas mais prosaicas, que encontram em seu redor, em vez de usar — com o convém — os objetos e aparelhos que compramos com tanto sacrifício e cuidado de seleção na véspera do Natal? 

★ ★

MAIS MULHERES

Com o progresso da biologia, dia virá, talvez, em que a humanidade tenha que tomar, nesse domínio, decisões tão capitais como a que atualmente diz respeito à bomba-atômica, segundo acaba de declarar, muito a sério, um biologista francês, dr. Jean Rostand.

Será possível, um dia, aos pais, escolher o sexo de seus filhos, criar quìmicamente um super-homem e provocar o nascimento de crianças, sem a intervenção de um pai — segundo afirmou o citado médico, no «Boletim dos Sábios Atomistas».

Já hoje êsses nascimentos são conseguidos nos laboratórios. Uma simples estimulação mecânica provoca o desenvolvimento do óvulo de certos invertebrados, tais como o ouriço do mar e o bicho da sêda, sem que tenham sido fecundados por um espermatozóide.

Uma tal reprodução, independente do macho e que não apresenta qualquer ligação com os métodos atuais da inseminação artificial, tornar-se-á, talvez, no futuro próximo, aplicável às mulheres.

É provável que todos os descendentes assim obtidos venham a pertencer ao sexo feminino, a julgar pelos conhecimentos atuais baseados na reprodução experimental dos invertebrados.

Outra possibilidade biológica seria a de poupar às mulheres as fadigas da gravidez, dado que o desenvolvimento do feto ocorreria inteiramente numa incubadora artificial.



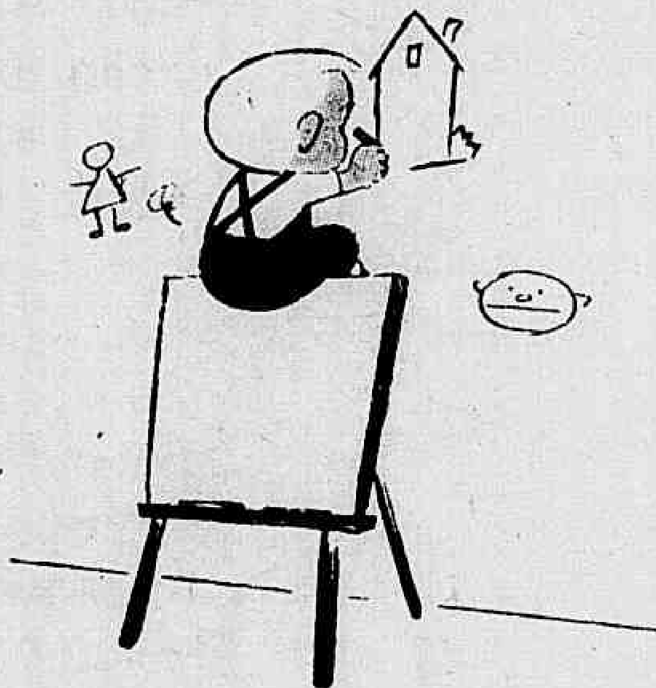
★

OS «ACHADOS» DELICIOSOS

— Tinha cara de inverno ártico. — **Joseph Manton**

— Dedos de relâmpago arranharam o céu. — **Omer Kelly**

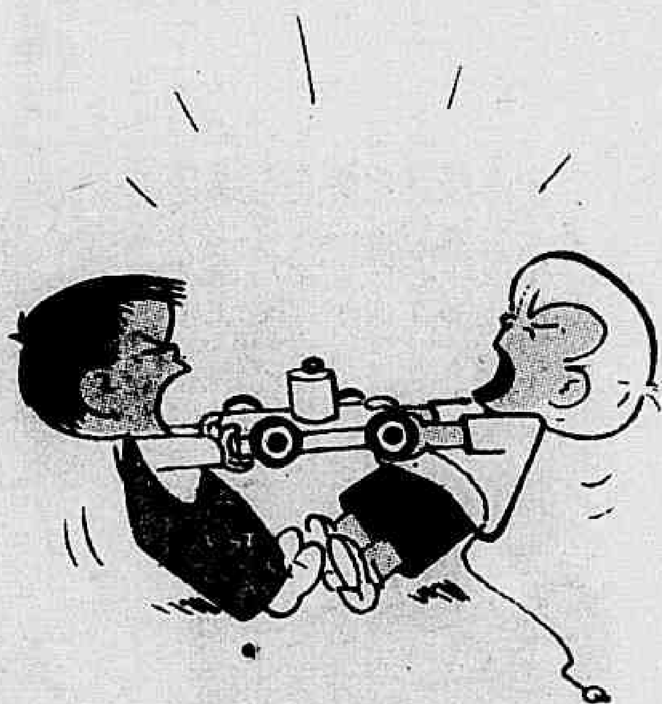
— A estrada subia sem muita vontade a falda da montanha. — **A. Peach**



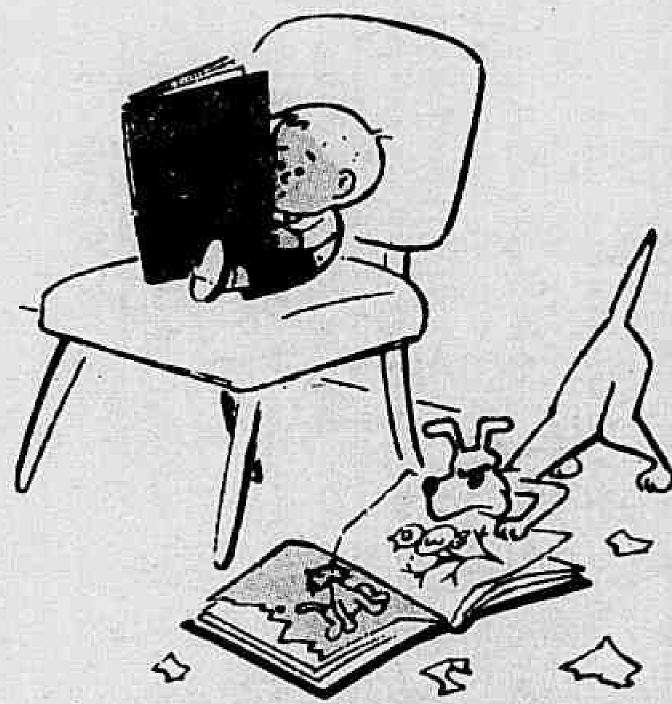
Cavalete de «pintor»



Mesa de «carpinteiro»



Velho brinquedo



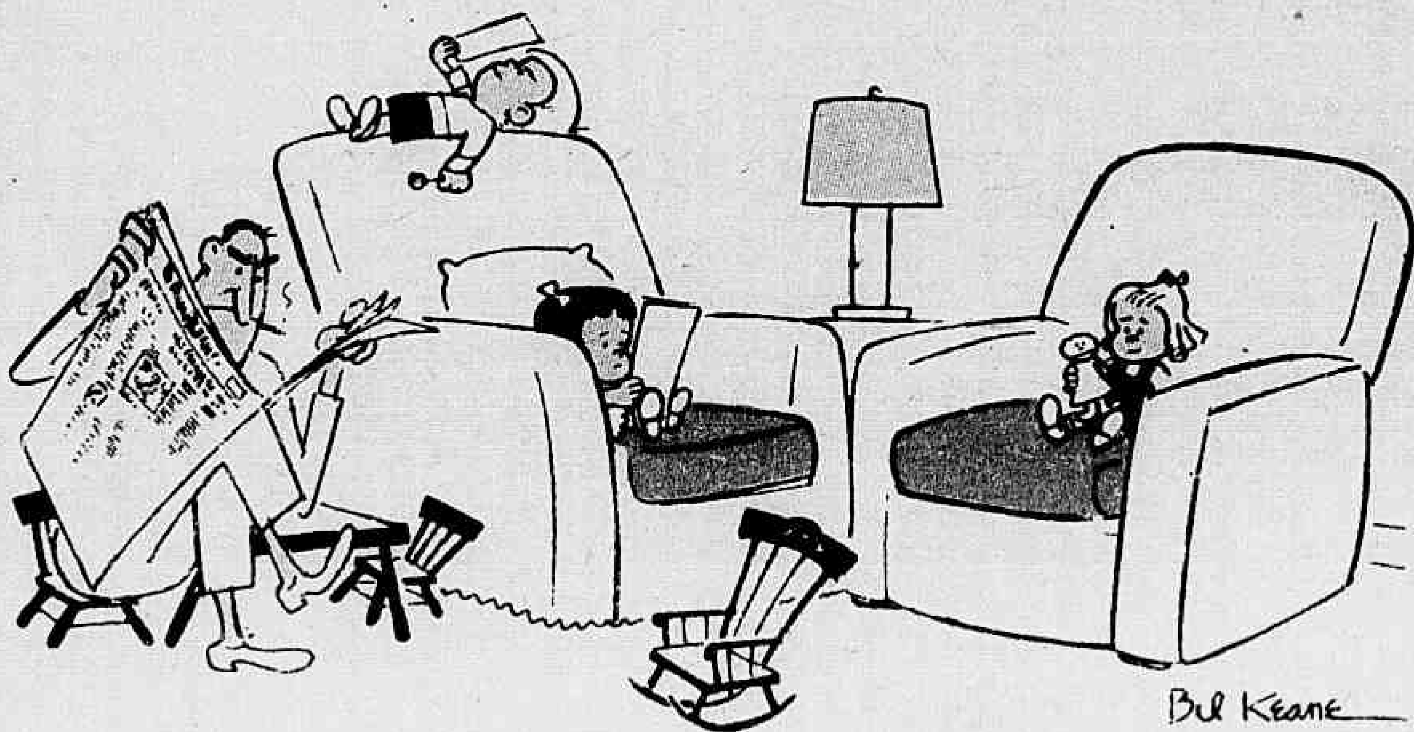
Livro de recortes



O tamborzinho



Maletinha de «médico», com pílulas de açúcar.



Mobília para crianças

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Eu sei que é a espada mais temida dêste mundo... — murmurou o Regente — no entanto há uma certa obscuridade nas suas respostas, senhor. Se êsse Lagardère assistiu à luta, como se compreende que o senhor diga que êle apenas tem suspeitas acêrca do assassino?

— A noite estava muito escura e o assassino mascarado... além disso, feriu pelas costas... Nevers caiu, dizendo: "Vinga-me, irmão!"

— E êsse mascarado — prosseguiu o Regente com visível excitação — não seria o senhor Marquês de Caylus-Tarrides?...

— O senhor Marquês de Caylus-Tarrides morreu há muitos anos — replicou o corcunda — e o assassino ainda vive... Vossa Alteza não precisa mais do que dizer

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde do outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Pessepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua de Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de D. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para D. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do Príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o Regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers.

uma palavra e Lagardère mostrar-lho-á esta noite!

— Então — disse o Regente com vivacidade — Lagardère está em Paris?

O corcunda mordeu os lábios.

"— Se está em Paris — acrescentou Sua Alteza, erguendo-se — dentro em poucas horas estará nas minhas mãos."

E a mão do Regente tocou uma campainha. Depois, dirigindo-se ao criado que imediatamente apareceu, ordenou-lhe que mandasse chamar o senhor de Machault.

Machault era o tenente chefe de polícia.

O corcunda retomara a sua calma.

— Monsenhor — disse, olhando para o relógio — no instante em que falo com Vossa Alteza, o senhor de Lagardère espera-me fora de Paris, num local que não posso revelar. São onze da noite... Se Lagardère não receber notícias minhas antes das onze e meia, dirigir-se-á à fronteira e a vossa polícia nada conseguirá...

— Ficarás como refém! — exclamou o Regente, dirigindo-se ao corcunda.

— Oh! — retorquiu o homenzinho, sorrindo. — Pouco custará fazer-me prisioneiro... estou em vosso poder!

E cruzou os braços sôbre o peito. O chefe da polícia entrava nesse momento. Então o Regente, que olhava para o corcunda e o analisava atentamente, disse para Machault:

— Queira ter a bondade de me enviar um salvo-conduto, em branco, devidamente selado e assinado.

Logo que o intendente da polícia saiu, a fim de executar a ordem do príncipe, êste acrescentou:

— Senhor; êsse cavalheiro de Lagardère trata comigo como de igual para igual... Envia-me embaixadores e, dita-me êle próprio, na sua última carta, os têrmos em que deve ser redigido o salvo-conduto que deseja. Certamente debaixo de tudo isto há interêsse em jôgo... Êsse cavaleiro de Lagardère exigirá, sem dúvida, qualquer recompensa...

— Vossa Alteza se engana — retorquiu o corcunda. — O senhor de Lagardère nada exigirá! Além disso não estaria ao alcance do Regente de França recompensá-lo...

— Essa é boa... Estou com imenso interêsse em ver e conhecer êsse misterioso e romanesco personagem! É capaz de causar um sucesso louco na Côrte e de fazer voltar a moda dos cavalheiros andantes!... Quanto tempo teremos que esperar?

— Duas horas.

— Muito bem!... A sua aparição servirá de intermédio entre o baile indiano e a ceia selvagem. Era um número que não estava no programa!

Neste momento entrou o criado trazendo o salvo-conduto devidamente assinado pelo ministro e pelo senhor de Machault. O Regente preencheu com o seu punho os espaços em branco e assinou.

— O senhor de Lagardère não cometeu nenhum daqueles delitos que não se possam perdoar — dizia o Regente, enquanto escrevia. — O defunto rei era severo com os duelistas e tinha razão. Os costumes variaram e, graças a Deus, há muito tempo que as espadas apenas servem de adôrno aos cavalheiros. O perdão do cavalheiro de Lagardère será registrado amanhã... e aqui está o salvo-conduto.

O corcunda estendeu a mão. O Regente, porém, não largou o documento.

— Previna ao senhor de Lagardère que qualquer violência da sua parte anulará êste salvo-conduto.

— O tempo da violência já passou...

— Pronunciou o corcunda, com uma espécie de solenidade.

— Que pretende dizer com isso, senhor?

— Que o cavalheiro de Lagardère não poderia aceitar essa cláusula há dois dias...

— E por quê?... — perguntou o duque de Orléans com altivez e um ar de desafio.

— Porque o seu juramento não permitia...

— Então, além de ter jurado servir de pai à criança, ainda jurou outra coisa?

— Jurou vingar Nevers...

O corcunda se interrompeu.

— Termine, senhor! — ordenou o Regente.

— O cavalheiro de Lagardère — prosseguiu o interpelado, lentamente — no momento de arrebatar a criança, dissera aos

assassinos: "Morrerão todos às minhas mãos". Eram nove; o cavalheiro reconhecera sete e todos êsses já morreram!

— Às suas mãos? — interrompeu o Regente, empalidecendo.

O corcunda inclinou-se friamente em sinal de afirmação.

— E os outros dois?...

— Há cabeças, monsenhor — respondeu o corcunda após uma curta hesitação — que os chefes do govêrno não gostam de ver cair no cadafalso. O escândalo que produzem essas cabeças ao cair, abala o trono... O cavalheiro de Lagardère dará a escolher a Vossa Alteza e encarregou-me de lhe dizer: "o oitavo assassino é apenas um lacaio; para êle, não conta... O nono é um senhor bastante poderoso e é necessário que êsse morra. Se Vossa Alteza Real não quer vê-lo cair sob a mão do carrasco, mande dar uma espada a êsse homem e quanto ao resto, fica a cargo de Lagardère!"

O Regente, pela segunda vez, estendeu o pergaminho.

— A causa é justa — murmurou — e faço isto pela memória de meu pobre e querido Felipe. Se o senhor de Lagardère tiver necessidade de ajuda...

— Monsenhor, o cavalheiro de Lagardère pede apenas uma coisa a Vossa Alteza...

— O que é?

— Discrição... Uma palavra imprudente pode deitar tudo a perder.

— Serei mudo.

O corcunda cumprimentou profundamente, meteu o pergaminho dobrado na algibeira e dirigiu-se para a porta.

— Então dentro de duas horas? — perguntou o Regente.

— Dentro de duas horas!

E o corcunda saiu...



— Conseguiste o que querias?... — perguntou o velho porteiro Le Bréant, quando viu o corcunda aproximar-se.

Êste meteu-lhe uma moeda na mão.

— Sim e agora quero ir à festa.

— Essa é boa! — exclamou o outro. — Mas que belo dançarino!

— E quero também que me dês a chave da tua casinha, no jardim... — continuou o corcunda.

— Para quê?

Outra moeda deslizou da mão do corcunda para a do porteiro.

— Mas que fantasias tem êste homenzinho!... — disse Le Bréant. — Bem! Aqui está a chave.

— E finalmente quero — terminou o corcunda — que leves para o pavilhão o embrulho que te confiei esta manhã.

— Receberei outro duplo luís?

— Dois...

— Bravo! Agora tenho a certeza de que vais a qualquer entrevista amorosa!

— Talvez!... — respondeu o corcunda, sorrindo.

XXXII

UMA PARTIDA DE LANSQUENET

No jardim, a afluência aumentava sem cessar... principalmente do lado da estátua de Diana, próximo dos aposentos de Sua Alteza... Todos queriam saber o motivo por que o Regente se fazia esperar.

O duque de Bourbon, dando a mão à princesa de Conti; o Chanceler d'Agues-





— *Não, não, Rex... "Só" o jornal!*

sear com a princesa; lorde Stairs, embaixador de Inglaterra e muitos outros personagens, já se encontravam na festa.

De repente, pelos salões, no jardim e por tôda a parte produziu-se um súbito movimento de curiosidade, que fêz esquecer a demora do Regente e a ausência do próprio Law: o Czar estava no Palácio Real!

Era exato. O Czar Pedro da Rússia ia acompanhado pelo general Tessé e seguido por trinta guardas que tinham por missão guardá-lo — o que era bastante difícil! — pois Pedro da Rússia tinha os movimentos bruscos e fantasias súbitas.

Estava instalado no palácio de Lesdiguières, junto do Arsenal. O Regente tratava-o magnìficamente, mas a curiosidade parisiense, violentamente excitada com a chegada daquele soberano selvagem, ainda não estava saciada porque o Czar não gostava que se preocupassem muito consigo.

Pedro o Grande, fôra a Paris para completar a sua educação de príncipe instaurador e fundador. O Regente não tinha grande empenho naquela terrível visita, mas como não a podia evitar, procurou deslumbrar o Czar com o esplendor da sua hospitalidade. A tática, porém, não foi das melhores, porque Pedro da Rússia não gostava de luxo. Ao entrar no magnífico quarto de cama que lhe haviam preparado no palácio de Lesdiguières, mandou colocar uma cama de campanha no meio da sala e ali se deitou.

Andava por todos os lados, visitava as lojas e conversava familiarmente com os comerciantes, mas sempre incógnito.

Era exatamente por causa disto — e de outras coisas bizarras que contavam a seu respeito — que a curiosidade parisiense atingira o delírio. Os privilegiados que tinham visto o Czar, faziam dêle o seguinte retrato: alto, elegante, magro, moreno, de olhar vivo e por vêzes feroz e às vêzes um tique nervoso e convulsivo que lhe alterava as feições. Atribuía-se isto ao veneno que o escudeiro Zoubow lhe dera em pequeno.

Bebia como um odre e tinha quatro refeições por dia. A cada refeição bebia duas garrafas de vinho e uma garrafa de licor à sobremesa, isto sem contar com a cerveja e a limonada.

Quando se soube que o Czar estava no baile, todos o quiseram ver. Era um número que não constava do programa... Como, porém, ninguém sabia ao certo onde êle se encontrava, seguiam-se as indicações mais diversas, mas como o Palácio Real não era a floresta do Bondy, haviam de acabar por o encontrar!

Os únicos que permaneceram impassíveis foram os jogadores de lansquenet, abrigados sob a tenda indiana. Nenhum dêles pensou em sair dali. O ouro e as notas rolavam sôbre a mesa. Peyrolles tinha uma banca esplêndida. Era êle quem ia jogar naquele momento. Chaverny, um pouco pálido, sorria — mas com um riso forçado — enquanto o confidente de Gonzaga dizia:

— Dez mil escudos!

— Jôgo! — replicou Chaverny.

— Com quê? — perguntou Navailles.

— Com a minha palavra!

— Não se joga, em casa do Regente, sob palavra! — disse o senhor de Tresmes, que passava.

E, com profundo desgôsto, acrescentou:

— Isto aqui é uma autêntica casa de jôgo!...

— Na qual, porém, não recebe a sua percentagem! — retorquiu Chaverny, cumprimentando-o com a mão.

Uma gargalhada geral acolheu esta resposta oportuna, enquanto o duque de Tresmes se afastava, encolhendo os ombros.

Êste mesmo duque de Tresmes, governador de Paris, recebia o dízimo nos lucros de tôdas as casas de jôgo, dizendo-se até que êle possuía uma por sua conta, na rua Baileul...

— Dez mil escudos! — repetiu Peyrolles.

— Jôgo! — disse uma voz máscula de entre os jogadores, ao mesmo tempo que alguém atirava com um maço de notas para cima da mesa.

Esta voz, inteiramente desconhecida, obrigou tôda a gente a voltar-se.

Quem acabava de falar era um rapaz alto, bem proporcionado, cujo fato contrastava, porém, de forma estranha com a elegância do traje dos que o rodeavam.

Apertava-lhe a cintura um grande cinturão prêso ao qual se via um sabre de marinheiro. Seria a sombra de Jean Bart?... Só lhe faltava o cachimbo...

Começou o jôgo e Peyrolles ganhou os dez mil escudos.

— Dobro! — disse o estranho.

— Dobro! — repetiu Peyrolles, embora desta forma se invertessem os papéis.

Um novo maço de notas caiu sôbre a mesa. Havia corsários que tinham milhões nas algibeiras...

Peyrolles ganhou.

— Dobro! — disse o corsário mal-humorado.

— Aceito, dobro!

Deram-se as cartas e Peyrolles ganhava sempre.

O desconhecido continuou a jogar, mas a sorte não abandonava o confidente do príncipe de Gonzaga.

— Bravo! — exclamou Chaverny. — Êste homem é um jogador de primeira ordem!

Neste momento, o rapaz do sabre afastou com violência os jogadores que o separaram de Peyrolles e foi colocar-se diante dêle. O factotum do príncipe ganhara-lhe meio milhão.

— Basta! — exclamou o rapaz.

E logo em seguida, friamente, pediu:

— Dêem licença, meus senhores!

Num gesto rápido desembainhou o sabre com uma das mãos e com a outra pegou numa orelha de Peyrolles.

— Que vai fazer?... — exclamaram de todos os lados.

— O que estão vendo! — respondeu o rapaz, sem se comover. — Êste homem é um autêntico malandro e vou aplicar-lhe a lição que merece!

Peyrolles, mais pálido do que um cadáver, procurava tirar a espada.

Entretanto, o homem do sabre não era desajeitado e sabia perfeitamente servir-se da arma que usava. Um rápido molienete, executado com tôdas as regras da arte, fêz recuar os jogadores, ao mesmo tempo que, com um golpe certeiro, partiu em duas a espada que o confidente conseguira, enfim, desembainhar.

— Se te mexes — disse-lhe o homem do sabre — não respondo pela tua vida e se ficares quietinho apenas te cortarei as orelhas!

Peyrolles, soltando gritos abafados, propôs devolver o dinheiro.

Entretanto, a multidão que nunca necessita de grandes estímulos para sentir a sua curiosidade excitada, formou imediatamente uma bicha compacta, à entrada da tenda. O rapaz do sabre pegou na sua arma como se fôsse uma navalha de barba, e preparava-se para dar início à operação cirúrgica anunciada, quando se ouviu um grande tumulto à entrada.

O príncipe Kourakine, embaixador da Rússia junto da côrte de França, precipitou-se impetuosamente pela tenda, com o rosto inundado em suor e os cabelos e a roupa em desordem. Atrás dêle o marechal Tessé, seguido dos trinta guardas encarregados de velar pela pessoa do Czar.

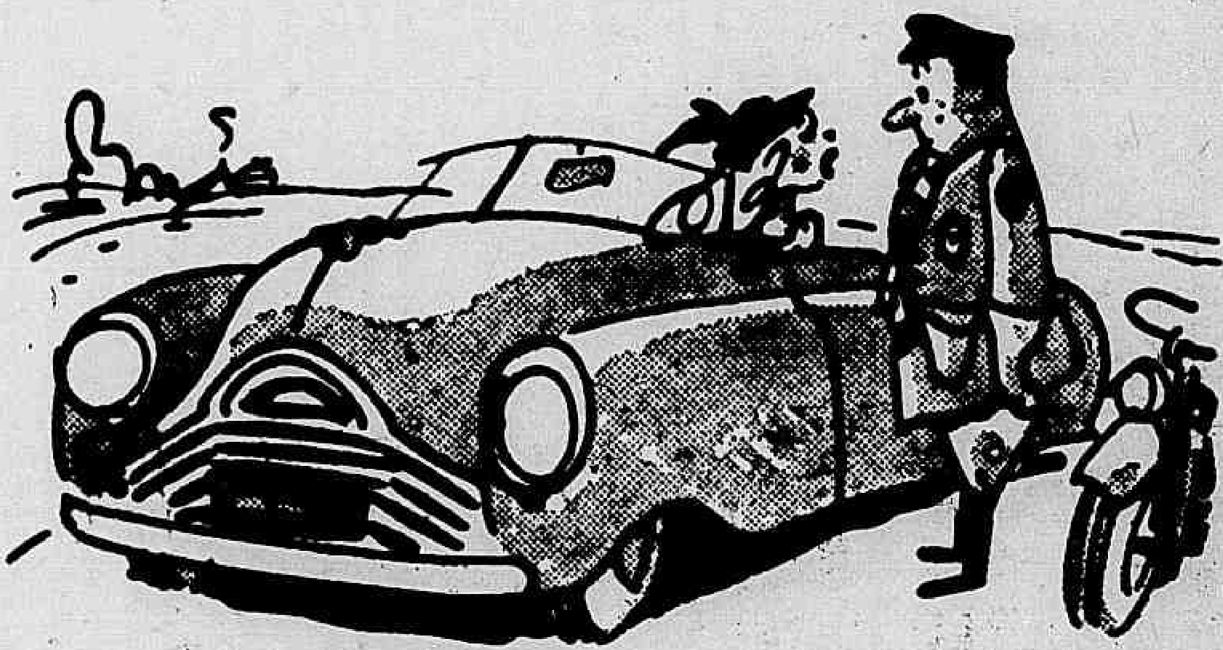
— Sire!... Sire!... — exclamaram ao mesmo tempo o marechal e o príncipe.

— Por tudo quanto há, suspenda!...

Todos se entreolharam com assombro. A quem era dirigido aquêle tratamento?

O homem do sabre voltou-se. Tessé colocou-se entre êle e a vítima, e tirou o chapéu.

★



— Se me multar direi a sua espôsa que você fêz isso porque lhe neguei um beijo.

Foi então que se compreendeu que aquêle rapaz forte e ousado era o Imperador Pedro da Rússia.

— Que pretendem de mim? — perguntou êle a Tessé. — Faço justiça, nada mais!

Kourakine disse-lhe algumas palavras ao ouvido. Pedro largou imediatamente Peyrolles e principiou a sorrir, corando um pouco.

— Tens razão — disse — não estou na minha terra... Foi um esquecimento...

E num gesto gracioso, saudando com a mão a multidão estupefata, saiu da tenda, seguido pela sua escolta, já habituada àquelas proezas.

— Insultos de príncipe não contam, não é verdade? — disse Peyrolles, enquanto compunha a desordem da *toilette* e metia friamente na algibeira a enorme quantia que Pedro da Rússia não se dignara tornar a embolsar. — Além disso ninguém tem dúvidas sôbre a minha lealdade!...

Todos se afastaram dêle, enquanto Chaverny replicava:

— Dúvidas?... Evidentemente que não sabemos muito bem com quem tratamos!

— Ainda bem! — disse o factotum em voz alta. — Não sou homem que suporte um ultraje!...

Todos os que se interessavam pelo jôgo seguiram o Czar, mas ficaram desiludidos, pois Pedro da Rússia saiu do palácio, saltou para a primeira carruagem e desapareceu.

Navailles tirou as cartas das mãos de Peyrolles, a quem impeliu suavemente para fora do círculo e principiou uma partida.

Oriol chamou Chaverny de parte e disse que desejava pedir-lhe um conselho.

— Diz... — respondeu Chaverny.

— Agora que tenho um título e sou fidalgo, não quero proceder como um vilão... Ora, ainda há pouco apostei cem luises contra Taranne, mas suponho que êle não ouviu...

— E ganhaste?

— Não... perdi, mas não paguei porque êle nada me pediu!

Chaverny tomou um ar de juiz e depois interrogou:

— Se tivesses ganho, reclamarias o dinheiro?

— Evidentemente, visto ter a certeza da aposta.

— Mas o fato de teres perdido diminui essa certeza?

— Não; mas se Taranne não ouvisse, não me pagaria.

E dizendo isto brincava com a carteira. Chaverny pôs-lhe a mão em cima e disse com gravidade:

— À primeira vista o caso parecia simples, mas, afinal, é bastante complexo!...

— Cinqüenta luises! — gritou Navailles.

— Jogo! — respondeu Chaverny.

— O quê?... Que é isso?... — protestou Oriol ao vê-lo abrir a sua própria carteira, e procurando reaver o que lhe pertencia. Chaverny, porém, repeliu-o com um gesto cheio de autoridade.

— A soma em litígio deve ser depositada em mão de terceiros! Fica na minha e partindo a diferença ao meio devo-te cinqüenta luises e outros cinqüenta a Taranne! — concluiu, devolvendo a carteira a Oriol.

— Jogo! — prosseguiu dirigindo-se para a mesa de jôgo.

— Jogas com o meu dinheiro! — resmungou Oriol. — Decididamente, estaria melhor e mais seguro ao atravessar um pinhal deserto:

— Meus senhores!... Meus senhores!... — exclamou Nocé, que acabava de chegar.

— Deixem as cartas, estão a jogar em cima de um vulcão!... O Regente fechou-se com o homem vestido de negro que deve estar a ler-lhe a sina!

— O quê? É um feiticeiro?

— Dos pés à cabeça — respondeu Nocé — e ninguém calcula o que êle predisse!

— Que o abade Dubois ainda teria o chapéu cardinalício!...

— Essa é boa! — disse Peyrolles, enquanto todos riam.

— E que o senhor de Peyrolles ia tornar-se um homem honesto!...

Desta vez houve uma verdadeira explosão de riso, enquanto todos se afastavam da mesa e se dirigiam para a en-

trada da tenda, porque Nocé, que por acaso olhara para a escadaria, exclama:

— Olhem!... Olhem!... Não é ainda o Regente, mas sim o homenzinho vestido de negro!

E, realmente, todos o puderam ver com as pernas bizarramente tortas, descendo a passos lentos as escadas do pavilhão.

Um sargento fê-lo deter-se, mas o corcunda mostrou o cartão de convite, sorriu, cumprimentou e passou.

XXXIII

OS TRÊS FELIPES

Ésopo, com o seu "lorgnon" na mão, examinava as curiosas decorações da festa, como verdadeiro amador. Levava uma máscara de veludo prêto. À medida que avançava, os nossos jogadores olhavam-no com maior atenção, mas quem o examinava ainda melhor do que qualquer outro, era, sem dúvida, o senhor de Peyrolles.

— Que diabo de criatura é aquela? — exclamou, por fim, Chaverny. — Dir-se-ia que é o homenzinho de há pouco... o dos dez mil escudos!...

— Exatamente, o do casinhoto!

— Ésopo!

— Não é possível! — exclamou Oriol. — Uma criatura destas no gabinete do Regente!

Entretanto, Peyrolles pensava:

— Que teria êle dito a Sua Alteza?... Nunca tive boa impressão a seu respeito!

Parecendo não notar o grupo que estava reunido à entrada da tenda indiana, o homenzinho continuava a avançar, a sorrir e a cumprimentar! Era impossível encontrar pessoa com melhor disposição ou maior delicadeza.

Em dado momento já se encontrava bastante perto da entrada e houve quem o ouvisse murmurar entre dentes:

— Que encanto!... Uma verdadeira maravilha! Só Sua Alteza poderia ter feito uma coisa assim!... Ah! Que satisfação a minha por ver tudo isto!...

No interior da tenda elevaram-se várias vozes. Um outro grupo tomara lugar em volta da mesa abandonada pelos nossos jogadores. Os que ali se encontravam, agora, eram quase todos pessoas de idade respeitável e de altos títulos. Um dêles dizia:

— Não sei o que se passou, mas acabo de ver Bonnivet mandar dobrar as guardas por ordem do Regente!

— E Sua Alteza não está visível!

— Nem mesmo o príncipe de Gonzaga conseguiu falar com êle!

Os nossos jogadores principiaram a escutar, mas os outros, percebendo, baixaram imediatamente a voz.

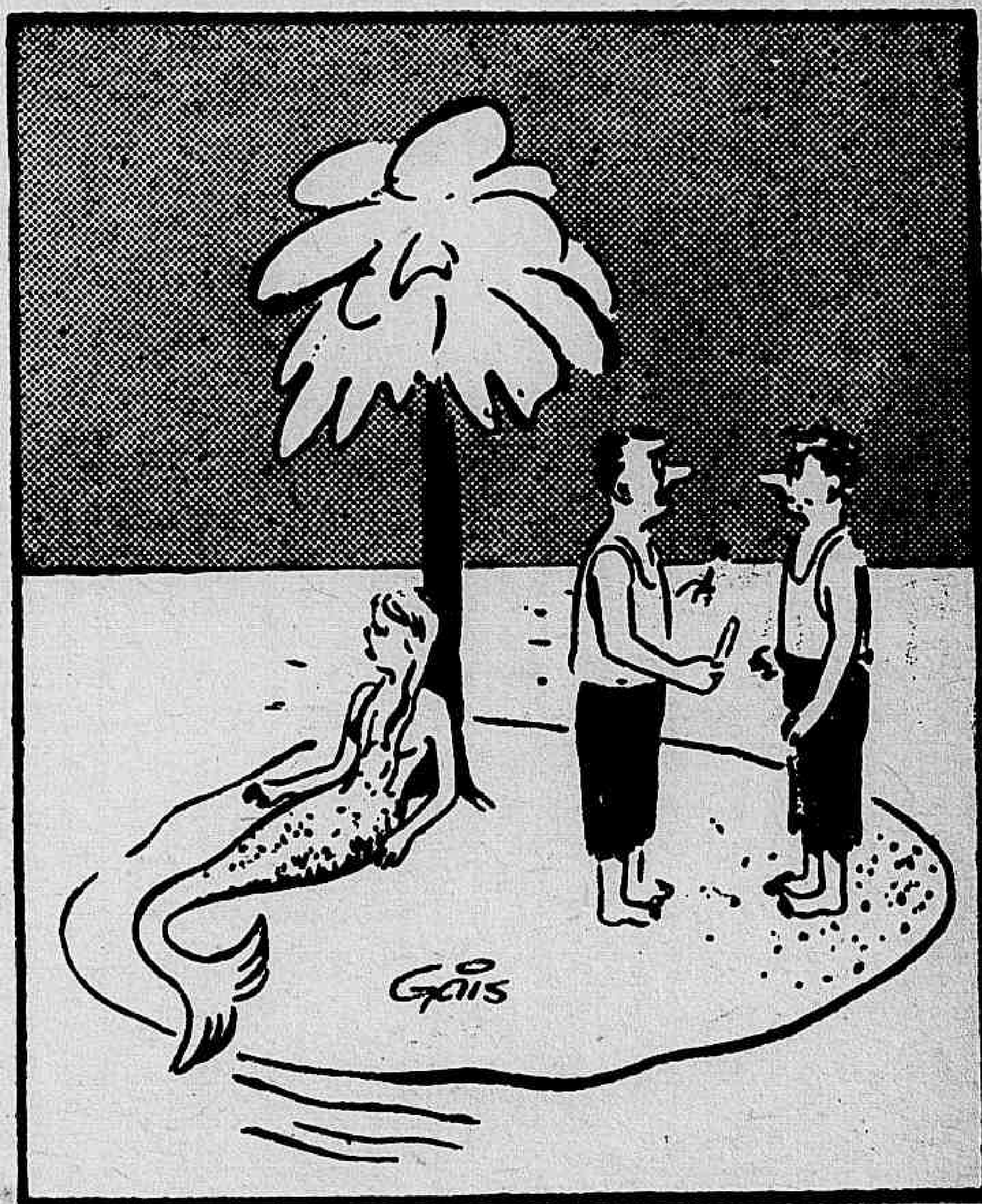
— Tenho o pressentimento de que vai passar-se aqui qualquer coisa! — murmurou Chaverny.

— Pergunte ao feiticeiro o que será! — aconselhou Nocé, sorrindo.

O homenzinho vestido de negro cumprimentou e disse:

— Sim... Sim!... Tem razão!... Vai haver qualquer coisa de inesperado! Ah!... Ah!... Ah!... — prosseguiu, dando à sua voz estridente e aguda aquêle tom especial de mistério. — Acabo de





— Perdão! Tanto vale a sua opinião quanto a minha. Se você afirma que isto é uma mulher, porque anda louco por uma pequena, eu juro que é um peixe, porque estou maluco de fome!

sair de um sítio onde havia muito calor e o frio está a fazer-me mal!... Dêem-me licença de entrar, meus senhores!... Ficar-lhes-ei muito grato!...

Houve um pequeno calafrio. Os nossos jogadores afastaram-se e todos os olhares se fixaram no corcunda, que penetrou na tenda, cumprimentando para a direita e para a esquerda. Quando avistou o grupo que estava agora em redor da mesa, meneou a cabeça com um ar de satisfação e disse:

— Sim... sim... vai passar-se qualquer coisa!... O Regente está preocupado, dobraram-se as guardas, mas ninguém sabe o que se passa... nem mesmo o senhor de Tresmes, que é governador de Paris... nem tão pouco o senhor de Machault, o chefe da Polícia. Sabê-lo-á o senhor de Rohan-Chabot ou o senhor de La Ferté-Senneterre, ou qualquer dos senhores?... — disse, voltando-se para os jogadores que, instintivamente, recuaram.

Ninguém respondeu, mas os senhores de Rohan-Chabot e de La Ferté-Senneterre tiraram as máscaras. Era o que se costumava fazer quando se pretendia obrigar, com delicadeza, um desconhecido a mostrar o seu rosto. O corcunda, a rir, observou-lhes:

— Meus senhores, de coisa alguma lhes serviria... nunca me viram! E no entanto — prosseguiu, mudando de tom — apostava em como não são capazes de adivinhar o que se passa!... Não se trata de nenhum daqueles assuntos que são diàriamente o objeto das conversas públicas e dos vossos pensamentos secretos, nem das vossas apreensões, meus dignos senhores...

E dizendo isto olhava intencionalmente para Rohan, La Ferté e para os fidalgos que se encontravam sentados em volta da mesa.

— Não se trata também — continuou, voltando o olhar para Chaverny, Oriol e os seus companheiros — das vossas ambições mais ou menos legítimas... não é tampouco por causa das manobras de Espanha, nem dos maus humores do parlamento... No entanto, o Regente está preocupado! Mandou dobrar as guardas!...

— Então de que se trata, lindo mascarado? — perguntou Rohan, impaciente.

O corcunda ficou pensativo; inclinou o queixo para o peito, mas, de súbito, endireitou-se, soltou uma gargalhada e perguntou:

— Acreditam em almas do outro mundo?...

O fantástico, geralmente, não existe, nem se admite fora de certo meio...

Nas noites de inverno, no salão de um castelo em volta de uma chaminé em carvalho esculpido, na solidão do Morvan ou nas florestas da Bretanha, é fácil meter mêdo a qualquer pessoa contando-lhe uma pequena lenda ou uma simples história... As sombras, os vagos reflexos do candieiro incidindo sôbre os retratos de família; o próprio solar costuma ter tradições lúgubres e misteriosas... Sabe-se qual é o corredor por onde o velho conde costuma passear arrastando as pesadas cadeias e até mesmo qual o quarto onde entra para se sentar diante do braseiro ao soar a última badalada da meia-noite...

Ali, porém, no Palácio Real, na tenda indiana, no meio de uma festa deslumbrante, entre gargalhadas e conversas céticas, a dois passos da mesa de jôgo desleal; não havia lugar para os vagos terrores que muita vez se apoderam dos bravos que manejam a espada ou dos espíritos fortes, espadachins do pensamento.

No entanto, todos sentiram um certo arrepio quando o corcunda pronunciou as palavras "almas do outro mundo", muito embora êle nesse momento sorrisse... A sua alegria causava arrepios. E êsse frio estranho apoderou-se dos presentes, embora envoltos em ondas de luz, apesar do ruído alegre que vinha do jardim e dos sons harmoniosos que a orquestra longínqua lhes fazia chegar aos ouvidos.

— Ah!... Ah!... — continuou o corcunda. — Quem acredita em almas do outro mundo?... Ninguém, se fôr ao meio-dia, em plena rua!... Tôda a gente, se fôr à meia-noite, num quarto solitário, quando a luz, por acaso, se apagou...

(Cont. no próximo número)



Palhaço!

JENNY Royce e eu, jovens estudantes da Escola Superior de Desert Village, sempre tínhamos sido colegas desde o curso primário e eu sempre vivera pensando no que poderia acontecer se algum dia eu me atrevesse a roubar-lhe um beijo. Finalmente, numa tarde de fortíssimo calor, parei a minha barata-calhambeque sob uma frondosa palmeira... e depressa perdi o contrôle dos nervos. O que fiz não me lembro bem; sei, apenas, que Jenny me agrediu com um sôco. Não um tapa. Foi um sôco mesmo! E muito forte! Tentei levar a coisa, como faria outro qualquer, rindo superiormente, mas Jenny não me deu tempo, logo intimando:

Sim, o amor pode levar um homem de dezessete anos a praticar tolices; mas, quem suspeitaria de que uma tal paixão pudesse persistir num homem com mais de trinta de idade?

Novela de WILLIAM BRUCKNER

— Você vai me levar para casa, Haroldo Burguess! — gritou, furiosa. — E agora mesmo!

Jenny não pronunciou nem uma só palavra durante todo o percurso de volta. Ficou sentada, com uma das mãos sôbre o bordo superior da porta e a outra agarrada ao fecho. Estava fora do automóvel antes mesmo de que eu tivesse freado, completamente.

— Nunca mais sairei com você, Haroldo Burguess! — disse, então. — Nunca!



Em geral, todos acham graça nessas rusgas de namorados de dezessete anos. achei também que havíamos sido ridículos e que algum dia também acharia graça. Mas, devo confessar, nos dois dias que se seguiram fiquei tão acabrunhado e rancoroso como qualquer rapazola certamente ficaria. Jenny não me telefonaria mais, nem atenderia aos meus chamados; não sairia a passear comigo, nem mesmo olharia para mim. E quando ouvi contar que ela combinara ir em companhia de George Ambre ao Baile a Fantasia com o qual a nossa escola comemoraria a entrada do Ano-Novo, tive vontade de morrer.



No dia do baile, faltei à aula e saí à procura de Andy Wilder, que dirigia o jornalzinho da cidade e no qual eu escrevia a "Coluna do Estudante". Andy nascera aqui mesmo, em Desert Village. Tinha cabelos ruivos e começava a engordar um pouco, mas sabia ser um rapaz simpático, às vêzes, embora não fôsse justamente "do nosso tempo".

Quando lhe confiei o que acontecera, recostou-se na cadeira de diretor-redator-chefe e, depois de bem instalar a gorda cabeça, desatou a rir, como se assim pretendesse ficar por algumas horas, descansadamente. Por fim, falou com ar paternal:

— Vocês, garotos, são deliciosos! Sempre agem como palhaços!

Provàvelmente, êle tinha razão. Porque a seguinte *palhaçada* que desejei fazer foi a de atirar contra êle a pesada máquina de escrever. Andy certamente notara isso no meu olhar, porque logo ficou sério.

— Escute, Haroldo — falou com êsse tom lento e superior, que os mais velhos gostavam de empregar, quando me aconselhavam. — *Hoje, agora, neste momento*, a coisa pode parecer muito importante para você. Mas, dentro de dez anos você terá esquecido essa briga ridícula... E ela também!

— Serão, realmente, dez anos deliciosos! — disse eu, olhando-o com sarcasmo.

— Está certo... — disse êle, mastigando as palavras com dificuldade e baixando o olhar. — Mas que quer você que eu faça?

Recordei-lhe que Sharon Bennet, a mais famosa graduada da nossa Escola

Superior, voltara à cidade para uma curta visita e estava residindo no hotel. Depois de concluir o curso superior em Desert Village, Sharon Bennet fôra para Hollywodd e ali se tornara uma "estrêla" do cinema — não bem uma "estrêla", mas, pelo menos, o que êles chamam de "featured player". Apesar disso sempre que algum filme em que ela tomava parte era apresentado em Desert Village, o seu nome surgia com tôdas as honras do estrelato.

— Então ela está na cidade, por alguns dias, eh? — disse Andy Wilder, falando cautelosamente. — E... que tem isso?

jornal tem uma grande tiragem... Mais de trezentos exemplares! Qual a outra razão?

— Bem — disse eu, cauteloso — se *você* pedir... ela não vai recusar. Sempre ouvi dizer que vocês dois foram namorados — e muito apaixonados! — durante os anos na Escola.

Andy se esforçara, até então, para conter sua emoção, mas a esta altura, quebrou a ponta do lápis com que rabiscava figuras enigmáticas sôbre uma fôlha de papel.

— Quem disse isso a você?

— Tia Helena.



— Quero que você peça a Sharon que vá comigo ao baile a fantasia da Escola Superior.

Êle abriu olhos e bôca, sinceramente assombrado, antes de perguntar:

— E por que hei de ser *eu*?

— Por duas razões — expliquei. — Primeira, porque você pode convencê-la de que com isso terá boa publicidade... *Linda Estrêla de Cinema Comparece ao Baile a Fantasia dos Estudantes*.

— Oh, sim! Grande publicidade! — exclamou êle, sarcástico. — Afinal, o meu

— Essa sua tia Helena... realmente é boa pessoa, mas tem uma língua muito comprida — disse êle, entre dentes. — E pode dizer a ela!

— Direi com prazer — respondi. — Então? Feito?

Êle abanou a cabeça, com desânimo:

— A coisa não vai correr como você pensa.

— Penso? Penso como?

— Sim, sim; pensa que, indo ao baile a fantasia com Sharon Bennet ela vai ficar caidinha por você! (Senti que minhas faces coravam. Como pudera êle acertar assim?) — Ao mesmo tempo, isso tornará Jenny Royce tão enciumada que, com certeza praticará o suicídio, se você não voltar correndo, para os seus braços... Estou com a razão?

EU teria admitido tudo, se êle não fingisse estar muito satisfeito com a própria inteligência.

— Nunca pensei em tal coisa — afirmei. — Mas, afinal... Vai pedir ou não?

Êle tornou a mover a cabeça com desalento, antes de dizer:

— Em primeiro lugar, essa fantasia é como uma bôlha de sabão, que rebentará a qualquer momento diante do seu nariz e, além disso, não posso pedir nenhum favor a Sharon Bennett. A última vez em que nos falamos, tudo acabou numa briga feia.

Tia Helena não mencionara êsse detalhe. Nem sabia mesmo explicar porque Sharon Bennet não acabara casando com Andy, em vez de ir para Hollywood.

— Quando foi isso? — perguntei.

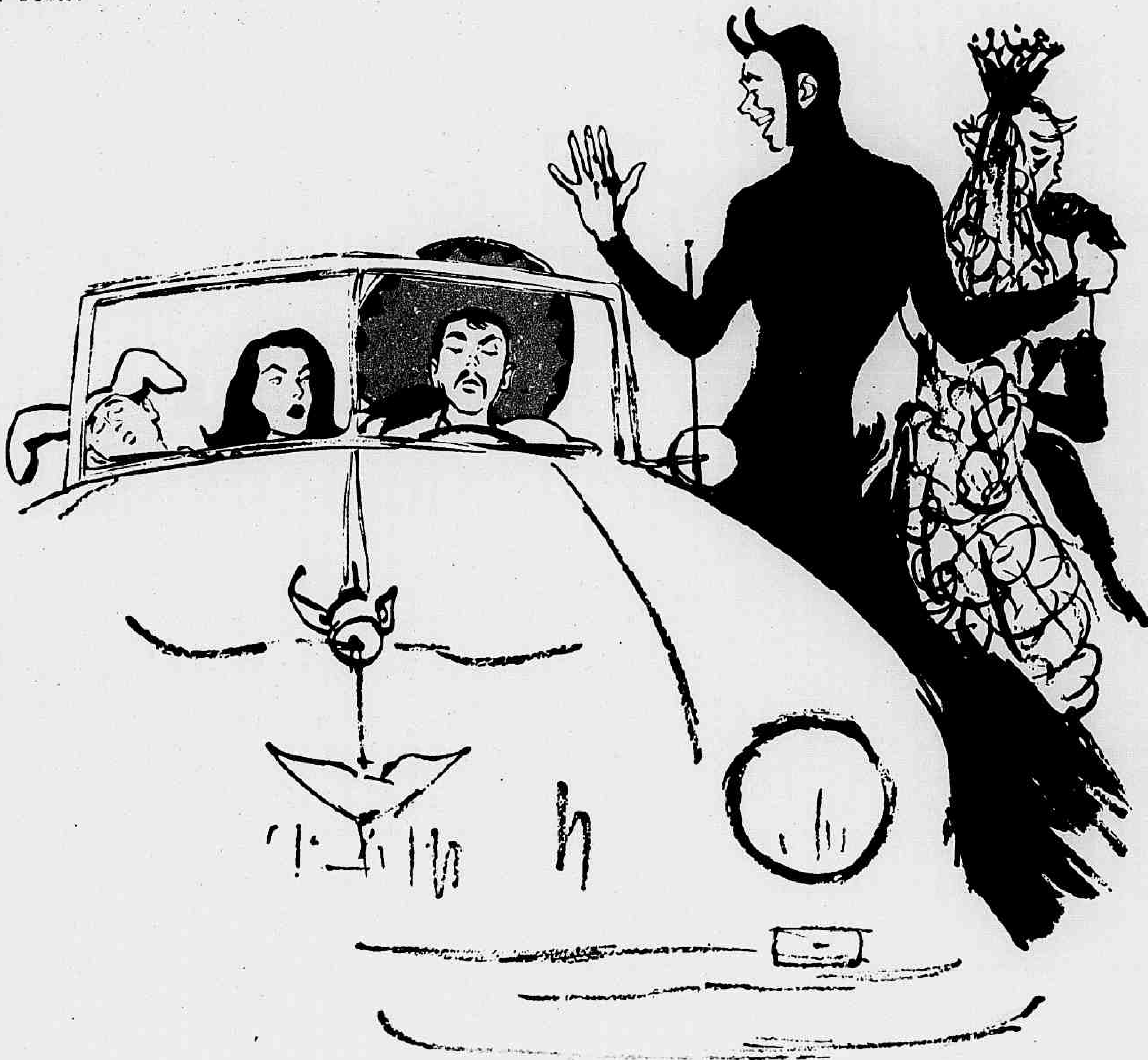
— Logo depois que me formei — disse êle, com o olhar perdido na parede. — Há treze anos.

Uma das razões porque meus professôres implicavam comigo, era a minha mania pelas imitações.

— Acho — disse eu, adotando o tom superior de Andy — que depois de treze anos vocês já deviam ter esquecido essa briga ridícula.

— Se você pensa que ainda estou apaixonado por Sharon Bennet, está redondamente enganado! — disse êle, rubro de cólera.

— Claro! — disse eu, fingindo examinar minhas unhas.



Em vez de atirar-se um bom sôco no nariz — como sei que tinha vontade de fazer — êle se limitou com bufar e endireitar-se na poltrona.

— Você é teimoso. Sei que não conseguirei desviá-lo dessa idéia. Mas, ao menos, guarde essas idéias para você mesmo!

— Certamente — respondi. — Nada direi... a não ser a tia Helena.

Olhamo-nos por um longo instante; mas, já agora, êle estava calmo.

— Vamos agora mesmo ao hotel! — sugeri.

O funcionário da portaria, telefonou para o quarto de Sharon e a seguir avisou-nos que podíamos subir. Ela nos esperava à porta, parecendo muito diferente de como era apresentada na tela. Nos filmes era, geralmente, a estonteante beleza da alta-sociedade em busca de um bom partido. Mas, em pessoa não era assim... tão bonita nem tão estonteante.

— Que prazer tornar a vê-lo, Andy! — disse ela, olhando para cima e para o rosto de meu amigo, com um largo sorriso. — Você não mudou nem um pouquinho!

Andy estivera tão nervoso como um gato desde que saíra da redação, mas, agora, parecia satisfeitíssimo e sorria, mostrando os dentes bonitos.

— Consegui mais alguns músculos — disse, com ar descuidado.

Ela também riu, enquanto eu me limitava a olhar para um e para outro dos risonhos, sem compreender porque riam tanto. Afinal, aquilo só a êles interessava.

"— Você ainda se lembra do jovem Haroldo Burguess, Sharon? — disse Andy, como se repentinamente se lembrasse da finalidade da nossa visita. — Êle gostaria de levar você, esta noite, ao baile a fantasia, da Escola.

— A senhorita... Hmm... Você tem uma fantasia? — perguntei. — Todos terão que vestir uma fantasia.

Sharon Bennet, porém, continuava a olhar para Andy, mal ouvindo o que diziamos, creio, porque apenas respondeu:

— Oh, sem dúvida, Andy! Terei imenso prazer em ir com você.

— Não comigo — frizou Andy. — Com Haroldo!

— Oh... — e o seu rostinho delicioso se contraiu.

Andy explicou, então, que eu desejava apenas obter publicidade para o jornal,



indo à festa com uma estrêla do cinema. Disse ainda que isso seria também boa publicidade para ela. Sharon Bennet ouviu tudo em silêncio e como se pensasse em outra coisa.

— Não imaginam como sinto! — disse ela, quando Andy terminou. — Mas estou hoje com uma pontinha de dor de cabeça e sei que vai piorar, se fôr a êsse baile. Por isso, devem compreender que é impossível.

As pessoas de mais idade estão sempre afirmando que não entendem os mais moços. E o pior é que nós mesmos jamais sabemos o que podemos sentir e fazer dois minutos depois.

Neste momento, eu estava pensando em Joyce dançando com George Ambre... e logo a seguir tinha lágrimas nos olhos. Palavra! Nunca me senti tão envergonhado.

Sharon Bennet e Andy pararam de conversar e ficaram olhando para mim, parecendo nervosos. Finalmente, Sharon estendeu um braço, apoderando-se da minha mão.

Eu não sabia que isso era tão importante para você, Haroldo. Irei sim, mas...

Hesitou, procurando uma desculpa, depois concluiu, sem convicção:

"Mas, não tenho uma fantasia!"

— Você poderá ir de roupa de banho — sugeri tôlamente e sentindo-me mais envergonhado ainda. — Poderia fantasiar-se de... de... rainha da praia!

— Sim, sim. Ótima idéia! — disse Andy, sarcástico. — Você tem idéias formidáveis. Mas será melhor Sharon arranjar outra coisa... E digo mais: — que tal se formos, os três, juntos?

Tive vontade de torcer-lhe o pescoço, pois não podia admitir a presença de Andy entre mim e a estrêla de cinema.



— Mas, você não pode ir! — disse, tão excitado que minhas lágrimas logo secaram. — Você não tem fantasia... Nem há de q u e r e r apresentar-se como "beleza praiana", é claro!

— Eu arranjarei uma fantasia para êle! — declarou logo Sharon, cujo sorriso voltou a brilhar.

Andy sorriu, ao mesmo tempo que olhava para Sharon amorosamente, como se os dois estivessem a sós; por isso, não tive outro remédio senão fechar a bôca e esperar que acabassem com o "flirt". Andy declarava que só aceitaria uma fantasia decente, discreta... Nada de palhaçadas! Sharon afirmou que conseguiria para êle qualquer coisa para a cabeça... Tinha uma cabecinha de coelho, com grandes orelhas, coisa decente, que êle usaria com roupa normal; seria apenas um toque alegre e bonito. E acabaram rindo até ficar com lágrimas nos olhos.

Andy e eu, finalmente, nos retiramos, prometendo apanhá-la no hotel às oito e trinta. Esperei que êle se instalasse ao meu lado e, enquanto dava saída à baratinha, perguntei, irritado:

— Por que você cismou de nos fazer companhia... e assim atrapalhar o meu plano?

— Não estou atrapalhando nada — respondeu êle, zombeteiro. — Serei apenas um acompanhante...

— Acompanhante? Não preciso de um acompanhante!

— Mas Sharon precisa... — disse êle, fazendo-se de engraçado. — Já esqueceu o que aconteceu com Jenny Royce? Ha, ha!

— Ho, ho! — respondi, furioso.

Creio que êle adivinhou que o meu desejo era matá-lo. Por isso o o sorriso desapareceu dos seus lábios.

— Não leve a mal, menino. Nem fique assustado. Sharon será, nesse baile, a *sua* pequena! — sorriu novamente e acrescentou: "Jenny Royce vai ficar tão enciumada que nem encontrará as pernas para dançar."

— Quem está pensando em Jenny Royce? — perguntei, gaguejando de furor, mas corando.

— Ninguém... — disse êle.

Trocamos um longo olhar, mas desta vez não havia zombaria em seus olhos. Como já disse, Andy, às vêzes, sabia ser camarada e muito simpático.



Eu estava alegre como um passarinho na primavera, quando retornei à casa. Depois do jantar fui retirar do armário a minha fantasia de vaqueiro mexicano. Estava maravilhosa, exceto que lidei al-



— Você é um amor! — disse ela, e, repentinamente, de surprêsa, beijou-me na bôca!

gum tempo para arranjar um bigode feito com cortiça queimada. Finalmente, achei que estava bem e até fiquei satisfeito por parecer um rapaz de vinte e três.

Papai consentiu que eu usasse o seu automóvel em lugar da barata-calhambeque e cheguei, britânicamente, à hora marcada diante do hotel de Sharon Bennet. Notei, então, que ela abandonara a idéia da roupa de banhista, porque fantasiara-se como uma Grega, graças a um hábil arranjo, feito com lençóis de linho. Achei que aquilo era um tanto "conservador", porém Andy assobiou como qualquer rapazola atrevido e assim tivemos outros quinze minutos de bom-humor. Então ela apresentou o que arranjara como "fantasia" para Andy e imediatamente êle cessou de rir.

Simplesmente juntara dois cantos de fronha para travesseiro, que enchera com algodão, para que ficassem como as orelhas de um coelho, completando tudo com uma banda de elástico, para prender na nuca. Mas, alguma coisa saíra errado, porque as orelhas teimavam em ficar caídas.

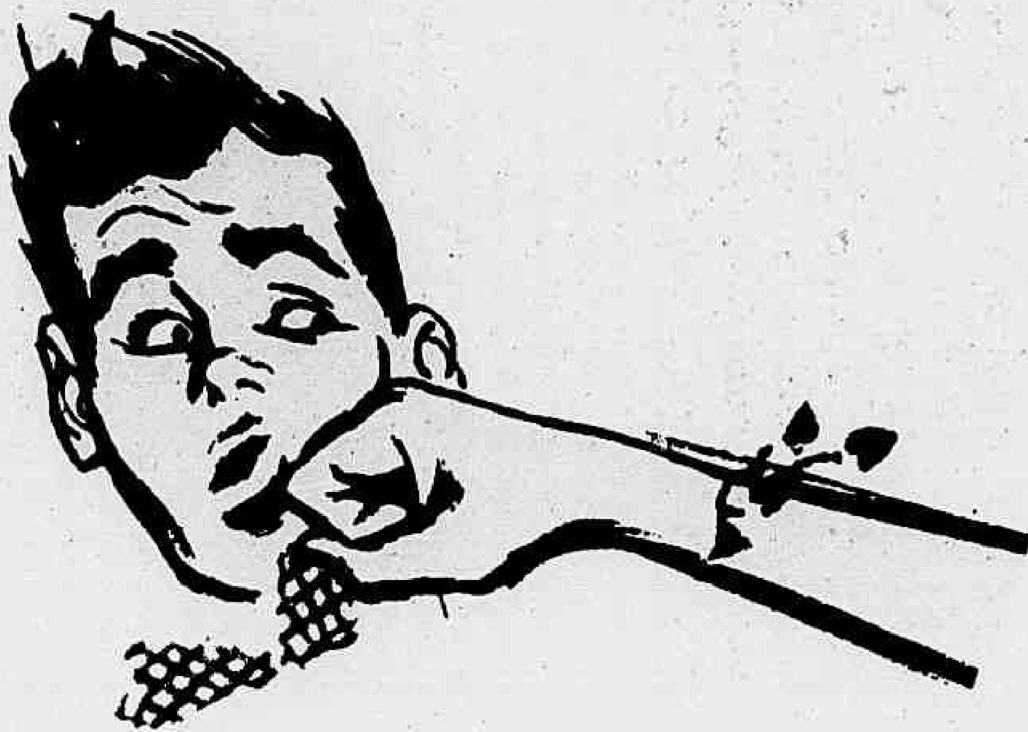
— Que tal? — perguntou Sharon Bennet, voltando-se para mim com ar preocupado.

— Terrível! — respondi, sincero.

— Não seja indelicado, Haroldo — falou Andy. E, voltando-se, amável, para Sharon, declarou: "Está muito bem, Sharon". Falara, entretanto, como se procurasse convencer a si mesmo.

— Bem... Creio que perdi o hábito de costurar — explicou ela, penalizada. — Desculpe, Andy, se não pude fazer melhor.

— Tolice... — afirmou Andy. — Está magnífico, Sharon! Pode acreditar!



CONSULTEI meu relógio pela décima quinta vez.

— Então, vamos indo. Assim vamos chegar tarde.

— Você não precisará usar *isso* ao passar pelo saguão — disse Sharon para Andy, porém êle apenas sorriu para ela, erguendo os ombros, como se nada tivesse importância.

— Por que não? Orgulho-me da minha costureira!

— Você está apenas sendo gentil — disse ela. Mas, de fato, estava encantada.

Tudo teria corrido muito bem no saguão, se não estivessem alguns importantes residentes, diante de uma mesa, recebendo os convites e anotando as fantasias. Havia um, acompanhado pela espôsa e um menino de uns seis anos. O garôto olhou para mim, primeiro.

— Olha, mamãe! — disse êle. — Um "cow-boy"!

Expliquei-lhe que não era um "cow-boy" (mas um vaqueiro mexicano).

Mas já o pai do garôto olhava espantado para Andy:

— E o senhor... que é? — perguntou, muito naturalmente. — Um coelho mexicano?

Andy não lhe deu resposta, mas apenas afastou-se da mesa e voltou para a rua.

— Ouçam — disse êle, quando nos aproximamos novamente do automóvel. — Vamos parar um instante na sorveteria Groaty.

— Mas assim vamos ficar atrasados — disse eu. — Se...

— Iremos primeiro ao Groaty, Haroldo! — disse Sharon, apertando os lábios. — Talvez aquêle senhor não esteja mais na mesa, quando voltarmos.

— Não, não! Não se trata da minha fantasia — disse Andy, apressadamente. — É que, antes, quero tomar alguma coisa.

Assim, fomos para o "Groaty". Andy pediu um *highball* e Sharon um copo de vinho. Para mim escolhi um Singapura-Cocktail, *bem forte*. Trouxeram-me limonada e o garção, de ouvidos fechados aos meus protestos, perguntou a Andy, apontando para as suas orelhas de coelho doente, "se ia para o baile a fantasia". (Cont. na pág. 115)



Lowell andava em busca da verdadeira vida — não da vida pálida e falsa que Marie Peyton pregava e vivia...

Por ACHMED ABDULLAH ● Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

UM mês atrás, pouco depois da chegada de Lowell Riverton a Tugurt, a porta do Sahara, Mehmet, o algério, fôra contratado como criado e intérprete. Agora mesmo êle acabara de puxar a manga do casaco do patrão perguntando:

— Quer conhecer a moça agora, patrão?

— Não! — foi a resposta impaciente. — E já lhe dei esta resposta uma dúzia de vêzes, esta semana!

— Está bem.

Mehmet deu de ombros, enquanto a jovem abria caminho e ia passando por entre as barracas daquele estranho bazar, onde o sol se filtrava pintando as mais variadas nuances de raios coloridos sôbre os vasos de cobre, os jarrões de cerâmica e prata. Displicente, ela ia passando, com o manto amplo flutuando e roçando a manga do paletó do americano quando passou junto dêle. Lowell aproveitou para olhá-la de perto e, sob o véu transparente, pôde ver a fronte ampla e bem feita, o nariz pequeno e certo, os lábios provocantes e muito rubros e, no rosto muito branco, dois olhos negros, amendoados e sombreados por longos cílios.

Exatamente como acontecera na tarde anterior, ela parou junto a uma barraca onde um armênio de nariz adunco cuidava, com olhos ávidos, do seu balcão de joalheria. Apontou para um bracelete, formado por uma meia lua em pedrinhas:

— *Kadesh* — quanto? — perguntou.

— Noventa francos.

— *Ma indish, Nasranee* — Não tenho o dinheiro...

— Foi o que você disse ontem e anteontem e no outro dia (e o armênio, dirigindo-se ao povo que o rodeava, começou a praguejar, perguntando que direito, afinal, têm os pobretões de fazer perder tempo a um honesto comerciante. E prosseguiu: — Ah! Por Cristo Crucificado, pode o nudista romper suas roupas? É razoável que uma viúva — ou uma mundana — se vangloriem da sua pureza?

Todos estouraram em gargalhadas e a moça desviando-se, olhou por cima do ombro para o americano e seguiu seu caminho tilintando as medalhas que trazia nos tornozelos e deixando na sua passagem um estranho perfume de almiscar.

Lowell, seguindo-a com os olhos, sentiu o coração bater acelerado, penosamente, com saudades... Saudades? Impossível! Êle nem a conhecia! E, além disso, aquela criatura era inteiramente estranha; terrivelmente estranha em raça, língua, crença e civilização — em tudo enfim!

Sim; uma alma estranha, *fora do foco da sua vida normal*. Mas, no segundo seguinte, quase violentamente, achou que era justamente esta disparidade que o atraía; e lembrou que um dos motivos de estar êle ali, naquela terra, fôra a vontade de fugir das rotineiras e sufocantes circunstâncias da vida que sempre havia levado em Boston — e o motivo de tudo fôra uma mulher que em nada lhe era estranha e a quem amara muito!

Pelo menos êle se confessara a ela e estivera mesmo convencido de que a amava. Pensava nela agora. Marie Peyton. Linda! De uma beleza branca e dourada...



mas fria, fria como sua alma e seus pensamentos. Tinha a impassibilidade de Boston e a inteligência também. Envolvia os mais insignificantes comentários em nuvem de amarga ironia. Julgando a todos pelo seu padrão de impecável conduta. Fisicamente era forte; espiritualmente covarde e temerosa de qualquer emoção sincera.

— Uma bela mulher, não acha? — perguntou Mehmet nesse instante, interrompendo seus pensamentos.

— Ora, cale-se!

O outro, sem se importar com a resposta irritada, começou a falar a respeito da moça.

O nome dela era... *Nuktat el Misk*, que quer dizer "semente de almiscar". Tinha dezessete anos e era filha da tribo de Oulet-Nayl, cujos bandos tinham suas tendas armadas lá para o sul, no deserto de *Djelfaa*, junto do Oásis. E, *se o distinto patrão quisesse dar a ela o bracelete*... êle Mehmet, famoso pechinchador, faria a transação.

— Por oitenta francos — ou talvez até por menos!

E continuava falando enquanto o americano procurava não lhe dar atenção; tentava apagar da própria mente a imagem da moça; mas não conseguia.

Como seriam os pensamentos dela? E os sonhos? Os sonhos por trás daqueles olhos negros? Diferentes, sim (e sorriu amargamente). Diferentes, por certo, dos sonhos de Marie Peyton... Mas por que, hoje, como ontem e como no dia anterior, havia olhado para êle? Seria apenas porque queria tentá-lo a dar-lhe o bracelete de presente? Seria apenas um apêlo interesseiro, como era comum nas ruas de sua terra, em Boston?

"Não podia ser por outra coisa" — pensava êle; mas sentia que êste pensamento o irritava.

Enxugou o rosto com o lenço. O calor estava tremendo e êle bem que estava precisando de um bom trago, gelado. A seguir, voltou para a pequena casa que alugara para morar, bem no centro do bairro árabe. Mehmet seguia-o como um cãozinho a seu dono, rente aos calcanhares.

— Não sairei hoje à noite — anunciou Lowell. — Quero um sanduíche e uma garrafa de vinho branco, às seis horas.

— Escuto e obedeço, patrão.

E Mehmet, fazendo reverências, saiu da sala, enquanto o patrão caminhou para a outra sala preparou um "high-ball" e veio sentar-se junto ao parapeito da janela. Então, seus pensamentos se voltaram novamente para a mulher do deserto. E, novamente, seu coração acelerou o ritmo das pancadas e êle se sentiu irritado consigo mesmo. Um pouco culpado, um pouco envergonhado, afinal, sendo quem era; um pintor, um artista de renome, mas também um *Puritano* da Nova Inglaterra, com princípios de moral muito rígidos e ao mesmo tempo... um homem de instintos irrefreáveis e, às vêzes, de reações um tanto violentas.

Não obstante em tôda a sua vida, passada em Boston e em Maine, sempre escapara destas reações, exceto em alguns pequenos *intermezzos*, que nem lhe haviam deixado lembrança, e exceto, principal-

mente, no *intermezzo* com Marie Peyton, que lhe deixara uma lembrança muito viva. Ela era casada (e todo mundo sabia — *mal casada*) com Cabot Peyton. Lowell a conhecera durante o verão passado.

Primeiro foi o *artista*, que havia nêle, que se encantou por aquela *beleza branca e dourada* e, a seguir, foi o *homem* que imitou o artista e passou a vê-la sempre e a sentir uma espécie de desafio emocional.

Uma noite, depois da quarta taça de champanha e com a voz embargada pela emoção confessou-lhe seu amor.

Ela sorriu tranqüilamente.

— Você anda lendo literatura barata... — respondeu.

— Eu... eu...? — perguntou êle, desapontado e gaguejando.

— Sim; sua maneira de falar, sua vida, sua conduta...

— Mas... que há de errado no amor?

— Eu sou casada; você sabe...

— Sim, e mal casada — replicará Lowell, ríspido.

— E isto, por acaso, lhe dá direitos a...

— Não, não — interrompeu êle. — Você não me entendeu; eu quero dizer qu eexiste o divórcio...

— Não aprovo o divórcio — disse ela, enfática. E quando Lowell replicou que aquilo era ridículo, ela fêz uma explanação completa da sua noção da vida, de conduta, dos deveres e do sacrifício que se deve fazer para cumpri-la; com fria e surpreendente ironia mostrou-se calculista. Êle discutiu, implorou, mas viu que estava falando para uma parede

fria e imepenetrável. E assim sucederam-se outras noites, porque ela, ou por sua latente vaidade ou por um requinte de crueldade, não o proibiu de visitá-la. Ao contrário encorajava-o para depois repeli-lo até que, uma noite, êle perdeu o contrôle e gritou:

— Você é mesquinha, cruel, desumana!

— Por que sou decente?

— Sim, precisamente! A decência não exige nada! Nenhum sacrifício e...

Êle nem terminou de falar, saiu da casa apressadamente, de maneira infantil, batendo a porta; e dois dias depois deixava Boston.

E agora estava na África do Norte !

Viera para esquecer Marie Peyton e, também, com o natural senso ianque, em busca de novas inspirações para seus pincéis e telas.

Estava cansado de pintar a nevoenta melancolia dos cenários da Nova Inglaterra; buscava, ansioso, novos contornos e côres contrastantes — queria combinar vermelho com verde, alaranjado arrogante com roxo ou azul cobalto... queria qualquer coisa diferente, queria côres, sim, era isso; buscava o drama vibrante das côres vivas, palpitantes sob a luz do sol ardente.

Queria vida dramática, movimentada. Queria a vida verdadeira e não a vida pálida e falsa que Marie Peyton pregava e vivia.

E ali estava vida palpitante, a seus pés, naquelas ruelas estreitas e barulhentas. Tugurt, tumultuoso, ardente, irrefreado, livre, latejando em cada vida com a insistência de uma música de jazz.

Ali as paixões eram violentas. Amor e ódio, antagonismos e desejos, tudo em choque! Cães famintos uivando, moleques conduzindo burrinhos de carga e dizendo inconveniências. Os vendedores de limonada batendo os copos de metal numa barulheira ensurdecedora; os fruteiros com seus pregões. Até êle chegava o tropel dos camelos e podia ouvir o vozerio dos árabes, vestidos de sêda e curvados sôbre os tabuleiros de gamão na porta de algum café, a cantilena de um rústico instrumento de uma corda só. E, ainda, o bater compassado dos tambores da Legião Estrangeira.

Então, entre os ruídos todos, o tilintar de medalhas nos tornozelos de uma mulher...

Lowell se levantou nervoso. Olhou pela janela. Nenhum sinal dela entre a multidão que passava! Mas continuava a ouvir o tilintar, outra vez, e agora mais perto, mais nítido... e também o doce e perturbador perfume de almiscar...

Deve ser imaginação minha — falou êle a meia-voz. — Tomou mais uns goles e então ouviu Mehmet dizer:

— Patrão, o jantar.

O criado vinha descendo com uma bandeja na qual se via a refeição servida em porcelana e prata, e Lowell perguntou:

— Para que todo êste aparato festivo?

— O patrão tem companhia...

— Que companhia?

— A moça...

— Que moça?

— A *Semente de Almiscar*... — e Mehmet apontou para a cortina que separava os cômodos da casa. — Ela está ali...

— Hein? Que foi o que você andou arranjando?

— Ela veio agradecer o bracelete...

— Mas eu não dei...

— Eu dei... em seu nome. Setenta e três francos! Foi quanto paguei por aquilo — Mehmet parecia desculpar-se — não tive muito tempo para pechinchar, sabe? Bem; boa-noite, patrão.

Um segundo depois Lowell estava sòzinho. Olhava fixamente para a cortina, que tremulava com a brisa do crepúsculo, e dali vinha um estranho perfume de almiscar e o tilintar de medalhas...

Engoliu em sêco. A chama do desejo fêz seu coração pulsar descompassado contra as costelas. Tentava controlar-se e ser sensato, mas pouco depois o mesmo bom-senso parecia dizer-lhe que, afinal, ali estava a vida, oferecendo-lhe algo que êel sempre buscara; e que não era muito longa a distância entre o vigor da juventude e a obesidade da velhice; era preciso aproveitar antes de que o fígado começasse a doer, os rins enfraquecessem e as



artérias ficassem cansadas e os cabelos começassem a pratear...

E então, fora da lógica, lembrou-se de Marie Peyton; então, com uma gargalhada, quase de vingança, abriu a cortina e entrou.

Uma figura pequenina estava encolhida no divã; depois levantou-se, aproximando-se dêle, devagar mas sem a menor hesitação. Os raios do sol, que começavam a desaparecer, dançaram em suas tranças e puseram brilho de diamantes naqueles olhos negros.

— Aqui estou, Sidi.

Falou num francês meio atrapalhado. O dêle também não foi muito melhor quando, tentando, ainda uma vez, amargamente, dominar o desejo que o atormentava respondeu:

— N-não era preciso incomodar-se em vir até aqui...

— Como?

— Sim, só para me agradecer o bracelete...

— Não foi por isso que vim. Veja! (e tirando do braço a pulseira atirou-a sôbre a mesa). Eu devolvo!

Depois, sorrindo, continuou:

— Tenho dinheiro. Posso comprar...

— Então por que não o fêz?

— A jóia foi apenas um... — como vocês dizem? — Um truque para eu vir — deteve-se um instante e, depois, num cochicho, concluiu: — Por sua causa, Sidi!

— Por... por minha causa? — perguntou êle, empalidecendo.

— Sim, sim; por causa do que está no meu coração. E porque você tem cabelos bonitos, escuros; gosto de cabelos escuros...

— Também eu gosto de cabelos negros — respondeu, sorrindo.

E, tomando-a nos braços, beijou-a.

Amanhã mesmo, pensou êle, deixaria Tugurt. Iria, talvez, para a Algéria e, dali, direto para Boston, para casa, pelo primeiro navio!

Sim, mas *isto*... amanhã; não esta noite!

E beijou-a novamente.

Nos dias que se seguiram, todos, da colônia estrangeira de Tugurt comentaram o caso. Os franceses riram e disseram graçolas; os italianos se mostraram francamente despeitados; os alemães mostraram-se superiores; inglêses e americanos ficaram escandalizados.

Mas Lowell nem soube; e, se soubesse, não se importaria. Êle estava com *Nuktat el Misk* — e isto era tudo o que interessava. Sentia-se cada vez mais enfeitiçado por ela. Ficava, às vêzes, obser-

vando-a. Ela era tão versátil! Havia nela tantos aspetos interessantes. Ficava pela casa e pelo jardim como um pássaro de alegre plumagem e canto festivo — e sempre em atividade — aqui e ali, em tôda parte — sempre descobrindo novas coisas para fazer — uma nova flor a ser plantada, uma toalha para bordar caprichosamente, um prato delicioso para preparar. E sempre uma beleza própria e radiante surgindo nela; ora um gesto gracioso de suas mãos brancas e leves, um abanar brejeiro de cabeça ou uma pose romântica ou de abandono. Tão diferente da beleza de estátua de Marie Peyton — *não que êle estivesse pensando na outra*.

Lowell tentava desenhar aquelas atitudes a carvão, ou pintá-la numa tela; e quase gritava, então, zangado:

— Fique quieta, por Deus! Deixe que eu *pegue* esta linha...

Bons quadros e que, algum dia, seriam vendidos por bons preços.

Quando êle lhe falou nisso ela abanou a cabeça e perguntou: *Para quê?* A vida em Tugurt não era cara e ela sabia pechinchar mil vêzes melhor do que o idiota do Mehmet; por Alah, se sabia! Os quadros, para ela, não tinham qualquer valor.

— Por que pintar uma coisa quando se é dono dela — indagava com a sua estranha lógica — como, por exemplo, você é o dono de mim?...

— Sou mesmo?

— Sim... e eu o amo.

E ela repetia isto vêzes e vêzes, porém êle nunca respondeu sequer para dizer que a amava também.

Preferia repetir para si mesmo, e não a ela, que aquilo era apenas uma loucura temporária dos sentidos e que passaria, se conseguisse manter livre o coração; e precisava manter o coração livre!

E conseguiu, pelo menos no comêço e durante as horas do dia. Mas não na penumbra da noite, quando estava nos braços dela e sentia que, então, ela deixava de ser a criança que o divertia ou o modêlo que posava para êle e passava a ser uma mulher, vibrante, ardente, um elemento vital. E tão diferente em tudo das mulheres de sua terra. E de Marie Peyton!

Uma criatura diferente, que mais lhe parecia um desafio a tudo aquilo a que êle estivera antes acostumado a acreditar e cujo mistério êle — sendo natural da Nova Inglaterra — se sentia no dever de decifrar. Mas nisso êle falhou completamente. E por isso sentia-se ciumento. Não era um ciúme físico (ela não conhecia pessoa alguma em Tugurt) mas um ciúme mental (porque êle não conseguia penetrar nos pensamentos dela e descobrir o que ali se passava).

Às vêzes, achava que estava a ponto de descobrir; qualquer coisa, muito breve, revelaria o mistério. Mas o próximo gesto, a próxima palavra e tudo mais que se seguia, nada esclareciam. Uma gargalhada cristalina, uma carícia — eram tudo; e a misteriosa personalidade de *Nuktat el Misk* escapava ao seu cérebro — essencialmente anglo-saxão — escapava assim como algo sem aspeto, sem voz, mas sempre zombeteiro.

Por vêzes, tentava levá-la a discutir sôbre isto ou aquilo: religião, raça, costumes. Mas não adiantava; ela apenas concordava com o que êle dissesse. Concordava sorrindo. Mas não com o sorriso de uma criança e sim com o sorriso paciente e experiente de uma mulher *que ouve uma criança*! E aquêle sorriso era uma fronteira que êle não conseguia transpor.

— Bem — dizia êle, finalmente, para si mesmo. — Não me importa quem ela é ou deixe de ser; uma... aventureira no deserto que escolhi no mercado; ou melhor, foi ela quem me escolheu!

Mas, no momento seguinte, sabia que não estava assim tão fàcilmente convencido e, mais uma vez, esforçava-se por decifrá-la. Queria encontrar a alma de *Nuktat*, a alma despida, franca. Mas.... teria ela uma alma? Suponhamos que sim, e suponhamos ainda que êle a descobrisse... Não seria isso perigoso? Não ficaria êle então mais enleado, mais prêso, mais embaraçado? Seria melhor não tentar. Nada queria saber a respeito dela! Nada — a não ser que seus lábios eram ternos e macios e seus braços generosos. "Vamos

deixar que fique assim" — dizia para si mesmo — sem misturar pensamentos e corações." Melhor seria que êle não permitisse que ela viesse a ser *espiritualmente importante* para êle. Já errara uma vez, com Marie Peyton, e não cairia em outro êrro.

Esta era a sua decisão — mas não a mantinha! Não podia... pois, mais e mais, sentindo crescer sua ternura, achava que precisava saber, *devia saber*.

Um dia perguntou diretamente, pediu até:

— Fale-me a seu respeito.

— A meu respeito?

— Sim...

— Bem... eu... eu sou *Nuktat el Misk*...

— Pois fale-me de *Nuktat el Misk*.

— Que posso dizer senão que o amo?

E então, abraçando-o afetuosamente, prosseguiu numa mistura de francês, árabe e um pouco de inglês que êle ensinara:

— Eu amo você tanto, pedaço de minha alma! Herói, luz numa casa escura...

— Isto deve ser a mesma coisa que você diz ao seu macaquinho, aos passarinhos do jardim e às flores — replicou Lowell aborrecido.

— Mas — continuou ela, muito séria — eu gosto muito do meu macaquinho, dos passarinhos e das flores...

E olhando um botão de rosa, no jarro, beijou-o apaixonadamente. Lowell ficou um momento calado e depois disse:

— Afinal, você não me falou a seu respeito.

Seu rosto estava severo ao falar. Ela, porém, sussurrou junto dêle:

— Muito zangado?

— Sim, estou muito zangado.

— Então vou contar.

E então começou uma lenga-lenga interminável, terrìvelmente confusa, cheia de detalhes sem importância e sempre contraditórios. Girava tudo em volta de uma aventura impossível na qual os personagens eram uma princesa, filha do Bey de Tunis, e um marroquino ciumento que, às vêzes, se chamava Ali e outras Hossayn, uma espôsa infiel, um mercador judeu, que, no início da história, foi assassinado de maneira espetacular mas que, no final, apareceu vivinho e fazendo uma transação vantajosa.

Lowell suspirou, aliviado, quando ela acabou o relato e passaram-se vários dias sem que êle voltasse ao assunto. Numa segunda ocasião, ela contou outra história, que diferia da primeira nos mínimos detalhes — e nos grandes também. Êle ergueu os ombros — *ela mentia sempre!* Naturalmente jamais conseguiria saber algo a seu respeito. Sua vida



ESTRANHO PASSAGEIRO — Êsse encantador bebê-hipopótamo viajou, recentemente, da África para a capital francesa e, ali, depois de causar grande sensação, embarcou num avião para os EE. UU., pois estava destinado ao «Zoo» de Boston. Aí vemos o estranho passageiro atendido pela aero-moça, pouco antes de viajar para a América do Norte.

passada, como sua alma, estavam envôltas num mistério intransponível e indecifrável. Mas que importava, afinal? Talvez ela tivesse razão. Talvez não existisse no mundo — como ela dizia — outra verdade que aquela dos sentidos dados por Deus. E Lowell riu, pensando como Marie Peyton ficaria escandalizada se soubesse, se visse *Semente de Almiscar* e êle... Porém, Marie Peyton já não lhe importava! A mentalidade gelada de Nova Inglaterra já não tinha mais influência para êle. Desligara-se de tudo e descobrira uma nova luz, mais forte e mais brilhante.

Sim, ali estava afinal o que êle sempre buscara — pensava. — O que sempre procurara como homem e como artista. Ali estavam côr e vida! Uma palheta pródiga em *nuances* novas. Tudo êle encontrava naquelas ruelas atravancadas de gente barulhenta naqueles bazares sempre regorgitando de uma freguesia colorida e variada. Ali, entre perfumes exóticos e sêdas brilhantes e aquêle céu de safira... e o sol e a lua e as estrêlas em profusão. Sim; tudo aquilo onde em tardes iluminadas êle selava seu cavalo árabe e cavalgava para fora da cidade, perdendo-se em devaneios na imensidão do deserto do Sahara. E tudo parecia bom e simples, ali; não sentia a carga das preocupações; naquele silêncio absoluto livrava-se de de tôdas as convenções e problemas.

E era ali, também, que êle tinha a sua casa, tranqüila, com o pátio amplo e a fontezinha cantante, as paredes recobertas de tapêtes, e as laranjeiras floridas, os jarrões pintados de azul pavão....

E ali também estava *Nuktat el Misk*... Ela era um *brinquedo*, um modêlo lindo. E, na penumbra das noites estreladas, era uma mulher que o compreendia e, na magia de seu contato, lhe transmitia mensagens de juventude ardente e beleza. E, quando por vêzes, sentia voltar aquêle ciúme, aquela implicância por ignorar tudo sôbre a vida dela, sôbre o seu passado, se nesses momentos sentia um certo mal-estar, uma espécie de mágoa e sempre uma frustração estranha, refletia melhor e concluía que aquilo era, afinal, o preço que devia pagar pelo que recebia: o preço do amor.

Um dia, bruscamente, teve a certeza de que não havia conservado livre o coração, como tencionara. Amava-a! Mais do que amara Marie Peyton; amava-a como jamais julgara poder amar alguém. E, coisa estranha — pensava. — Parecia-lhe que quanto menos sabia sôbre ela mais a amava. Estava convencido que aquela era uma espécie de amor que jamais poderia findar; não poderia ser medido dentro ou fora da existência.

Certamente — pensou êle, com sua mentalidade de artista — a Sulamita, a quem o rei Salomão cantara versos, não poderia ser nem mais bela nem mais amada do que *Nuktat el Misk*; e, abrindo a Bíblia, leu:

"Que lindos são teus pés!
Oh! filha dos príncipes!
Teus joelhos são belos como jóias,
E as tuas mãos obra de arte divina..."

Riu satisfeito — e ela levantou o olhar do bordado que estava fazendo.



Felicidade... Sim; fôra muito feliz — pensou Lowell. — Oito meses de felicidade... Agora, via que aquêles oito meses tinham sido uma miragem... cada hora, cada minuto — uma mentira... Que lhe restava fazer? Como reconstruir sua vida?

Passou horas assim, pensando, até que lhe veio aquela sensação igual à de um do dono: *devia voltar para Boston!* cão ferido que se arrasta de volta à casa Aqueles oito meses — aquelas oito eternidades — seriam banidos da sua mente *como se nunca tivessem existido.*

Mas Boston era diferente — sempre existira. A Nova Inglaterra — também — sempre seriam os mesmos. Aquilo sim era uma verdade... uma verdade que êle devia encontrar outra vez. Devia voltar e acomodar-se novamente ao passado — tudo como fôra antes — *antes de Marie Peyton...*

Lowell sorriu amargamente.

Marie era fria, fria como a própria Nova Inglaterra, mas também como a Nova Inglaterra, era coisa certa e decente. Teria casado outra vez?

Se tivesse... Ora; havia de encontrar outras Maries, em Boston. Chamou num grito: *Mehmet!*

E, quando o criado chegou, deu as ordens:

— Compre uma passagem de trem para a Algéria — para esta tarde mesmo! E informe-se sôbre quando parte o próximo vapor de lá.

— Ouço e obedeço, patrão — disse Mehmet, curvando-se.

De volta do trajeto até à agência de viagens, Mehmet parou em frente ao bazar e conversou um pouco com Mordecai Ezra, o judeu marroquino a quem Lowell tomara a casa alugada.

— *Nuktat el Misk* voltou para sua tribo no deserto. Isto resulta em que o "amerikani" vai embora para a terra dêle outra vez... hoje mesmo parte.

Fêz uma pausa e concluiu:

— E, contudo...

— E contudo...?

— Que pensa você do dinheiro, *judeu*? — foi a pergunta inesperada.

— Dinheiro? — replicou o outro, impassível. — Dinheiro está sempre na bôca de mentiroso, muçulmano!

— Mas não é também... *a chave que abre a porta da confiança?*

— Qual confiança, pedaço de animal? Eh...?

— A minha em você... a sua em mim...

— Hum...

— O aluguel que você pediu pela casa foi de...?

— Quinhentas *frrrancas* por mês. Você bem *sabe*... sua comissão não era de dez por cento?

— Suponhamos que no ano que vem eu lhe consiga um aluguel de oitocentos francos por mês?

— Só um idiota *pagarrria* isto...

— E se eu arranjar êste idiota?

— *Ganharrrá* sua comissão.

— Não. Quero vinte-e-cinco por cento...

— Quinze.

— Dezenove...?

— Muito bem.

— Posso confiar, judeu? Dê aqui a tua mão.

— Aqui está, muçulmano — e seleram com um apêrto de mão. — Mas, *querro* saber... quem ser o idiota?

— O "amerikani"...

— Mas você *dizer*...

— Sim, que êle está de volta para a terra dêle. É a verdade! Mas, por outro lado, quem pode garantir que, no ano que vem, quando a primavera pintar novas côres nos céus do deserto, êle não estará aqui, novamente...? E que, da mesma forma, uma certa moça da tribo Ouled-Nayl também... — e, interrompendo-se para erguer os olhos, hipòcritamente, exclamou — Oh! Só Alah sabe... Só Alah...

— Sim, só o Profeta... — replicou o judeu — e a paixão ardente no coração de um homem...

E voltou-se para seu balcão, enquanto Mehmet retornava para a pequena casa no bairro árabe, a fim de arrumar as malas do patrão.

★ ★



A VAIDADE NEM SEMPRE É PECADO FEMININO — Uma emprêsa de transportes por autocaminhão se valeu dela, recentemente, para corrigir uma situação que prejudicava seus interêsses. Os modos e atitudes pouco corteses dos condutores de seus veículos vinham provocando uma série lamentável de queixas. Das investigações empreendidas pela emprêsa resultou saber que os condutores, quando em viagem, não se preocupavam com barbear-se nem tampouco com a limpeza de suas roupas.

Diante dêsse problema, a emprêsa colocou um espelho de corpo inteiro no local onde os motoristas não poderiam deixar de ver a própria imagem refletida com fidelidade. Quase imediatamente aquêles homens rudes principiaram a fazer a barba corretamente e não tardaram em aceitar o uniforme que a emprêsa desejava que vestissem. Cessaram as queixas, pois à medida que a aparência dos condutores se tornava mais «decente», também melhoravam de comportamento.

HÁ períodos verdadeiramente satisfatórios e que vêm aumentar as esperanças. Em geral, o público não chega a notar porque, em razão da superstição, sempre viva nos meios aeronáuticos, *ninguém fala a respeito*. Mas, enfim, cresce a esperança. E, se querem um exemplo, apontaremos o ano de 1949 e uma simples linha comercial: a Air France, cujo recorde foi o seguinte: Mortos, 0; Acidentes, 0.

Tôdas as companhias, aliás, gozam — em geral — de igual tratamento favorável da sorte, com zero mortos e zero acidentes. Ora esta ora aquela linha, tôdas vão tendo o seu período favorável enquanto outras se vêem vítimas de acidentes mais ou menos graves.

Naquele ano de 1949, cujas estatísticas temos em mãos, a Air France foi a bafejada pela sorte. Enquanto outros *liners* do ar, fôssem norte-americanos, brasileiros, holandeses, canadenses, inglêses, etc., batiam em montanhas, tombavam incendiados, capotavam ao aterrissar ou perdiam-se nos mares, nas cinco partes do mundo, aquela fazia exceção. Em tôdas as suas linhas, o mesmo resultado: — Acidentes: 0. Mortos: 0.

Era, porém, belo de mais! O encanto foi quebrado, repentinamente, com uma das catástrofes mais espantosas da história dos transportes aéreos. Não terminara o ano que poderia ser considerado miraculoso quando o mundo teve conhecimento do drama que transformou o balanço de 1949 para aquela companhia, o qual passou a ser: — Acidentes: 1; Mortos: 48!

Entre as vítimas estava o famoso boxeador francês, que chegara ao campeonato do mundo, Marcel Cerdan.

Quarenta e oito mortos era um total alarmante. Mas êsse recorde durou pouco, infelizmente, pois apenas dois dias depois, nos Estados Unidos, maior número de pessoas morria em outro acidente. O aparelho de um pilôto venezuelano chocou-se com um "Skymaster", no momento em que êste pousava sôbre o National Airport de Washington. Mortos: 54.



A ESQUERDA: — Retardando a velocidade da descida, viajando de costas para a cabine de comando e com a

POR QUE

Tais cifras são realmente terríveis. Descontrolam os nervos dos mais fortes e povoam a imaginação de imagens exageradas. Para começar explodem como bombas na primeira página dos jornais, em todo o mundo. E o pior está em que sobem sempre em número de vítimas porque os aviões são cada vez maiores, transportando mais e mais passageiros. Assim, em Tóquio, cêrca de três anos depois o número de vítimas chegava acima de noventa!

Há ainda, agravando as coisas, os nomes de destaque com que se ornam as listas das vítimas, justamente porque essas fi-



o pára-quedas age como freio e reduz a brutalidade do impacto. À DIREITA: — Com os passageiros expulsão dos tanques de gasolina ficam reduzidas as gravidades dos ferimentos e a possibilidade de incêndio.

AINDA CAEM OS AVIÕES?

guras de destaque viajam mais que as outras. E todos êsses fatos chegam a obscurecer e mesmo a apagar nos espíritos tímidos, o magnífico desenvolvimento mundial do transporte aéreo.

113 000 *CHANCES* CONTRA UMA — As causas? São muitas e quase sempre extraordinárias. O avião que, em junho de 1952, caiu sôbre as Filipinas, foi destruído pelo amor culpado, enquanto que o avião canadense, que se desfêz em pleno vôo, sôbre Quebec, no mês de setembro, também de 1952, foi vítima da... cupidez. No primeiro caso, uma mulher e o homem com quem vivia clandestinamente haviam colocado uma bomba-relógio na bagagem do marido, que atrapalhava seus amôres. No segundo caso, um marido havia usado o mesmo estratagema para receber o colossal seguro de vida de sua espôsa, passageira do aparelho. Três dúzias de inocentes foram dessa forma arrastados à morte pavorosa. Mas nem o amor culpado nem a cupidez hesitaram diante dêsse detalhe.

A mecânica também tem sua culpa. Sôbre vinte e três acidentes graves ou ligeiros de uma grande companhia internacional, em 1952, três foram provocados por mau funcionamento dos motores e dois por um defeito no trem de aterrissagem ou fraqueza dos freios. Entretanto,

êsses números provam que a mecânica é uma culpada menor e todos os inquéritos apontam, em todos os países, a mesma porcentagem.

70% DOS ACIDENTES SÃO DEVIDOS AO ÊRRO HUMANO — Hoje, o grande culpado — o maior responsável pela perda de vida -- é o êrro humano. Multiplicando os acessórios, os motores auxiliares, os dispositivos automáticos, acabaram, segundo parece, multiplicando as possibilidades de *pannes* e desarranjos. Isto porque, no meio de tantos e tão variados mecanismos delicados, é ainda o homem o que mais erra e falha!

Na aviação norte-americana, sem dúvida a mais adiantada do mundo, dá-se a êsses erros, o nome de "cockpits blunders" — cochilos do pôsto de pilotagem.

Juntando-se a isso as faltas profissionais dos mecânicos, os cálculos defeituosos dos navegadores e a insuficiência técnica de alguns aeródromos e temos explicado — segundo os cálculos governamentais — os 70% dos acidentes.

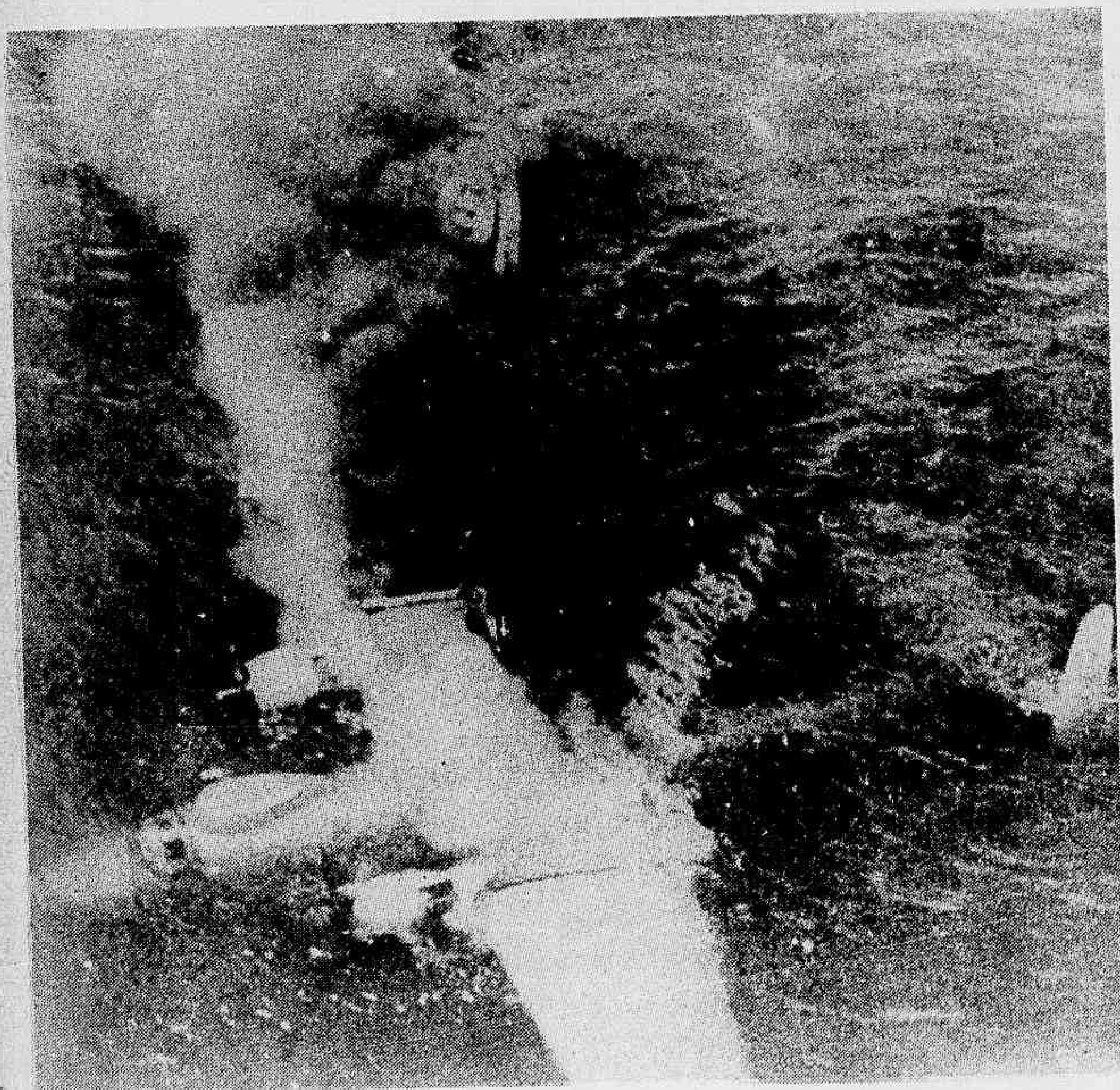
Dos seus dezoito acidentes "explicados" em 1951, uma grande e renomada companhia, cujos aviões visitam quase todos os países do mundo, aponta doze a essa mesma escala de erros humanos. Em 1952 a proporção foi a mesma: dez sôbre dezoito.

"O PARELHO BATEU CONTRA UMA MONTANHA" — Rúbrica trágica... e a pior de tôdas. No entanto, foi ela a que, mais vêzes tem explicado as catástrofes. Assim foi, por exemplo, nos Açores (48 mortos), duas vêzes, no sul do Brasil (26 mortos), nas Índias (45 mortos) no Popocateplet (24 mortos), nos Andes (32 mortos), além de muitas outras, que dispensamos recordar, pois encheríamos todo o espaço que nos resta.

Muitas vêzes o pilôto impotente não tem culpa, sendo precipitado na morte antes mesmo daqueles que conduz através do céu. Mas, algumas vêzes, êle próprio provoca êsse destino trágico por sua imprudência, seu excesso de confiança em si mesmo e seu criminoso desdém das rotas rígidas que lhe foram traçadas.

O exemplo clássico é o daquele pilôto de uma linha norte-americana, que, sobrevoando as Montanhas Rochosas, acreditou poder tomar um caminho mais curto, que passa sôbre o Monte Elk, o qual deveria contornar. O itinerário prescrito representava 88 milhas. O itinerário encurtado representava 79. Em tempo calculado segundo a velocidade do avião, o ganho seria de... quatro minutos! O resultado, porém, foi êste: o avião se estraçalhou contra o cimo que o pilôto acreditou que podia vencer.

PERIGO Nº 1: A INICIATIVA PESSOAL — Uma falta similar, uma prêsa análoga e inexplicável, provocaram o acidente do avião, que transportava para Portugal a



Teòricamente, isto, em hipótese alguma, poderá vir a acontecer...

famosa orquestra de Ars Rediviva. Desta vez, sôbre Portugal, tratava-se de encurtar de alguns quilômetros representando dois minutos de vôo! O aparelho foi apanhado num *buraco de ar*, sendo destruído contra o solo muito próximo.

De outras vêzes, o êrro humano assume aspetos terríveis de fatalidade. Um DC-6, vindo de Los Angeles, aproximava-se de New York. Já havia tomado contato com a tôrre do aeródromo de La Guardia e recebido suas primeiras instruções de aproximação. Repentinamente, o rádio-terrestre percebeu um "S.O.S." com estas palavras: *"Fogo a bordo"*. A 200 quilômetros de distância, sôbre as últimas colinas da Pensylvania, alguns mineiros, que se dirigiam para o trabalho, viram o grande avião descer contra o solo, em ângulo perigoso. Passou sôbre o grupo de homens, com os quatro motores trabalhando, sem qualquer rastro de fogo ou de fumaça. Evidentemente, o aparelho visava um pequenino aeródromo privado, existente na proximidade. Mas um comboio de transporte de mineral se interpunha a isso e, batendo contra a colina, o avião ficou totalmente destruído.

Na «I Exposição Nacional de Inventores», que foi realizada na cidade de Madrid, na Espanha, recentemente, foi apresentado êste pára-quedas gigantesco, destinado a salvar todos os passageiros de um avião.

Entre os destroços os pesquisadores encontraram os detetores de incêndio, *todos* intatos. Nunca houvera fogo a bordo! O drama só pôde ser compreendido... fazendo-se uma comparação: no mês anterior, outro DC-6, irmão gêmeo do que agora se destroçara, incendiara-se em pleno ar, acima de Nevada. O pilôto, como o resto da tripulação, estava sob essa terrível impressão do desastre anterior. Talvez tivesse começado a manobrar um dos extintores, cujas emanações provocaram nêles um princípio de tonteira, ou, mesmo, um comêço de asfixia. Talvez, enfim, tivessem cedido ao pânico, lançando-se contra a montanha e contra a morte, com 46 passageiros, para fugir de um perigo... *que não existia!*

De El Paso, Texas, um DC-4 decolou.. Tempo bom, céu azul, motores normais, vôo fácil. Bruscamente, a 800 metros de altura, o enorme avião virou completamente, ficando de costas para o solo. Os passageiros, rolando pela cabine, no meio de suas bagagens, sentiram a queda inevitável. Mas não! Quase ao rez-do-chão, o avião voltou à posição normal e acabou pousando no local de onde partira.

Os pesquisadores quebraram a cabeça para encontrar a razão do incrível comportamento dêsse rei dos aparelhos dóceis, que é o DC-4. Após muitas horas de investigações minuciosas, o co-pilôto confessou que havia manobrado os comandos "de uma certa maneira"... *para ver como o aparelho se comportava!* Com isso quase provocou a própria morte e a de numerosa companhia. Tudo não passou de alguns arranhões nos passageiros, além de *galos* e gritinhos de mêdo — felizmente — porque o pilôto, retido por seu cinturão, conseguiu reequilibrar o aparelho.

Tratava-se, no caso, de uma falta imperdoável e que, apesar do desfecho be-

nigno, não foi perdoada pela companhia. Outras faltas profissionais muito menos graves provocaram inúmeras vêzes desastres de proporções muito mais trágicas.

Mas nisso, também, devemos considerar os números e as proporções. Centenas de aviões voam diàriamente, atravessando oceanos, sobrevoando montanhas, conduzidos por equipagens irrepreensíveis, cuidados por mecânicos escrupulosos, guiados pelos serviços terrestres mais minuciosos. Se, muito excecionalmente, o êrro se esgueira entre êsse pessoal de dever e de consciência, é que o êrro está prêso à condição humana e nada poderá, jamais, eliminá-lo completamente.

O que conta, é a ordem de grandeza.

O êrro é como o risco da viagem aérea: *quase do domínio do infinitesimal.* E, contudo, o pilôto de um quadrimotor não tem menos de 250 comandos e contrôles, que compõem um *puzzle* fantástico em seu painel de bordo.

A OBEDIÊNCIA DO PILÔTO DEVE SER UM REFLEXO — A política das companhias comprime, aliás, ao máximo uma margem de falibilidade já reduzida pela qualidade intrínseca do pessoal que tem sob contrato.

Um aviador, seja qual fôr, não tem qualquer possibilidade de ser chefe de bordo antes de um curso e um treinamento intensos, cuja duração é de, pelo menos, dois anos. Mesmo que tenha sido um "ás" da guerra, mesmo que conte em sua caderneta centenas de missões e milhares de horas de vôo! Um estágio em terra, de um ano pelo menos, um serviço de co-pilôto de mais outro ano. Eis o mínimo.

A finalidade é a de aprender a disciplina e fazer da obediência um reflexo. O avião se desloca em três dimensões, mas o aviador só é livre em aparência. Na realidade não há carreira mais rígida sob a ditadura mais absoluta de um regulamento.

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GABRIELA ELIZALDE

Apesar do Natal já haver passado, ainda temos o Ano-Bom e Reis e por isso aqui oferecemos uma receita de peru que, sem dúvida, as leitoras receberão com agrado.

PERU ASSADO

1 peru de 2,25 k a 3 k.
2 cebolas de tamanho médio.
2 dentes de alho.
1/4 de xícara de salsa.
4 colheres de banha ou manteiga.
1 1/2 colherinha de sal.
1/2 colher de pimenta-do-reino.
2 colheres de açúcar.
2 colherinhas de manteiga.
1/2 xícara de vinagre.
1 1/2 xícara de água.
3 colheres de môlho inglês.
1 colherinha de môlho de Tabasco.

Corte o peru pela metade e tenha o cuidado de verificar se está perfeitamente limpo e sêco antes de colocá-lo no môlho, que se faz da seguinte maneira:

Corta-se a cebola, assim como o alho e a salsa, em pedacinhos bem pequenos. Derrete-se a manteiga ou banha numa caçarola, pondo-se nela o alho, cebola e salsa, deixando-se no fogo até que estejam tostados. Juntam-se os demais ingredientes e deixa-se tudo em fogo brando, durante cêrca de uma hora, mexendo-se sempre. Depois é preciso esquentar o forno. Tempera-se o peru com sal e coloca-se numa caçarola baixa, com os pés para cima. Espalha-se o môlho sôbre o peru e deixa-se assar durante duas e meia a três horas, ou até que fique bem macio.

Diminui-se, então, o calor do forno, nêle deixando o peru, até que fique bem tostado.

A receita dá para seis pessoas.



SE ESTÁ CANSADO...

FAÇA ALGUMA COISA!



Aqui estão nove conselhos para os milhões de pessoas que não podem compreender por que continuam sentindo esgotamento mesmo depois das "férias".

A família Tavares acaba de chegar de volta de duas semanas de férias. Durante todo o ano trabalharam àrduamente. O sr. Antônio tem uma companhia construtora e passa aí trabalhando seis dias por semana. Emília, sua espôsa, cuida da casa e dos dois filhos pequenos; à noite, ainda escreve na máquina as cartas da firma do marido. Por vêzes, ficam acordados com esta tarefa até duas ou três horas da madrugada.

Raramente o casal Tavares tem tempo para descansar e, por isto, suas férias são planejadas com intuito único de conseguir divertimentos e repouso.

Assim, durante as duas semanas de férias dormiram até bem tarde, tomaram o café da manhã calmamente e sem preocupação, jogaram tênis e, algumas vêzes, andaram a cavalo e, naturalmente, iam tôdas as manhãs à piscina nadar um pouco... e tomar sol.

E com isto estavam certos de que voltariam para casa revigorados, repousados e prontos para mais um ano de luta e de trabalho.

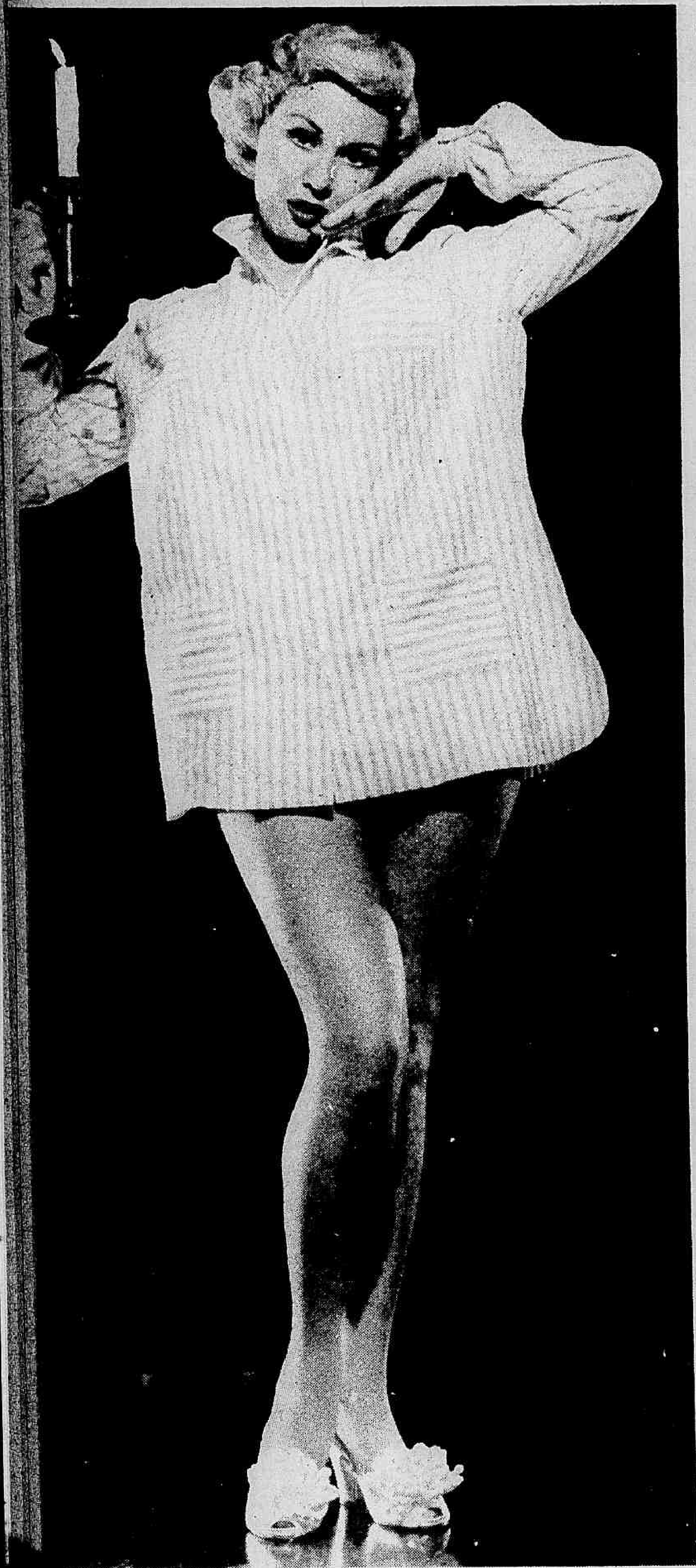
SERÁ A IDADE? — Mas estavam enganados, pois sentiam-se agora tão cansados e esgotados como antes de partir para as sonhadas "férias".

Seus planos haviam falhado, portanto.

— Estamos ficando velhos... — declara Antônio, desanimado. — Já não temos mais aquela disposição de antes.

É que Antônio e Emília Tavares compartilham do mesmo engano.

Ambos p am que podem guardar os momentos de descanso e depois gastá-los *de uma vez*, de acôrdo com a conveniência. Não comprendem que o simples descanso, mesmo um período de férias de seis meses, não refaz o organismo e a mente cansada porque o esgotamento, neste caso, *não é físico*. Cientistas que vêm estudando o assunto chegaram à conclusão de que a espécie de fadiga que os Tavares querem remediar está prática-



Dormir, só, não descansa...

mente extinta na nossa sociedade mecanizada. Vamos citar o que opina a respeito o dr. W. H. Forbes, do Harvard Fatigue Laboratory: — "Se submetêssemos os indivíduos a um teste antes de um dia árduo de trabalho e, novamente, depois que terminasse o seu dia fatigante, não encontraríamos modificação alguma no seu estado físico."

PESQUISANDO A FADIGA — Aquêle especialista fala com reconhecida autoridade. Para chegar a estas conclusões e descobrir uma solução para o caso êle e outros especialistas pesquisaram longamente o assunto.

Centenas de pessoas foram testadas: corredores profissionais, empregados de escritório, crianças e octogenários, professôres e operários.

Fizeram êsses indivíduos correr distâncias enormes, pedalar bicicletas, trabalhar, subir montanhas, etc.

Tais experiências despertaram o maior interêsse. Cartas começaram a chegar, consultando: *Estou cansado; que devo fazer?* (Frase típica da maioria.)

O dr. Forbes lia com um sorriso benevolente essas perguntas vagas e murmurava:

"— Isto é o mesmo que escrever a um médico dizendo: *Estou doente, que devo fazer?*"

É preciso compreender que a fadiga não é *uma coisa só!*

O corredor, depois de uma prova de quatro minutos e meio, está cansado, realmente, mas de um modo muito diverso do homem de negócios, depois de trabalhar doze horas seguidas.

Cada caso de fadiga tem seus sintomas característicos e suas causas próprias.

De um certo modo, a fadiga, às vêzes, pode até ser uma sensação agradável. Como, por exemplo, após uma partida de tênis, embora o jogador não sinta fôrças nem para erguer um braço, ainda assim sente os músculos relaxados, a mente clara e uma sensação geral de bem-estar. E, nestes casos, não é preciso que ninguém aconselhe o que deve fazer; será bastante sentar um pouco, à sombra e à vontade.

Mas, para milhões de pessoas, que se identificam com Antônio e Emília Tavares, a resposta não parece tão simples.

A fadiga dêstes, segundo o dr. Forbes, é mais insidiosa e êle a classifica como "nervosa".

É desta fadiga que falamos, quando nos queixamos de cansaço e é o resultado da pressa constante, das preocupações e da tentativa constante de trabalhar ao máximo da própria capacidade. Êste tipo é o mais comum entre os industriais importantes, assim como entre o grupo dos profissionais e dos capitalistas.

NÃO É POSSÍVEL DESCANSAR — Êste tipo de fadiga é considerado como o mais importante do ponto-de-vista médico. Isto porque quando o corredor se sente cansado pára de correr; quando uma pessoa está cansada de resolver *quebra-cabeças* pode parar e ir dormir mas... quando uma pessoa se sente esgotada, em razão de preocupações... fica mais preocupada ainda!

Os cientistas acham que a fadiga nervosa é um dos tipos de mais difícil estudo. De vez em quando aparecem dores de cabeça, dores nas costas e nos ombros, irritabilidade exagerada e nervosismo. O menor êrro na família faz o indivíduo ferver de raiva; uma torneira mal fechada e que pinga com insistência é o bastante para provocar com a espôsa uma discussão que pode ter conseqüências sérias.

Os nervos todos parecem tão tensos que não é possível descansar. Durante todo o dia o paciente só pensa em dormir mas, à noite, ao deitar-se, sente insônia e mal-estar.

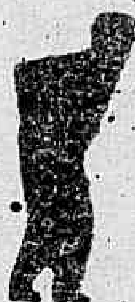
Pela manhã, ao levantar-se, o indivíduo já está cansado. Não conseguiu recuperar as energias que gastou na véspera e, se êste ciclo diário continua, chega a um estado de fadiga crônica.

E é neste ponto que qualquer um, com a vida igual à de Antônio Tavares, recorre à desculpa conhecida: a idade.

Mas é aí que a ciência oferece esta explicação, seguida de fatos: ninguém perde o vigor com a idade. É verdade que o máximo de sua atividade é atingido aos vinte anos e não aos quarenta; porém, aos quarenta, é possível trabalhar durante mais tempo e assim produzir tanto quanto aos vinte.

APRENDAM A DESCANSAR

Procurem fazer o que aconselham os médicos. Assim trabalharão com mais vontade e dormirão melhor.





Treine um passatempo ou distração, que contraste com o trabalho regular.





Pare um momento durante a hora de trabalho para comer coisa ligeira, tomar um refrêsco ou fumar conversando.





O melhor repouso para os que trabalham em escritórios é jogar tênis, boliche, pinguepongue, etc.





Antes de dormir, tome um copo de leite quente ou leia alguma coisa simples e agradável.

Os atletas têm confirmado isto, com uma prova de poder físico. Os campeões de salto, que usam períodos curtos, porém colossais de energias, geralmente têm vinte e pouco anos, enquanto os corredores de longas distâncias, quase sempre, têm mais de trinta!



Mas, afinal, o que é que causa a fadiga nervosa?

Um dos especialistas vê a questão desta maneira:

— "Qualquer pessoa normal, que se sinta esgotada, estará *por certo* levando uma vida mal equilibrada". Certamente não encontra uma *saída* para os momentos de tensão que são naturais durante o dia de trabalho. Pouco a pouco êstes momentos de tensão se vão somando até atingir um pêso que êle não pode agüentar.

Isto é resultado do êrro comum de querer manter um ritmo de trabalho ininterrupto durante um período de tempo muito longo.

VAMOS TOMAR FÔLEGO? — Todos nós precisamos de tomar fôlego de tempos em tempos, isto é: parar um pouco o trabalho para refazer as energias físicas, para renovar idéias e planos, para adquirir novas perspectivas, novos entusiasmos. Se os esforços emocionais exigem muito, pois geralmente há dificuldades domésticas, políticas ou de saúde, a necessidade de repousos regulares e freqüentes é ainda mais urgente.

Os técnicos em descanso acham que a pausa para descanso ideal não requer a busca imediata de um canto para deitar. Não é ali que está o procurado repouso; ao contrário, quando o indivíduo está reclinado num divã há propensão para pensar nos problemas dos quais procura fugir.



Esforço pesado? Acreditem ou não, isso é descanso!

O especialista sugere que, em vez disso, a pessoa procure uma mudança de atividade. Esta mudança pode ser: uma visita ao museu na hora do lanche, um telefonema para um amigo jovial, enfim qualquer coisa que quebre a monotonia, a rotina cotidiana e a faça voltar ao serviço com nova disposição. Êste hábito deve ser adquirido por todos e ainda mesmo por aquêles que são chamados de "dinâmicos" e que, embora trabalhem muito, nunca parecem cansados.

Os estudos provam que estas pessoas não têm, exatamente, mais vitalidade do que qualquer outra e, embora sejam trabalhadores conscienciosos, acham sempre tempo para fazer *outras coisas*. Enquanto Antônio Tavares está debruçado na mesa de trabalho da sua fábrica, o "dinâmico" varia de atividade cabalando para o seu partido político favorito ou tomando parte em atividades esportivas ou sociais do seu clube.

PROGRAMA PARA TODO O ANO — O segrêdo do "dinâmico" não chega a ser segrêdo nem é milagre.

O seu sistema de renovação é meio mágico, e o leva ao que um especialista chamou de: níveis mais elevados de energia, as camadas secundárias, terciárias e quaternárias que a maioria não consegue atingir.

Não há meio têrmo, no entanto. O que é preciso é fazer um esquema pessoal e eficiente para o ano todo, e que permita alternativas regulares de atividade e repouso.

Aqui estão, portanto, nove conselhos que ajudarão a combater esta sensação de cansaço:

1 — Pausas para tomar fôlego:

Os psicologistas especializados em indústria recomendam períodos de repouso a intervalos regulares durante o dia de trabalho.

Também chegaram à conclusão de que, muitas vêzes, uma mudança de atividade tem o mesmo efeito do repouso.

As estatísticas provaram que, numa fábrica, a produção aumentou de 14 por cento quando usaram o sistema de variar de atividades, durante o dia de trabalho. Uma firma de produtos farmacêuticos chegou a idênticos resultados depois de inaugurar um período diário de recreação para seus empregados; êste descanso compreendia diversões como tênis de mesa, refrigerantes, televisão, etc.

2 — Exercício:

O exercício deve ser parte da rotina de todos. As autoridades no assunto garantem que sem isso não é possível manter boa disposição. Se a pessoa mora na cidade e passa a maior parte do dia no escritório então não precisa muito de descanso físico porque não usa muito os músculos. A melhor maneira de descansar para êsses é a mudança de atividade. Se não fôr possível jogar tênis, gôlfe ou praticar a equitação, sempre é possível dar uma caminhada ou fazer algum exercício, mesmo dentro de casa.

3 — Cultivar um passatempo:

Êste é, sem dúvida, o melhor meio até hoje descoberto, o melhor antídoto à fadiga nervosa.

É bastante escolher alguma coisa que sempre se desejou fazer, de preferência que não tenha relação com as atividades habituais.

Pode-se escolher, por exemplo, uma diversão diversão qualquer, o estudo de uma língua, a construção de miniaturas, enfim, qualquer coisa que o distraia dos problemas diários servirá.

Uma vez feita a escolha nem será preciso separar horas para êste intervalo porque a própria pessoa estará sempre ansiosa para lidar com o passatempo.

4 — Dar a importância exata a cada tarefa:

Não exagerar as proporções das tarefas a fazer. É muito conhecida a lenda acêrca do relógio que só de pensar que teria de fazer tiquetaque 31 milhões de vêzes no ano vindouro parou de trabalhar, alarmado com a imensidade da tarefa. Enquanto isso, os demais relógios pensando apenas que têm que bater um segundo de cada vez continuam tranqüilamente a funcionar.

5 — A idéia geral:

A não ser que o indivíduo tenha um ideal, cada passo parecerá tedioso e

★

DO SÁBADO PARA A SEGUNDA-FEIRA



Em Cleveland, um fato sensacional fêz afluir fotógrafos e repórteres à Maternidade Municipal. Três irmãs, Paula, Betty e Barbara, deram à luz cada uma um filho, em três dias consecutivos. Sábado, Bárbara (à direita) deu à luz um robusto bebê; domingo nasceu a filhinha de Paula (à esquerda); segunda-feira coube a Betty (ao centro) ser mãe também de uma menina. As mamães e os bebês passam excelentemente e posaram satisfeitíssimas para o que foi a maior reportagem da semana.

cansativo. É bastante lembrar o veranista que dirige o automóvel numa viagem interestadual.

Empunha o volante e durante três ou quatro horas guia sem lhe ocorrer que é tarefa bastante cansativa esta de manter as mãos na direção, os olhos na estrada e o pé no acelerador...

Esta é uma experiência fácil: o leitor sentará diante do volante, mas deixará o automóvel estacionado e verá quanto tempo poderá manter-se nessa posição. Verá, então, que, sem um ideal, sem um objetivo, a atitude se tornará incômoda, cansativa e uma dormência desagradável percorrerá os braços e o pescoço.

Está claro que estaria saturado depois de três minutos, enquanto que *com um objetivo*, três horas passariam leves.

6 — *Anular os obstáculos:*

Devemos evitar ambientes barulhentos, abafados, mal iluminados e mal equipados. O organismo, nestes casos, fica tenso, querendo combater o ruído, os pulmões se esforçam em busca de oxigênio e os olhos lutam tenazmente para poder distinguir o que está escrito ou o que deve ser feito.

7 — *Uma dieta bem equilibrada:*

O alimento que ingerimos é o combustível que fornecerá a energia de que precisamos, mas isto não quer dizer que devemos encher-nos de vitaminas e minerais em exagêro.

De acôrdo com as observações cuidadosas do tenente-coronel D. B. Dill, que foi técnico de nutrição do Exército norte-americano durante a última guerra, é necessário uma dieta muito bem orientada e muito bem equilibrada, para produzir e manter o máximo de vigor, disposição e bem-estar.

8 — *Preparar-se para dormir:*

A maioria dos cientistas e especialistas no assunto opinam que não é aconselhável ao indivíduo que estêve em atividade durante dezesseis ou dezoito horas procurar dormir imediatamente.

É preciso que o mecanismo do corpo humano se vá acalmando pouco a pouco, antes de cair num sono reparador. Portanto, deverá procurar fazer, primeiro, qualquer coisa que acalme, beber um copo de leite, caminhar a pé, ler coisas alegres e simples.

O dr. Morris Fishbein, editor do *Journal of the American Medical Association*, sugere que se interrompa *a intensidade da corrente do pensamento* uma hora antes de ir para a cama.

Na verdade, não faz diferença a maneira empregada para chegar a êste fim, desde que se consiga ficar inteiramente calmo à hora de dormir.

9 — *Aviso:*

Se um indivíduo trabalhou àrduamente o dia todo é natural — e lógico mesmo — que se sinta moderadamente fatigado.

Mas é preciso lembrar que a fadiga, como a dor em geral, é um *sinal de alarma*.

É um aviso de que *já é tempo de moderar-se*, de economizar energias e de ver o que não está certo no programa de atividades diárias e... descobrir um meio de *renovar-se*, de descansar os nervos esgotados.



Os neurólogos de New York acabam de publicar uma estatística do equilíbrio nervoso de seus clientes. Segundo afirmam, são os mecânicos de locomotiva os que têm caráter mais calmo. Vêm em seguida, na ordem decrescente, os médicos, os agricultores, os dentistas, as donas de casa, os advogados e os arquitetos. Ao contrário, são os professôres que figuram na lista das pessoas particularmente irritáveis.



O ôlho das abelhas é um instrumento óptico mais correto do que o nosso. Os nossos olhos podem distinguir as excitações luminosas, cuja cadência ultrapassa vinte impressões por segundo. O ôlho da abelha, porém, distingue até 300 impressões por segundo, o que foi descoberto por Autrum e Marie Louise Stoecker, professôres no Instituto Zoológico de Goettingen (Alemanha).



Na Idade-Média, os pratos muito condimentados eram considerados de alto luxo. De fato, os condimentos custavam muito dinheiro, então. Nos séculos XIV e XV, a pimenta era um meio de pagamento internacional, quase como é o ouro, atualmente, e o desejo de alcançar um estoque suficiente para suas necessidades, lançava os países em conflitos armados.



Na Colômbia, os «chauffeus» de táxis dão a seus clientes recibos contendo o número da chapa de seus veículos. Tôdas as semanas há um sorteio e o que ganha essa loteria pode ganhar até cinco mil pesos.

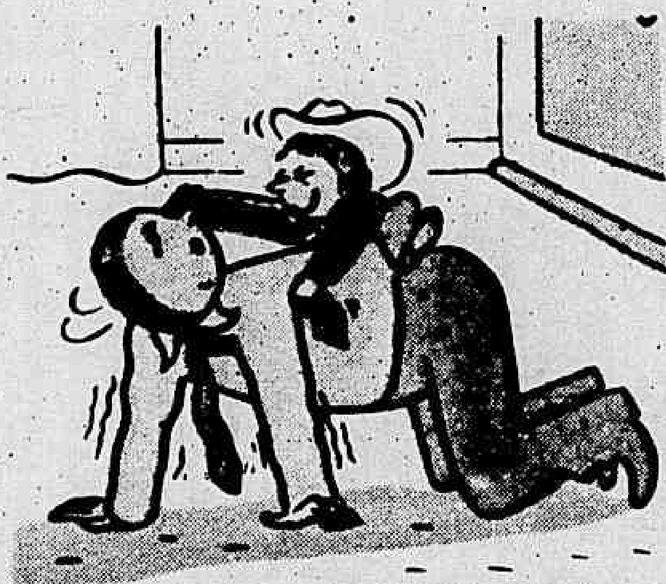


A polícia de Changsha, capital de uma província chinesa, descobriu um meio eficaz para proteger a população contra os batedores de carteira. Cada vez que prende um dêles, leva o malandro para um barbeiro que lhe raspa as sobrancelhas.

ÊSSES PRESENTES...

A ROUPA DE «COW-BOY»

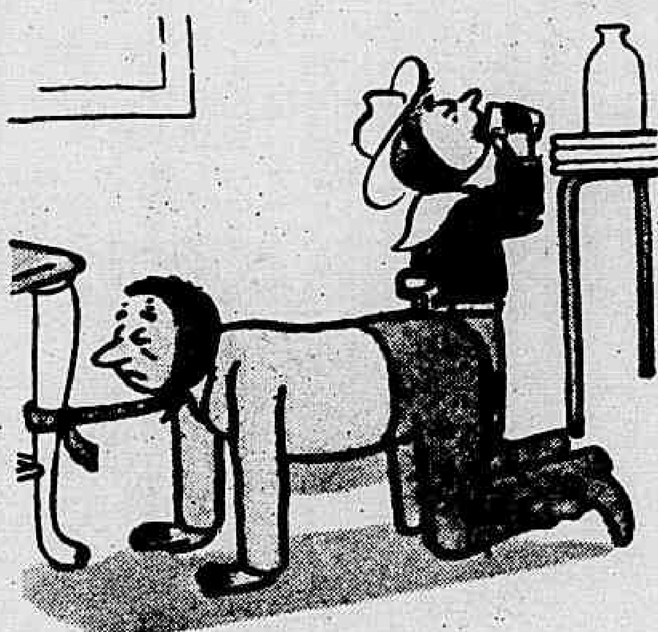
Por RAY HELLE



Bom truque para cavalos rebeldes...



Um bom galope...



O poste de amarrar a montada para um *trago*.



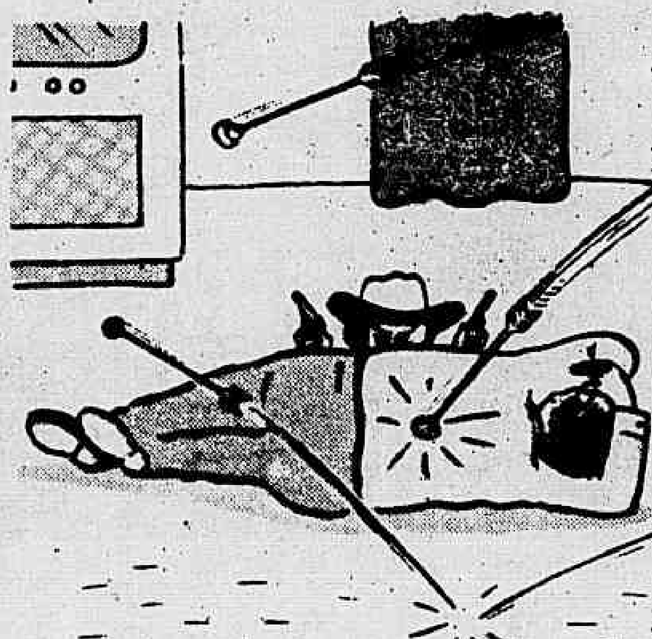
Por favor! Nada de esporas!



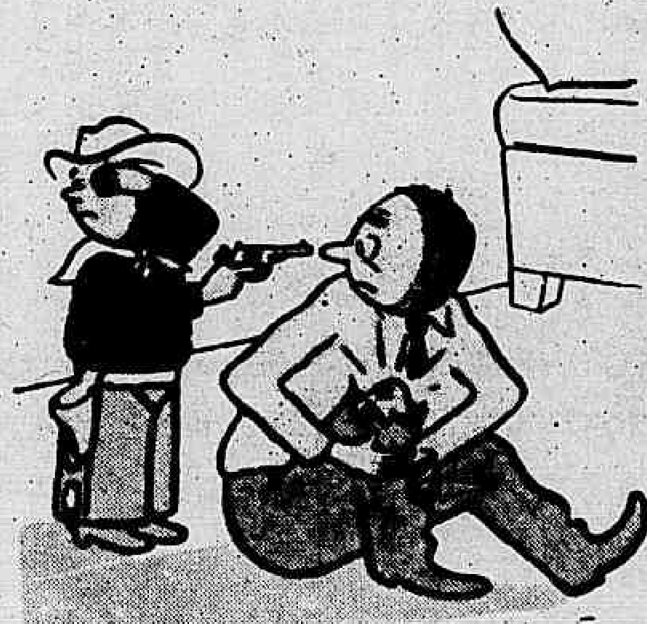
Preparativos para uma longa viagem. (Da sala até à cozinha.)



Também surgem "salteadores", como no "velho oeste".



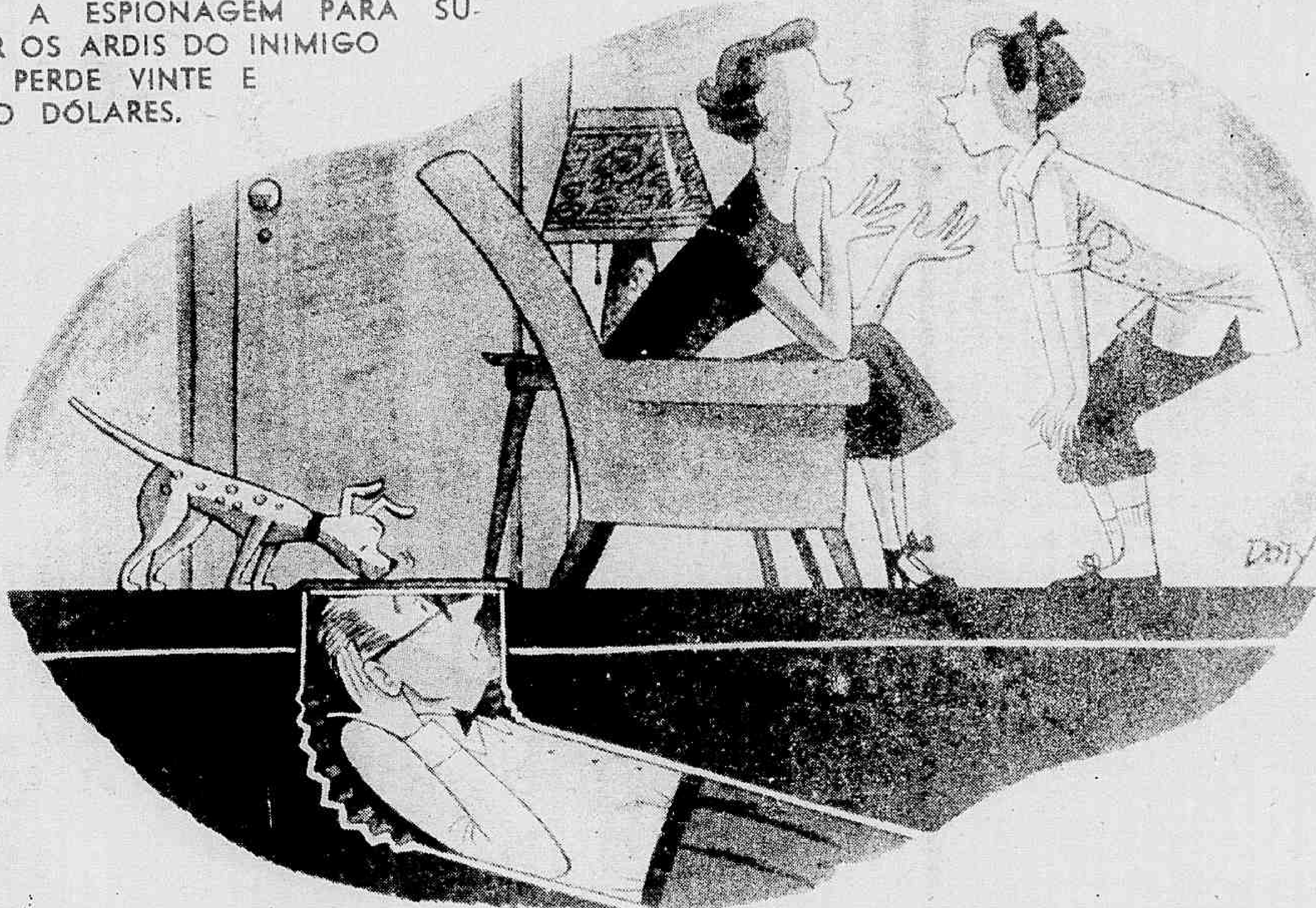
Os índios atacam! (O cavalo é boa trincheira.)



Cavalo estropiado deve ser sacrificado!

O QUE "APRENDI" A RESPEITO

O ÚNICO HOMEM NA FAMÍLIA APELA PARA A ESPIONAGEM PARA SUPERAR OS ARDIS DO INIMIGO — E PERDE VINTE E CINCO DÓLARES.



COMO o homem da casa, com espôsa e três filhas, tive, recentemente, que enfrentar um árduo problema — como qualquer outro chefe de família composta sòmente de moças.

Uma vez por outra eu era pôsto fora do quarto, enquanto minha mulher conversava, ìntimamente, com uma das filhas.

Apelando para a espionagem, tive oportunidade, há dias, de surpreender uma dessas conversas secretas. Engatinhando pelo chão, acerquei-me, pelo lado de fora da janela do quarto das "conferências".

Tratava-se de uma "instrução secreta" entre minha mulher e a nossa filha de quinze anos, Molly. O assunto principal parecia girar em tôrno do tema de que o cérebro masculino continha uma alta porcentagem de serragem.

De acôrdo com essa tese, qualquer mulher, razoàvelmente esperta, podia trazer o homem pelo seu dedo mindinho. Como ilustração do assunto, minha mulher brandia o seu dedo mínimo, vantajosamente usado nesse propósito e que ainda parecia estar em excelentes condições.

— "Você se refere a *qualquer homem*?" — indagou Molly, abrindo os seus olhos azuis tão grandes como um prato de sobremesa. — "*Mesmo papai*?"



PREVISÕES METEOROLÓGICAS PARA O ANO DE 2003!

SEGUNDO o dr. Charles C. Abbot, destacado astrofísico norte-americano, em breve poderemos prever o tempo com cinqüenta anos de antecedência. A teoria está baseada na medida de irradiação solar, que afeta particularmente a temperatura e a chuva. Os dados usados em tais prognósticos serão obtidos medindo-se a quantidade de calor absorvido por um cubo negro de três oitavos de polegada de espessura, suspenso no limite extremo da atmosfera da terra, durante 35 anos.

Essas medidas, diz o dr. Abbot, mostrariam que existe um ritmo definitivo na irradiação do sol. Assim, as sêcas, na sua opinião, se repetem num ciclo de cêrca de 23 anos. Não resta dúvida de que essa previsão de tempo de largo alcance constitui um dos progressos científicos mais confortadores dos últimos tempos. Agora, podemos deixar instruções explícitas sôbre as ocasiões em que devem ser regadas as flores de nosso túmulo e podemos, pois, descansar tranqüilamente, certos de que as mesmas serão bem tratadas.

DAS MULHERES

Não quero tentar a descrição do delicado esgár de riso que se seguiu a essa pergunta.

"LISONJA"

— "Você faz isso com um agradinho, uma lisonja qualquer! — explicou minha mulher. — Deixe sempre seu pai pensar que é mais inteligente do que você."

— "E êle não perceberá?" — perguntou Molly.

— "Pràticamente, nunca! Você já reparou como sua mãe se esforça para abrir um vidro de doce ou de conserva quando seu pai está na cozinha?"

— "Sei; você mete os dedos na tampa e acaba quebrando as unhas" — respondeu Molly.

— "Exatamente! — confirmou minha mulher. — Então, seu pai arranca a tampa com um violento puxão."

— "Que faria, então, se papai não estivesse perto?"

— "Usaria o abridor de lata" — confessou minha mulher.

— "E a respeito de dinheiro? Como é que você faz?" — perguntou Molly. — "Estou sèriamente interessada em dinheiro. Podemos comprar muitas coisas com êle."

— "Isso é fácil! — disse minha mulher. — Conserve seus cabelos bem ondulados, nos dias em que êle recebe o ordenado; e um pouco mais de *rouge* e de *baton*. Essas coisas ajudam um pouco."

— "Mas isso será correto? — hesitou Molly, com sua honestidade espontânea transparecendo em seu rostinho de anjo. — Papai trabalha tanto e se esforça tanto para obter dinheiro!"

— "Pura exibição! — opinou minha mulher. — Todo homem gosta de fazer acreditar que está-se consumindo, que está-se matando para ganhar a vida."

— "Eu estou ainda no curso ginasial — disse Molly — e ainda fico bastante assustada quando converso com os rapazes."

— "Não se amedronte nem se perturbe jamais, querida! — encorajou minha mulher. — Aprenderá fàcilmente. O instinto a ajudará."

NÃO SE PODE EMBROMAR

Um homem prevenido vale por dois — conforme certa esclarecida filosofia. Duas horas mais tarde, estava eu sentado na sala-de-estar quando Molly se aproximou e plantou um beijo na minha testa.

— "Que quer você, minha uvinha?" — perguntei, despreocupadamente.

— "Nada. Apenas tive vontade de lhe dar um beijo, porque vejo que você trabalha tanto e é tão generoso!" — explicou ela.

Sorri, displicentemente.

— "Você não me embroma, menina! — respondi. — Você está é querendo pedir qualquer coisa."

— "Oh! Nada disso, papai! Estou de saída para a casa de Carol Jean, a quem vou pedir um casaco emprestado."

— "Por que pedi-lo *emprestado* a Carol Jean? Você não tem qualquer coisa sua para vestir?"

— "Não um casaco, papai! Pràticamente, tôda moça possui um, em minha classe, mas a mamãe disse que nós ainda não podemos comprá-lo."

— "Um momento! — esbravejei. — Onde sua mãe arranjou essa idéia de que não podemos comprar um casaco? Foi ela quem disse isso?"

— "Bem; "exatamente", não foi. Mas um casaco decente custa, no mínimo, vinte e cinco dólares e mamãe disse..."

— "Não quero saber o que disse sua mãe!" — trovejei. — "Compre você mesma êsse casaco e saiba que eu ainda sou o homem desta casa!"

— "Ah! Isso eu sei, papai!" — respondeu ela, deixando a sala, com o seu sorriso enigmático.

O autor arrancando os próprios cabelos.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

SOM CONTRA DOR

O homem alcançou outra vitória sôbre seu maior inimigo: — a dor. O dr. Peter Lindstrom descobriu que a dor pode ser combatida por meio de ondas sonoras de freqüência ultra-elevada, também denominadas super-sônicas.

Nas experiências feitas até agora, as ondas sonoras foram empregadas para destruir os «caminhos da dor» no cérebro, sem prejudicar, de maneira alguma, o funcionamento dêste último. Salienta o dr. Lindstrom que a aplicação das ondas super-sônicas não acarreta a cura da enfermidade, mas apenas um método para combater a dor provocada pela doença.

A propósito, convém recordar que o dr. Lindstrom foi o primeiro marido da atriz Ingrid Bergman.

★

— O silêncio é a capela da dor. — *Marguerite Betty*

O MISTÉRIO DE

Que aconteceu com o isolado farol existente em pleno Atlântico, no entardecer de 15 de dezembro de 1900? Por que desapareceram três faroleiros veteranos e bem experimentados?



JOSEPH Mor passou a maior parte da noite de Natal de 1900 esquadrinhando as águas encrespadas diante de Loch Roag, nas Hébridas, entre o espêsso nevoeiro do Atlântico Norte, atormentado por um esmagador pressentimento de desastre.

No largo oceano aberto, 17 tormentosas milhas para o Oeste, sem qualquer vestígio de terra entre elas e a costa da América do Norte, estão as Ilhas Flannan, conhecidas pelos marinheiros como as Sete Caçadoras. Mor era um dos quatro faroleiros encarregados da guarda e entretenimento do novo farol, completado apenas um ano antes, na maior ilha do grupo — Eilean Mor.

Durante seis dias e seis noites, agora, a tempestade havia impedido o seu retôrno ao farol, para retomar seu trabalho, após uma curta licença. Porém essas tempestades eram, por assim dizer, normais nessa época do ano, na áspera zona do norte. O estranho, o que assustava era o fato de, durante essas seis noites, nenhum facho de luz ter sido percebido; como se não existisse a formidável lanterna de 140.000 velas de fôrça e situada a cêrca de 82 metros e meio acima do nível das vagas!

Que teria acontecido? Que estaria errado? Como os seus colegas haviam podido esquecer de acender o farol? Era inconcebível que por doença ou acidente os três homens estivessem incapacitados — ao mesmo tempo — de cumprir com o seu dever? Também era inacreditável que o equipamento, absolutamente novo, tivesse sofrido repentino e total colapso.

O receio de Moore, como o alarma dos marinheiros e dos poucos habitantes do local, era assim mais que justificado. O local, porém, fôra destinado a ser o palco de um dos maiores mistérios marítimos de todos os tempos, desafiando até ao presente todos os inquéritos.

Ao estudarmos êsse problema devemos, antes de tudo, considerar a extraordinária tradição das Flannan — pouco mais que rochas, desabitadas durante séculos e uma delas, a menor de tôdas, podendo ser apontada como o mais áspero e desolado local da terra.

Até recentemente, a população das Hébridas olhava essas ilhas com certo receio supersticioso, considerando-as assim como o reino de feiticeiras e duendes. Eram, realmente, tão respeitadas sob êsse aspeto que muitos receavam até mesmo pronunciar o seu nome, referindo-se às mesmas apenas como *"as ilhas"*.

Em três ou quatro das sete ilhotas, existem pequenas ruínas Caledonias, da-

EILEAN MOR



tando de cêrca de doze séculos. Mas nada se sabe das tribos primitivas que construíram essas edificações, salvo que sua permanência ali foi muito curta.

No século XVII, S. Flannan, o Bispo de Killaloe, procurando um local *para fugir do mundo*, desembarcou na ilha de Eilean Mor, ali construindo uma pequena capela. Por muitos anos assim viveu, só, com a única companhia das vagas e das aves marinhas. Diz a tradição que o santo homem aprendeu a linguagem das gaivotas e mergulhões e, ainda que, no começo do inverno, quando o mar tempestuoso o obrigava a recuar para o interior rochoso do ilhote, as aves levavam para êle o peixe indispensável para a sua alimentação. A primeira metade do século XVIII foi marcada por invernos muito severos. Anos após anos, os pastos se mostraram pobres em Lewis e alguns pastôres salvaram suas ovelhas, transportando-as em embarcações de pescadores para essas ilhas aparentemente ásperas, mas onde, para surprêsa geral, havía pasto gordo, mesmo no rigor do inverno. Mas nenhum homem se atrevia a passar a noite nelas, nem sequer quando o tempo se mostrava repentinamente ameaçador, preferindo voltar para Lewis, mesmo tendo que enfrentar mar grosso, nevoeiro e nevasca. A expansão do comércio marítimo, em 1890, levou muitos e bons navios, vindos de Clyde para o norte, a procurar essa útil passagem através do Pentland Firth, em demanda dos portos escandinavos. Então, as "Sete Caçadoras" passaram a ser objeto de outra classe de mêdo.

Quando a noite descia ou simplesmente o nevoeiro se tornava mais espêsso, passavam a constituir sério perigo para a navegação. Em 1895, muitas e excelentes embarcações se perderam contra as pontiagudas rochas das Flannan. De tal forma que o *Northern Lighthouse Board* decidiu que um farol devia ser construído no Eilean Mor, com luz bastante poderosa para ser vista desde 40 milhas de distância.

A construção dêsse farol levaria dois anos, mas, na verdade, foram necessários quatro. O mar, a bem dizer, nunca está tranqüilo naquela zona, o que prejudica a remessa de material e de trabalhadores, que, depois, teriam que ser içados até uma altura de aproximadamente 60 me-

tros. Os engenheiros escolheram um sítio próximo das ruínas da capela de S. Flannan e que era o ponto mais alto da rocha central, em forma de ôvo, medindo apenas uns cento e vinte por cento e vinte metros. Pretendiam também construir dois pequenos portos, sendo um na parte oeste e outro na parte leste, de modo que, salvo durante uma fortíssima tempestade, uma pequena embarcação pudesse ancorar a salvo, bem protegida das vagas e do vento.

Em dezembro de 1899 os trabalhos foram declarados findos e exatamente durante um ano o farol de Eilean Mor protegeu a marcha dos navios que navegavam diante de *Butt of Lewis*. Depois, Moore obteve uma licença... *e a luz desapareceu!*

Esperando, diante de Loch Roag, nessa ansiosa noite de Natal, estava o navio auxiliar da *Northern Lighthouse Board*, o "Hesperus", carregando provisões para os faroleiros, além de correspondência e os infalíveis presentes destinados aos três homens da guarnição, James Ducat, Donald McArthur e Thomas Marshall. A despeito dos desesperados rogos de Moore, o comandante da embarcação recusou iniciar a viagem enquanto o mar estivesse tempestuoso. E recusou bem, porque não podia haver qualquer possibilidade de encostar na Eilean Mor enquanto o tempo não amainasse.

Não tardou muito, porém, que os ventos caíssem e o céu clareasse. Imediatamente o "Hesperus" aproou para o Oeste, com Moore impaciente, de olhos avermelhados por não haver dormido e recusando descer para o salão, a fim de comer com os demais.

O mar continuava agitado, porém, e o capitão ordenou que circundassem a ilhota cautelosamente, antes de lançar um pequeno bote na parte do ancoradouro leste. Três aproximações tiveram que ser tentadas, antes de que a embarcação pudesse ziguezaguear entre os escolhos e usasse os sinais convencionais. Nenhum sinal de bandeira ou outro qualquer, entretanto, respondeu do alto da tôrre.

O capitão decidiu encostar no ancoradouro. Não foi notado, porém, nenhum sinal dos habituais preparativos que sempre antecediam, em terra, a aproximação da embarcação. Nenhum caixote vazio aguardava os funcionários da *Lighthouse Board*, na praia, como usualmente acontecia, sempre que chegavam novos mantimentos; ninguém com cordas na mão, para a amarração. Com o binóculo, inspecionou grande parte do ilhote. Não havia sinal de vida, além do grito das gaivotas e o marulhar das vagas contra as rochas.

A despeito da rebeldia das vagas, Moore estava disposto a tentar o desembarque. Por isso arriaram um bote que, com grande dificuldade, pôde atingir o pequenino cais. Sem esperar pelos companheiros, Moore galgou apressadamente os degraus de pedra, até o próprio farol. A porta da estação estava fechada. Nervosamente, Moore gritou pelos companheiros. Nenhuma resposta obteve. Então, resolutamente, atacou o trinco e entrou.

A estação estava vazia. No quarto principal, cinzas já frias enchiam o fogão de inverno, enquanto o relógio de parede estava parado. Os dormitórios estavam arrumados e limpos, com as camas feitas e a roupa usada colocada nos cestos, para lavar.

Aproximou-se da base da escada em espiral e gritou várias vêzes por seus companheiros. Seus gritos ecoaram por tôda a tôrre, mas ninguém apareceu. Apesar de inacreditável, era verdade: não havia nenhum dos seus três colegas na estação do farol! Automàticamente, Moore começou a subir os degraus, porém logo mudou de idéia. Não é possível descrever o horror com que anteviu qualquer desgraça. Por isso, correu novamente para o ancoradouro, movendo os braços e gritando! Dois marinheiros vieram ao seu encontro e ouviram a sua história com

verdadeiro espanto e, a seguir, foram para o farol com êle, juntos subindo a escada!

Na parte superior, como na inferior, não havia quem quer que fôsse, aparentando estar tudo em boa ordem. Desceram, confereciaram e iniciaram uma segunda e mais minuciosa busca. Mas, embora tudo esmiuçassem, nada puderam encontrar que explicasse a ausência dos colegas. *Era* — conforme depois comentaram — *como se tivessem sido levados pelas "feiticeiras", irritadas com a invasão dos seus domínios.*

Moore, a seguir, tentou fixar a data da catástrofe. Encontrou o diário em que Ducat registrava seus trabalhos: a última anotação tinha sido feita em 15 de dezembro, às 9 da manhã. Anotara, então, que as grandes lanternas tinham sido remuniciadas, os vidros lavados, estando tudo em ótimas condições. Na cozinha, panelas e pratos estavam perfeitamente limpos. Os trabalhos matinais tinham sido realizados, ficando assim positivado que a tragédia tinha ocorrido no correr da tarde do dia 15.

Todo o resto do dia, Moore e os homens do "Hesperus" realizaram uma busca sistemática em todo o ilhote, sem qualquer resultado para a elucidação do mistério. Quando o tempo recomeçou a piorar e a névoa se tornou mais espêssa, a embarcação retornou a Loch Roag, com os presentes de Natal e a correspondência, deixando Moore só com seus receios e suas dúvidas.

Reacendeu o farol e também o fogão de inverno, no salão principal. Fora, no Atlântico, os ventos gemiam ao mesmo tempo que as ondas recomeçavam a atacar com mais fúria as pontas rochosas. De tempos a tempos parecia-lhe ouvir vozes ininteligíveis, ruídos de passos... Mas nada aconteceu ou apareceu.

Dois dias mais tarde, um grupo de funcionários chegou ao ilhote para um inquérito. A êsse tempo, Moore já havia feito um mais cuidadoso exame dos bens deixados por seus colegas desaparecidos. Pôde assim verificar que as altas botas de borracha e capotes impermeáveis de Marshall e Ducat haviam desaparecido. Sabia, porém, que os companheiros só usavam essas coisas quando se aventuravam a uma visita aos ancoradouros.

Os investigadores examinaram, primeiro, o ancoradouro do leste, no qual haviam desembarcado. As cordas e salva-vidas estavam no seu devido lugar, justamente como haviam deixado quando o "Hesperus" ali estivera, ao apanhar Moore para as suas duas semanas de licença, justamente em 6 de dezembro.

No ancoradouro do oeste, encontraram evidências de estragos provocados pela tempestade. Na plataforma de concreto, cêrca de vinte metros acima das águas, estava a grua destinada a suspender as cargas. Estava perfeita, mas várias cordas de diferentes comprimentos estavam espalhadas desordenadamente, a boa distância do respectivo depósito, e algumas



embaraçadas com a barragem de correntes do ancoradouro. Era difícil explicar porque assim estavam.

Um homem pouco depois fazia uma descoberta interessante. Uma caixa de ferramentas desaparecera do seu lugar habitual, estando agora numa cova natural da rocha, *cêrca de doze metros acima da grua e quase a trinta sôbre o nível do mar!* Examinando as cordas espalhadas, verificaram os técnicos que elas pertenciam à caixa de ferramentas. Só podia haver uma explicação: a pesada caixa tinha sido lançada por algum vagalhão monstruoso dos que haviam atacado Eilean Mor, a uma altura superior a trinta metros!

Difícil, realmente, *mas possível*. Com esta magra base, os técnicos arquitetaram uma teoria e, reunidos na tôrre do farol, assim reconstruíram a tragédia:

"Terrível tempestade caiu sôbre o ilhote e no dia 15 de dezembro os ventos se tornaram tão violentos que os três homens da guarnição recearam que o ancoradouro sofresse estragos sérios. Decidiram tomar imediatas providências de proteção e enquanto assim procediam, uma onde de fôrça colossal os atacou, arrastando-os para a morte."

"Mas — salientou um dos observadores — o dia 15 foi um dos mais calmos."

"Muito bem. Nessas condições a tragédia ocorreu a 16, quando os ventos voltaram a ser fortíssimos. Por alguma razão, Ducat fêz questão de proteger seu ancoradouro!"

Tudo não passava de uma incrível série de coincidências, desprezanlo o fato de pelo menos dois dos homens terem ido enfrentar as ondas *sem as botas de borracha e a ampla capa impermeável*. Mas, como não havia melhor *solução* para o mistério, foi ela aceita oficialmente.

Na viagem de regresso a Loch Roag prepararam um relatório do inquérito. Mas nunca o entregaram, e isto porque no cais os esperava o capitão Holman, do vapor "Archer", que tinha notícias a transmitir, que deitavam por terra aquela teoria. O "Archer" passara bem próximo das Flannans, à meia-noite do dia 15 para 16 de dezembro e podia afirmar, com absoluta segurança: a luz já desaparecera! Ficava assim positivada a afirmativa de Moore: o drama se desenrolara no dia 15 — um dia comparativamente calmo!

Mesmo sem o testemunho do capitão Holman, era evidente que o relatório dos "técnicos" não chegava a convencer. Qualquer pessoa com algum conhecimento da vida de um faroleiro apontaria como ridícula a idéia de que os três homens, veteranos no ofício, se aventurassem a uma tal ação durante uma tempestade fora do comum. Porém, supondo que com mar calmo um dêles tivesse caído ao mar? Sem dúvida, os outros dois arriscariam a vida, sem hesitar, na tentativa de salvá-lo. Mas há, também, uma séria objeção a essa suposição. A plataforma e o ancoradouro eram bem defendidos por cordas de arrimo, de socorro e ainda de salva-vidas. Era impossível aceitar a idéia de que dois homens, habituados com a vida do mar, tivessem ousado atirar-se de uma altura de vinte metros, quando podiam fàcilmente usar recursos mais seguros e efetivos em favor do seu companheiro. Mesmo que o primeiro tivesse perdido os sentidos, não há razão alguma para imaginar que seus colegas tivessem saltado, juntos, para salvá-lo, pois, instintivamente, um dêles teria ficado em terra firme, com uma corda.

Que pensa o leitor? Nestes últimos 50 anos muita gente tem pensado a respeito e procurado explicar. Um oficial de marinha opinou que havia surgido luta entre os três homens. O sobrevivente, depois de matar e atirar ao mar os corpos de seus adversários, praticara o suicídio, atirando-se por sua vez ao mar. Mas nenhum vestígio de luta foi descoberto, na tôrre do farol ou em qualquer parte da ilhota. Nenhum homem, nem mesmo um maníaco, poderia executar dois companheiros e matar-se, em seguida, sem deixar qualquer vestígio ou até mesmo, uma carta expli-

cando o fato. Em segundo lugar, na hora da luta, um homem lança mão de qualquer arma. No farol havia inúmeros facões, machadinhas, barras de ferro e navalhas *e nada disso desapareceu ou foi encontrado com marcas suspeitas*. Não teria sido mais simples empurrar suas vítimas do alto de algum penhasco?

Em mar tempestuoso — talvez. A própria natureza teria impedido a vítima de voltar ao ilhote e tomar desforra. Mas, segundo ficou provado, o mar estava calmo e, além do mais, nenhum faroleiro se habitua ao perigoso passeio pelas pontas escarpadas...

Após 53 anos, a ocorrência continua sem solução, desafiando os técnicos e cercando as Flannans de lendas e superstições.

Quem sabe explicar?

★ ★

PRECIOSIDADE ZOOLÓGICA

Alguns exemplares de uma das mais belas — e até há pouco tempo das mais raras — conchas-marinhas, chamadas **cume do imperador**, recentemente, foram acrescentados à coleção do «Smithsonian Institute», de Washington.

A concha que tem cêrca de treze centímetros de diâmetro, é de um caracol marinho bastante abundante no período geológico Mezozóico, ou secundário, que ocorreu há cêrca de trezentos milhões de anos.

Êsse caracol era considerado pràticamente extinto, até que, há cêrca de oitenta anos, foi capturado um exemplar vivo, numa armadilha para lagostas, em águas japonêsas. Depois daquela data, poucas vêzes o caracol tornou a aparecer, até que o atual imperador do Japão, que é biólogo e especialista em moluscos, ordenou que conservassem todos os exemplares capturados para a sua coleção. É fácil compreender que, daí por diante, os pescadores japonêses passaram a demonstrar grande empenho na caça ao molusco, que também tem sido encontrado nas Índias e na África do Sul. As conchas são de côr alaranjada, com reflexos vermelhos e côr-de-rosa.

TAMBÉM OS FEIOS TÊM BOA COTAÇÃO EM HOLLYWOOD



PRIMO Carnera, que juntamente com sua espôsa acaba de naturalizar-se norte-americano, dedica-se atualmente ao cinema. Hollywood necessita de algo mais que perfis «a la Barrymore» e sorrisos como os de Errol Flynn. Também há papéis — e muito importantes — para uma corpulência extraordinária como a de Carnera e um rosto amassado por muitos socos. «Casanova's big Night» é o filme em que agora trabalha o ex-campeão dos pesos pesados. É claro, não encarna o famoso conquistador! O papel do grande sedutor coube a Bob Hope, pois a película é satírica. Na foto, Carnera e uma das reais beldades do filme.

ETIQUÊTA NO DESERTO

Em matéria de etiquêta nas refeições, os habitantes do Deserto de Kalahari, no sul da África, são, sem dúvida alguma, dos mais rigorosos. Sua dieta está, com efeito, sujeita às regras mais rígidas.

Certos alimentos só podem ser comidos pelos homens, outros apenas pelas mulheres, outros, a i n d a , exclusivamente pelas crianças. Imaginemos um jantar, para o qual a dona de casa tem de preparar um antílope assado para o marido, ratos e ratazanas para ela própria e para os demais representantes do sexo feminino, e alguns passarinhos para as crianças!

É justo ressaltar, contudo, que as mulheres não são obrigadas a comer apenas ratos e ratazanas: também podem saborear cobras, formigas e gafanhotos.

★

PROVÉRBIOS ANTIGOS

— Podes esconder o fogo, mas que vais fazer com a fumaça?

— O galo é quem canta, porém a galinha é quem põe os ovos.

— Embora saibas de memória o caminho, é melhor olhar para onde vais.

O METABOLISMO É IMPORTANTE!

O brasileiro é cauteloso, quando se vê diante do médico. E, geralmente, quer saber tudo, com detalhes. E quando o médico solicita um exame, um "teste" qualquer, nunca deixa de indagar, com voz trêmula:

— *Mas isso é mesmo necessário?*

Essa pergunta não falha quando o médico solicita um exame de metabolismo. E ante a inquietação do doente explica que não deve ficar alarmado. Trata-se apenas de um exame que lhe dará preciosas informações sôbre a natureza exata de todos os incômodos de que se queixa.

Apesar dessas palavras tranquilizadoras e da afirmativa de que *"Não dói"*, o paciente continua intranquilo. Imaginem! Vai submeter-se a um estudo profundo! Vão fazer o seu metabolismo basal!

Afinal, que é metabolismo basal? Todo o mundo fala, mas poucos sabem, exatamente, em que consiste. Uns imaginam que se trata de uma tolice como o de deitar as cartas, segundo as videntes. Outros pensam que se trata de uma intervenção cirúrgica ou de uma prova dolorosa. Todos, é claro, estão enganados.

O dicionário assim define o metabolismo: *"produção total de calor, por hora e por metro quadrado, da superfície do corpo de um indivíduo, em jejum e em repouso, mas não adormecido"*... o que não explica grande coisa. *"Metabolismo* (de *metaballein*, transformar) *conjunto de transformações que se cumprem num organismo, desde o nascimento, até a morte do indivíduo."*

Para compreender tais explicações temos que voltar a 1780, data em que Lavoisier e Laplace realizam sedutoras experiências. Procuram acima de tudo penetrar o segrêdo das mudanças gasosas e caloríficas que permitem aos sêres vivos subsistir. Assim chegam a uma verificação que já continha todos os princípios de nosso moderno metabolismo basal.

Num calorímetro de gêlo, medem a quantidade de calor desprendido, em tempo dado, por uma cobaia. Por outro lado, com um animal semelhante, colocado sob sino, determinam a quantidade de oxigênio absorvido e de gás carbônico exalado durante o mesmo tempo. Por cálculo obtêm a quantidade de calor que produziria êsse oxigênio, combinando-se com o carbono para produzir o gás carbônico e verificam que essa quantidade de calor, assim calculado, é sensivelmente igual à quantidade medida diretamente pelo calorímetro. E o mais extraordinário é que o resultado vem a ser, pràticamente, exato e conforme o que sabem os atuais homens de ciência!

Alguns anos mais tarde, Lavoisier (agora com Seguin) prossegue em suas pesquisas, não mais sôbre animais, mas sôbre homens. Determina a quantidade de oxigênio absorvida e calcula o calor equivalente a essa quantidade.

Outros sábios se dedicam, em seguida, aos mesmos trabalhos de medida da energia produzida pelos sêres vivos, chegando às concepções atuais.

É sabido que todo indivíduo dispende, a cada momento de sua existência, uma certa quantidade de energia que pode ser medida em calorias. Essa quantidade de energia é essencialmente variável e depende de numerosos fatôres: digestão dos alimentos, trabalho muscular, e a própria luta do organismo contra as variações de temperatura, etc.

Mas, se eliminamos êsses fatôres — isto é: se o indivíduo é examinado em jejum, em completo repouso, numa atmosfera de temperatura invariável, a quantidade de energia dispendida diminui. Reduz-se à que é necessária para assegurar as funções fisiológicas que sòmente cessam com a morte (trabalho do coração, dos pulmões, dos músculos, diversas secreções e a própria vida celular). É o dispêndio *de fundo*,



Eis como é feito o metabolismo basal, que dá preciosas informações sôbre a nossa atividade vital.

de base, indispensável ao nosso organismo e, *medindo-a, estamos medindo em definitivo a nossa atividade vital*.

A isso corresponde o estabelecimento do metabolismo basal, que dá a quantidade de calor (ou seja: de energia) expressa em "grandes calorias" produzida por hora e por metro quadrado de superfície corporal por um indivíduo em jejum, em total repouso e numa temperatura neutra. Se essa atividade fôr abaixo ou acima do normal, significa que nosso organismo está desregulado.

Há vários métodos para determinar o metabolismo basal. Uns apelam para a calorimetria direta. O paciente é colocado numa câmara especial em que pode ser medido o calor; outros estão baseados na medida das mudanças respiratórias. Êste processo é o mais vulgarizado atualmente. De fato, numerosas experiências demonstram, desde Lavoisier, que justa-

mente no nível dos pulmões. é possível estudar com menor possibilidade de erros as combustões do nosso organismo e que é recolhendo e analisando os gases da respiração, que podemos medir, de maneira prática, essas mesmas combustões. Conhecendo a quantidade de oxigênio absorvida e a do gás carbônico expelida pelo indivíduo num tempo dado e, conhecendo, ainda, o valor do oxigênio, é então fácil calcular o calor produzido pelo paciente.

O aparelho de Benedict, que a nossa fotografia representa, simplifica ainda mais as coisas. Dá diretamente o consumo de oxigênio e suprime tôda análise gasosa. O indivíduo em teste respira por meio de uma peça bucal, que obtura completamente a bôca, ao mesmo tempo que uma pinça fecha suas narinas. Dois condutos saem do bocal para o gasômetro contendo oxigênio puro e vão terminar em duas bombas que dirigem as correntes inspiratória e expiratória. O volume gasoso expirado volta ao interior do gasômetro, mas abandona seu gás carbônico ao atravessar um reservatório contendo cal sodado, de tal sorte que o rebaixamento do sino gasométrico, graduado, indica diretamente a quantidade de oxigênio consumida.

A experiência, precedida de um repouso de pelo menos uma hora e efetuada pelo menos dez horas após uma refeição, dura apenas seis minutos.

O metabolismo basal assim encontrado é de ordem de 37 a 40 calorias por metro quadrado por hora, no homem adulto normal. Para se conhecer a superfície corporal de cada um existe uma "tábua das superfícies, organizada segundo uma fórmula matemática empírica. Essa *tábua* permite obter a superfície da pele, partindo de duas medidas diretas: o pêso e a altura. Dêsse modo o indivíduo medindo 1,75 e pesando 70 quilos, tem uma superfície de pele de 1m285 e, para uma altura de 1,67 e um pêso de 58 quilos, essa superfície é de 1m265.

Calcula-se, geralmente, que a quantidade total das calorias dadas pelo metabolismo basal assim se divide: 75% representam a atividade celular e o resto corresponde ao trabalho dos órgãos: coração, 4%; rins, 4%; músculos respiratórios, 10%; glândulas, 3%; músculos, 4%.

Porém o metabolismo basal sofre variações segundo a idade, o sexo, as raças, etc. Relativamente baixo ao nascer (30 calorias por metro quadrado-hora), eleva-se progressivamente durante o primeiro ano, para atingir 50 calorias por metro quadrado-hora. A partir de um ano, o metabolismo basal diminui progressivamente, até à velhice (em algarismos redondos, podemos assim traçar sua evolução: 10 anos, 40 calorias; adulto, 35 calorias; velhice, 30 calorias).

No homem é, em geral, superior de 5 a 8% ao da mulher. Os cientistas explicam êsse fenômeno "pela presença, na mulher, de uma proporção mais forte de tecido adiposo e também por suas formas mais arredondadas, o que, geomètricamente, diminui a superfície com relação ao pêso."

Finalmente, o metabolismo basal do prêto ou do amarelo é inferior ao do branco, e que, entre os atletas e os trabalhadores braçais, é superior de 6 a 7% ao normal (o que resulta da preponderância do tecido muscular relativamente ao tecido adiposo).

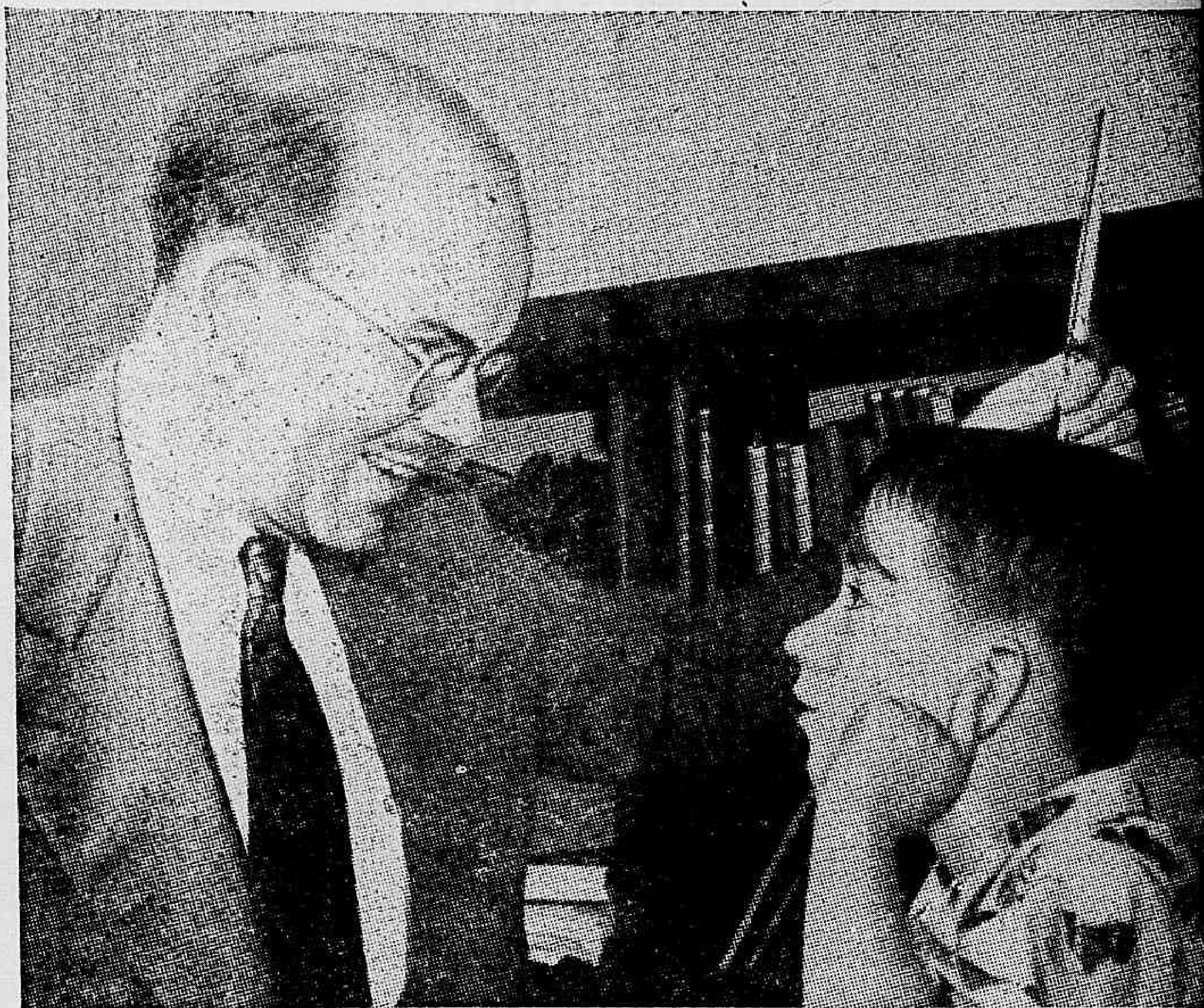
O metabolismo de um mesmo indivíduo, tomado em intervalos regulares e relativamente próximos, dá resultados constantes... enquanto o indivíduo goza de perfeita saúde. Logo que o organismo se desarranja, o metabolismo sofre alterações e é isso o que presta preciosa ajuda ao médico, principalmente quando se trata de alguma perturbação glandular. Por exemplo: nos hipertiroidianos, aumentará de 10 a 50% (e mesmo além, nos casos graves), ao passo que nos hipotiroidianos, diminuirá nas mesmas proporções. Também proporciona informações utilíssimas nas moléstias da nutrição, obesidade, diabetes, etc.

Não fiquem assustados, portanto, se o médico recomendar, algum dia, êsse exame. Será, para êle, uma maneira de obter informações de alcance considerável sôbre a atividade vital do cliente e, para êste, uma oportunidade de verificar que... não mentimos.

O DIREITO DE FALAR!

UMA CIÊNCIA RELATIVAMENTE NOVA: *LOGOPEDIA*.

HOJE, com oito anos de idade, exultante em energia como qualquer outro menino da mesma idade, sua aparência é perfeitamente normal, e qualquer de nós se sentiria orgulhoso de o ter como filho. *Hoje*, porém, é totalmente diferente do menino que, há um par de anos, chegou ao *Instituto de Logopedia*, estabelecido na cidade de Wichita, no Estado de Kansas.



O diretor do Instituto de Logopedia examinando um pequenino enfêrmo

Havia, então, um trágico problema para ser resolvido: sua inteligência era superior à média dos meninos da sua idade, apesar do que já tinha dois anos laboriosos do preliminar *e não conseguia aprender a ler, nem a escrever, nem sequer a falar!* De seus lábios brotavam **apenas sons ininteligíveis.** Ante a impossibilidade de dar expressões às idéias que nasciam em seu cérebro, tornou-se tristonho e manhoso, possìvelmente para despertar a atenção dos que o cercavam.

Recusava servir-se dos talheres para comer. Não pedia o que desejava, simplesmente apoderando-se dos objetos.

"— Um candidato de primeira linha à delinquência infantil" — segundo a trágica expressão do dr. Palmer, diretor do citado Instituto.



Duas crianças aprendem a «coordenar seus músculos» por meio de carícias em coelho.

Ao nascer, o menino sofreu uma lesão no cérebro e isso determinou nêle uma forma de paralisia cerebral, conhecida com o nome de *afasia*. Felizmente, ficou comprovado cientìficamente que a lesão não havia afetado as funções cerebrais, que governam a faculdade de falar, nem mesmo as que governam a capacidade para formar frases.

Com êste ponto de partida para início do tratamento, os médicos do Instituto começaram a agir. Num dos 14 quartos — a prova de som, que formam um dos departamentos do edifício,- deram início ao ensino e aos exercícios do novo educando. Em geral, são dadas três lições de meia hora por semana. Mas o menino em questão era tão inteligente que essas lições foram recebidas com facilidade, progredindo com máxima rapidez.

Cinco meses depois de iniciado o tratamento, já podia falar com clareza, colaborando ainda com o

pessoal docente no ensino de outros pequeninos menos aptos, ajudando-os à pronunciar palavras e frases elementares.

Êsse é um grande exemplo do que pode conseguir o trabalho constante — e quase ignorado — que se desenrola no *Instituto de Logopedia de Wichita.*

Mas há outros casos real-



No Instituto recorrem a diversos processos para determinar o «centro de aptidões» do paciente. Na gravura a especialista pratica a prova do olfato, com uma cebola (ao alto) e uma flor (à direita).

mente sensacionais, como o de um respeitável homem de negócios, grande entusiasta do futebol. Uma vez, no decorrer de uma partida empolgante, gritou tanto e com tal fôrça que ficou pràticamente afônico. Só podia falar com uma voz muito fraca e em falsete. Assim permaneceu durante 14 anos!

Os que sofrem defeitos análogos, o Instituto submete a um tratamento que consiste em fazê-los cantar uma escala descendente, com ordem de ir sustentando a nota mais baixa, que progressivamente vão alcançando. Assim, ao fim de meses ou de anos de pacientes exercícios, o enfêrmo logra recuperar sua voz normal.

Mas, no caso em aprêço, um dos instrutores teve uma espécie de inspiração: sugeriu ao enfêrmo que sustentasse uma nota em seu normal falsete e que, ao mesmo tempo, inclinasse a cabeça para trás. Com surprêsa de todos os presentes, a voz do paciente foi baixando até atingir uma nota própria de barítono, *que sustentou ao en-*



direitar vagarosamente a cabeça, até recuperar a posição normal!

Foi tal sua alegria que imediatamente tratou de comunicar a notícia a sua espôsa, por telefone.

— Adivinha quem está falando — gritou, alegremente, com voz caracterìsticamente masculina.

— Não tenho a menor idéia — respondeu ela, em tom glacial, sem reconhecer a voz do marido.

Essa quase anedota — segundo o dr. Palmer — não reflete de nenhum modo o verdadeiro trabalho que se desenrola no Instituto. Esclarece que o tratamento em que se logra êxito em um quarto de hora são casos de exceção e que os dois fatos, acima citados, não passam de brilhantes exemplos que servem para dar uma idéia da diversidade de problemas com que lutam os que se especializaram em logopedia.

Trata-se, como já dissemos, de ciência relativamente nova. A palavra *logopedia* não chegou ao dicionário nem sequer em 1934, quando o dr. Palmer fundou sua clínica na Universidade de Wichita. A correção dos defeitos da fala carecia de nome técnico, mas o facultativo sabia que, embora aproveitasse descobrimentos realizados e técnicas aperfeiçoadas nos campos da medicina e da psicologia, o não contar com uma especial designação para a nova especialidade, constituiria séria desvantagem. Por isso, após devido estudo e consulta a pessoas idôneas, deu-lhe um velho têrmo médico: *logopedia*.

Quando todos os meninos deixam para trás, a medida que crescem, sua *meia língua*, o que leva os pais de família a pensar que, se o filho gagueja, também chegará o momento em que domine tal defeito. Aos três anos, em geral, o menino já fala como há de falar; portanto, se para os quatro ou cinco anos, continua a gaguejar, não será exagêro procurar um especialista na matéria.

Ninguém sabe a causa, porém é fato que, entre cada cem crianças que nascem, aproximadamente uma

se revela gaga e, por motivos igualmente desconhecidos, de cada quatro crianças gagas, três são varões. Outro fato misterioso é a ausência de gagos entre os que sofrem de diabetes.

Algum dia há de a ciência lograr desentranhar tais segredos. Enquanto isso, os especialistas em corrigir defeitos dos órgãos da voz, baseam seus trabalhos no conhecimento empírico que já possuem de que existem dois tipos distintos de gagos, cada um dos quais requerendo tratamento especial. Um dêles se caracteriza pela paralisação da bôca ao abrir-se, sem que o indivíduo possa produzir som algum. No outro, os sons se repetem.

Espasmos dos órgãos do aparelho respiratório determinam o primeiro. Mas... Que espasmos? Êste é outro dos enigmas que ainda não foram decifrados.

Por isso os especialistas baseam seu tratamento nos sintomas. Para regozijo da gente miúda, recorrem aos bombons e balas de mascar, porque com tais elementos estimulam a mastigação. Mascar, chupar e engolir, compreendem os três reflexos básicos da fala.

De caráter mais evidentemente científico para o profano é o emprêgo do quimógrafo, que registra em linhas onduladas as oscilações da respiração e da voz. Estas devem estar coordenadas, sòmente não ocorrendo isso quando um espasmo põe em tensão as cordas vocais do indivíduo.

Graças a êsse aparelho, o instrutor pode conhecer o momento justo em que sobrevém a dificuldade, ali concentrando o seu ataque. Para frustrar o espasmo é preciso que, através dos nervos, o cérebro ordene aos músculos que relaxem. A ordem respectiva pode consistir em qualquer ato conscientemente voluntário, como dar um passo à frente ou apertar a mão, para afrouxá-la logo a seguir, como meio de obrigar os músculos dos maxilares e da garganta que relaxem também.

Mais comum que a gagueira é falar a "meia-língua", o que não é ouvido com simpatia quando o menino atinge os dez e mesmo os doze anos. Os técnicos chamam a êsse defeito de "articulação defeituosa" e 33 por cento dos casos atendidos nesse Instituto são dessa índole.

O tratamento varia segundo a idade ou a inteligência do indivíduo ou, ainda, o enraizado dessa sua forma defeituosa de falar. O especialista começa por determinar onde se encontra o "umbral" das aptidões e possibilidades de ação do paciente. Pode constituir sério obstáculo uma resistência emotiva, como consequência de passados dissabores, ressentimentos, desilusões, timidez ou outros fatôres psicológicos.

O menino, mesmo depois de haver recuperado aptidão para articular palavras, pode — por alguma misteriosa razão — emudecer ou gaguejar.

Conquistada essa capacidade de articular palavras, vem a de formar um vocabulário. O menino comum e mediano utiliza, quando tem um ano de idade, uma meia dúzia de palavras, no máximo; durante seu segundo ano aumenta o vocabulário para umas 300; aos três já dispõe de umas 900; para os quatro, de 1 500; para os cinco, de 2 000 e para os seis, de mais de 2 500. Se, com três anos, não principiou a falar, convém determinar a causa.

Talvez seja um defeito do ouvido. Se o menino não ouve carece de *guia* para produzir sons. Os pais chegam a recear que o menino seja mentalmente débil, como sóem temer, da mesma forma, dos que têm lábio lipurino ou palato fendido (guela de lôbo).



A improvisação de jogos com os pequenos pacientes é outro dos meios empregados para a correção de suas deficiências.

Devemos relatar o caso de uma menina, para quem a natureza não se mostrou benigna. Uma horrível fenda dos lábios deixava à vista os dentes da mandíbula superior, que por sua vez se abriam deixando ver até a garganta. Não podia falar, produzindo apenas grunhidos e uma espécie de assobio. Os irmãos maiores se envergonhavam dela. A pobre menina, quando havia visita, escondia-se em algum canto da casa, para que não a vissem. Um dia, um cirurgião e um dentista corrigiram seus defeitos físicos. Contava ela cinco anos de idade e até então não fôra possível aprender a falar, o que foi tentado imediatamente. Tornou-se interessantíssima essa nova experiência.

Quando tropeçava com um "t" ou um "d", cuja pronúncia se lhe tornava mais difícil, emitia o som correspondente ante um aparelho semelhante a um rádio-receptor a que se dá o nome de "cromovox". Se pronunciava o "t" corretamente, logo acendia uma lâmpada azul; um "d" mal pronunciado ligava uma lâmpada vermelha; um "n" nasal acendia uma lâmpada amarela. Num espelho, a menina observava os movimentos de sua própria bôca e garganta, ao mesmo tempo que com os dedos percebia o jôgo dos músculos do pescoço de seu instrutor ao emitir os mesmos sons que ela. Divertia-se com isso — e aprendia.

Os especialistas em logopedia já contam com um arsenal de instrumentos e aparelhos realmente imponentes se comparados com os elementos de que dispunham há vinte anos.



HONRAS QUE NÃO DEVEM SER IGNORADAS

QUANDO a simpática sra. Pandit, da Índia, foi eleita presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas fêz logo uma declaração, dizendo esperar que não fôsse atribuída demasiada importância ao fato de ser ela a primeira mulher que ocupava aquêle cargo.

«As minhas atividades políticas — observou ela — têm-me ensinado a considerar-me como **um indivíduo** e não necessàriamente uma mulher. O encargo que recebi constitui muito mais uma homenagem ao meu país que ao sexo feminino. Os princípios e objetivos das Nações Unidas se aplicam aos sêres humanos, e não aos homens ou às mulheres.»

Embora respeitemos suas razões de querer que não se dê excessiva importância ao fato de ter sido escolhida uma mulher para o elevado cargo que ocupa, protestamos contra sua declaração.

Apesar da política, a sra. Pandit pertence ao sexo feminino, é excelente espôsa e mãe. Não vemos motivo para que tais fatos — tão honrosos — sejam ignorados.



NERVOS

O «Journal of the American Medical Association» conta o caso de uma mulher que, durante um exame médico, foi prêsa de tanto nervosismo, que teria morrido, em conseqüência da aceleração exagerada das batidas do coração, se não fôsse socorrida imediatamente, pelo médico que a examinava.



DEDOS RECUPERADOS

NA Universidade de Marquette (EE. UU.), um cirurgião conseguiu fazer novos «dedos» num homem cujos dedos tiveram de ser amputados, em conseqüência do congelamento da mão. O cirurgião cortou os «dedos» das palmas das mãos e nêles enxertou a pele e os tendões, com tanta perícia, que o paciente consegue, hoje, manejar ferramentas e escrever normalmente.

AVIÕES ATÔMICOS

SEGUNDO foi anunciado, a General Electric, que foi uma das precursoras na produção de motores a jato para a aviação nos Estados Unidos, está atualmente empenhada na construção de um motor de propulsão... nuclear.

As experiências estão sendo feitas em estrito cooperação com a Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos.

Por motivos de segurança, não foram revelados outros pormenores.



MONTREAL tem uma população de língua francesa mais numerosa do que a de qualquer outra cidade do mundo, com exceção de Paris.

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

A voz de Rodney tinha um tom de amargura. Tio Eustáquio pousou a mão carinhosamente sôbre um ombro do sobrinho.

— Não pense em coisas tôlas, Rod. E, se não tem nada que fazer, acompanhe-me até minha casa. O ar fresco lhe fará bem.

— Como quiser.

— Ótimo! Só peço que me conceda dois minutos para falar com sua mãe.

Tio Eustáquio saiu e Rodney se voltou para a estante e para os livros, com um olhar vago.

— Então, Rod? — perguntou Aline, com voz emocionada. — Como o inspetor recebeu a declaração de sir Charles?

— Com muita calma. Mais do que eu esperava. Êsse homem é nosso inimigo! Volta constantemente ao alibi de Gerry.

— Descobriu algo de novo?

— Não sei. Não fala e todos temos mêdo de interrogá-lo. Ah! Que pressa tenho de ver Sholto de volta! Seria melhor que êle e não o inspetor obrigasse Gerry a contar tudo o que sabe. Suponha que Gerry esteja implicada nesse crime! Será um escândalo ao qual mamãe não resistirá.

Aline respirou profundamente.

— Pobre lady Júlia! Tio Eustáquio me contava, há pouco, o velho drama do seu primeiro noivado. Eric Ivinghoe devia ser um homem admirável, a julgar pelo retrato.

— Um homem espantoso. Tenho conversado muito com pessoas que o conheceram. Todos afirmam que era, em Londres, o mais belo e encantador rapaz da sua época.

— Sem dúvida, lady Julia estava apaixonada...?

— É claro... Ela tem por Chass uma grande e dedicada amizade... Chass é, sem favor, um *gentleman*. Mas não acredito que se tenha plenamente consolado da morte de Eric.

— Não teria ela podido desposá-lo secretamente e acompanhá-lo?

— Sôbre isso, mamãe sempre guardou sêgredo. Ela é assim mesmo. Pouco demonstrativa, embora, no fundo, seja muito

---

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e lady Julia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Julia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Julia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Julia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Julia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados;

mais sensível que todos nós. Recordo-me de que, há anos, quando Sholto e eu éramos meninos, Sholto caiu do seu *poney*, na grande *pelouse* de Broadlet e feriu-se gravemente na cabeça. Ficou longas horas desacordado, enquanto o sangue escorria sôbre seu rosto. Enquanto todos se mostravam atarantados, mamãe nem sequer pestanejou. Carregou ela própria Sholto para casa, lavou o ferimento, reanimou-o e dêle tratou como o faria a melhor enfermeira. Depois de conjurado o perigo, viu Sholto já sentado na cama, tão alegre como era possível dadas as circunstâncias. Então foi ela quem perdeu os sentidos! E só Deus sabe quanto tempo foi necessário para que se refizesse do choque que sofreu!

A voz de tio Eustáquio se fêz ouvir, nesse instante, junto da porta:

— Minha irmã já subiu para seu quarto e pediu-me que apresentasse os seus votos de boa-noite, Aline.

— Boa-noite, Aline — disse Rodney. — Espero que amanhã, depois do inquérito, você possa ir para Broadlet esquecer tôdas estas histórias. Por favor, quer apagar, antes de deitar, a luz do andar superior? É um cuidado de que se encarregava Larking, habitualmente. Não sei se Frank se lembrará.

— Vou subir dentro de mais alguns minutos — disse ela. — Boa-noite, tio Eustáquio. Boa-noite, Rod.

Rodney saiu, apagando, antes, a luz do "hall".

Capítulo XXII

O VALENTE TAMBOR

Um braço nu se desprendeu dos lençóis. A mão, tateando, procurou o pequenino relógio de cabeceira, cujo tiquetaque insistente martelava com irritante insistência, a meia sombra do dormitório.

— Só duas horas!... — murmurou uma voz lamentosa.

Uma pequena lâmpada de "abat-jour" brilhou em seguida, iluminando um ombro, revelado pela abertura de um pijama azul.

Aline endireitou-se, espreguiçando-se. A noite era lenta e insuportável. Nem o menor vento agitava as cortinas das janelas. E só duas horas e vinte! Custara tanto a dormir, repassando em sua mente os acontecimentos do dia! Depois, tivera sobressaltos, tremores dolorosos, que a despertavam, fazendo-a abrir os olhos cheios de mêdo para o fúnebre cenário das paredes, forradas de sêdas desbotadas e o velho madeiramento de carvalho. E acreditara que a manhã já estivesse próxima! Quisesse ou não, tinha que resignar-se a passar uma noite em claro.

---

o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Julia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros procurariam saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir, interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, havendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas, seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso, que saíra furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna quando chegava sir Charles. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta. Sir Charles furioso, vai interrogar Gerry. Nada adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre a arma. Sir Charles pede para que escondam o caso de lady Julia e todos acreditam na culpabilidade (ou cumplicidade) de Larking, que desapareceu de casa. Sir Charles tudo relata a Manderton, que se mostra reservado e retira-se para lançar seus homens no encalço do mordomo.

Como não havia tocado em seu *diário* nos últimos dias, decidiu colocá-lo em dia, pois prometera a seu pai registrar fielmente os seus dias na Inglaterra.

Procurou a bôlsa em que o guardava, habitualmente, junto do "abat-jour" e abriu-a. O *diário* ali não estava! Nem, da mesma forma, o seu maço de cigarros.

Compreendeu, imediatamente. Deixara as duas coisas no *court* de tênis, pois agora recordava que os tinha em mãos, quando Dene a surpreendera. Tornou a repousar a cabeça sôbre o travesseiro. Nem sequer um cigarro para consôlo!

Tentou dormir novamente, mas a idéia do seu *diário* a atormentava. Aquêle livro era o confidente de seus pensamentos mais íntimos e dêle não se separava nunca. Suas impressões sôbre Frant House não tinham sido escritas para os profanos. Sentiu as faces queimando só de imaginar que Rodney, por exemplo, tivesse lido certas linhas... Refletiu, a seguir, que, receiar de Rodney uma tal indiscrição, era puro absurdo. Mas, agora, perturbada como estava, sentia uma vontade imperiosa de fumar e, sem mais hesitar, saiu do leito, envolveu-se num quimono branco e ouro, que o pai lhe trouxera do Japão e abriu a porta. Foi sòmente quando o grande silêncio da casa adormecida a envolveu, como um manto morno e desagradável, que parou para refletir, antes do risco a que estaria exposta nessa vivisita noturna ao velho *court* de tênis, "cheio de fantasmas", segundo havia afirmado o jovem Denne. Hesitou, porém, apenas um instante. Apesar da lenda de *Phil, o Louco,* voltar a sua memória, avançou pelo corredor.

Tinha na mão direita o castiçal com a vela, que acendera, antes de sair do quarto e que serviu para que alcançasse a escadaria de mármore. Em seu redor multiplicavam-se êsses pequeninos movimentos, êsses estalidos, êsses rangidos próprios das casas antigas. Tôdas as luzes estavam extintas e as portas fechadas. Sôbre as lajes do "hall", pelo leque imenso formado pelo alto da porta principal, a lua projetava sua luz indecisa.

Aline empurrou lentamente a porta do fundo, que abria para o *court* de tênis. Nu, caiado de branco, o corredor envidraçado se estendeu diante dela. A pequena porta do próprio *court* estava entreaberta. Aline a empurrou com gesto resoluto e logo se viu no grande vazio do campo de jôgo.

A lua, certamente, havia batido em retirada por trás de alguma nuvem, porque os altos vitrais do teto estavam sombrios. No entanto, ainda assim, Aline podia distinguir os quadrados de marcação e o *tambor,* batendo seu eterno "rataplan". além da estreita borda, que, na extremidade oposta, marcava a abertura do campo coberto.

O *court,* segundo Aline sabia, não tinha eletricidade. Como nunca jogavam à noite, tinham considerado desnecessário dar-lhe iluminação artificial. Uma pequenina corrente de ar obrigava Aline a proteger a chama da vela com a mão livre, quando

★



— Odeio os "caras" que se impacientam e buzinam atrás de mim, logo que o sinal "abre"!

erguia o castiçal, na tentativa de descobrir o seu caderno de couro azul e o maço de cigarros. Não encontrando nem um nem outro, sentiu-se ligeiramente angustiada. Teria que penetrar na outra parte do *court*, na espécie de arquibancada, onde sem dúvida esquecera tudo, quando fôra, em companhia de Dene, observar de perto o retrato de *Phil, o Louco*? Repugnava-lhe aventurar-se naquele recanto totalmente escuro, à mercê da pequenina chama vacilante. Mas, já que chegara até ali, não podia mais recuar. Encontraria, com certeza, o seu diário — caso alguém não o tivesse apanhado.

Continuou a caminhar pela galeria, quando a claridade melhorou repentinamente. Olhou em redor. Um frágil fio de luar revelava nitidamente a imagem do pequenino tambor, com sua roupagem vermelha, desbotada.

Do ponto em que estava, via *Phil, o Louco*, que a contemplava com seu olhar parado e cínico. Ativou sua busca. Mas em vão: o álbum e os cigarros haviam desaparecido!

Alguém os colhera, levando para casa. Frank, provàvelmente, substituindo o mordomo em sua ronda noturna. Aline mordeu os lábios, irritada, pois não gostava de se ver privada do que mais desejava. Depois, sempre empunhando a vela, voltou sôbre seus passos, vivamente, sem ousar olhar para trás. O *court* estava novamente mergulhado na escuridão.

Quando alcançava o pôsto do "marcador", junto da porta do corredor, que ligava o *court* ao interior da casa, viu, repentinamente, um sôbre o outro, o caderno e o maço de cigarros. Estavam pousados sôbre a balaustrada da galeria e ela passara perto de ambos, sem nada notar. Apanhou-os, guardando-os no bôlso do quimono e voltando-se, a seguir, para a porta. O silêncio e a escuridão começavam a agir sôbre os seus nervos e estava farta — pensou — daquele *ninho de fantasmas*.

Nesse instante, um ruído leve a fêz voltar a cabeça, detendo-se como paralisada. Estava semilouca de mêdo.

O *court* estava diante dela, negro e vazio. Tentou dominar sua emoção, porém logo sentiu o sangue gelar, enquanto a vela aspergia cêra sôbre o soalho. Ficou plantada, como uma estátua negra contra o fundo negro, incapaz de um movimento ou de um grito.

O tamborzinho desaparecera!

A superfície da parede estava agora lisa — e mais sombria, segundo lhe pareceu, que o resto do *court*. Porém o alegre tambor desaparecera, com seu porte marcial e sua caixa ressonante!

Erguendo a mão que sustentava a vela, Aline tentou sondar o campo de tênis, fascinada e incrédula. Um golpe de ar fêz a chama dançar, arrancando da vela uma grossa lágrima de cêra; depois a chama se extinguiu! Um resto de coragem veio, entretanto, em seu socorro. Custasse o que custasse, tinha que se certificar de que não era vítima de uma alucinação.

Era necessário, para tanto, atravessar o *court*. Mas nunca sem luz...

Procurou os fósforos. Sabia que havia apanhado uma caixa, antes de sair do quarto. Mas não a encontrou no bôlso do quimono. Provàvelmente, caíra na escada... Nesse instante, teve a impressão de que uma sombra se esgueirava junto do paredão e então tôda a sua coragem fugiu. Prêsa de um terror pânico, voltou-se, com os dois braços estendidos para a frente até encontrar a porta, que empurrou violentamente, lançando-se em carreira cega pelo corredor, até o *hall*, onde esbarrou violentamente em alguém que vinha em sentido contrário. Só então notou que o *hall* estava iluminado: Rodney estava diante dela, ainda de chapéu, como se chegasse da rua e fitava-a com evidente surprêsa.

— Você, Aline! — exclamou êle. — Que aconteceu?

— Rodney... — gaguejou ela. — Não sei quem... lá... no *court*... Oh, Deus! Tenho mêdo.

— Você está sonhando! — disse êle, com irritação. — Por que está acordada e fora do seu quarto? Você é sonâmbula?

Febrilmente, ela o sacudiu por um braço.

— Venha ver você mesmo! Eu tinha ido procurar meus cigarros... Ouvi um ruído atrás de mim, voltei-me... e o tambor tinha desaparecido! Depois, junto

do paredão, alguém passou e desapareceu. Ah, Rodney! Que mêdo! Quem podia ser?

Mas já êle a reconfortava só com a sua presença. Estava tão tranqüilo e tinha um ar tão protetor... Não. Não existiam fantasmas! Mas, então, *quem seria o desconhecido?*

— Venha comigo, minha aliada — disse êle, enlaçando-a pela cintura. — Vou explicar porque você andou sonhando...

Abriu a porta do corredor. Ela, porém, recuou:

— Rod! — murmurou. — Não tenho coragem de entrar...

— Pois bem; irei sòzinho — respondeu êle, com decisão.

De fato, penetrou no corredor. A grande lanterna do *hall* lançava alguma claridade em redor de Aline, embora a grande calma de tôda a casa continuasse a fazer mal aos seus nervos. Então, decidida, correu para junto de Rodney, alcançando-o no instante em que, já no fundo do corredor, êle abria a porta.

— Você vai ver... — disse ela. — O tamborzinho desapareceu!

O luar inundava agora o *court* solitário. Sôbre o paredão liso, destacava-se a alegre figura do tamborzinho.

Boquiaberta de espanto, Aline não proferiu uma palavra. Rodney desatou a rir.

— Então? Não lhe dizia? — disse êle, tomando-lhe a mão, carinhosamente.

Ela trocou com Rodney um longo olhar, depois declarou solenemente:

— Rod... Juro que...

— Amanhã conversaremos sôbre isso... — disse êle, com simplicidade. — Agora, o melhor que você tem a fazer é voltar quanto antes para a cama. Venha! Vou acompanhá-la.

Tornara a acender a vela e, lado a lado, voltaram para o *hall*.

Capítulo XXIII

UMA HIPÓTESE E UMA INDICAÇÃO

Ao abrigo da agradável trincheira formada pela bandeija do *breakfast*, enquanto o sol brincava com os florões do tapête, não era difícil a Aline assumir uma atitude prosaica às manifestações do sobrenatural. Recostada nos travesseiros, não desejando sequer pensar que já passavam das dez horas e que acabava de despertar, inclinava-se a pensar que Rodney tinha razão e que, se ela não havia sonhado, quando menos passeara dormindo.

Bem entendido — pensava — enquanto sorvia o seu suco de laranja, o luar cria visões, e as emoções do dia haviam, sem dúvida, determinado nela uma grande fadiga: o melhor era esquecer tudo! Tomada essa decisão, serviu-se de café e a seguir desdobrou o jornal da manhã, pousado sôbre a bandeija.

Mal o abriu, os seus olhos encontraram um grande título, que parecia saltar da página: *O Mistério de Mayfair Row*. Seguia-se um artigo de várias colunas, realçado por ilustrações. Havia, também, uma planta do apartamento de Barry, um instantâneo de Rodney, com ar bastante aborrecido; um retrato dela própria, bem desagradável em tal lugar, pois que a apre-



TURISTAS



— Parece que esta era a coluna preferida pelo cãozinho de Nero.

sentava em vestuário de côrte e sublinhado por esta legenda: *Miss Aline Innesmore, que deverá prestar depoimento hoje.*

Dobrou bruscamente o jornal. O inquérito começaria depois de duas horas da tarde. E sir Charles havia pensado que lhe poupariam essa provação! A idéia que fazia de um *coroner* era mais que confusa. Mais confusa ainda era a idéia que tinha do papel que representaria naquele drama. Via-se no banco das testemunhas, depois de apregoado o seu nome e, ali, entre a curiosidade dos presentes, esperando que lhe fôssem feitas as perguntas mais tôlas e insidiosas.

O sangue subiu-lhe às faces. Mas, afinal... Ainda faltavam quatro horas para êsse suplício. Para que se atormentar desde agora? Deliberadamente, recomeçou a pensar em sua aventura noturna.

Era inútil tentar enganar a si própria. Cada detalhe se projetava com extraordinária nitidez sôbre a tela da sua memória. Havia bem distinguido, primeiro, a favor do luar, o tambor; depois, de maneira não menos distinta, embora a lua faltasse na ocasião, vira a parede aberta e negra... sem a figura familiar. A sombra que lhe parecera passar junto da parede podia, realmente, ter sido imaginação. Mas, quanto ao tambor, não podia haver dúvida!

O projeto que arquitetara de repousar até à hora do almôço, perdeu, repentinamente, tôda sedução. Não seria mais razoável que voltasse ao *court*, a fim de encontrar, se possível, uma explicação simples do fenômeno?

Convinha, para aparecer diante do *coroner*, vestir-se com simplicidade. Por isso, escolheu um vestido de lã, quase preta, com mangas compridas e decote curto, que lhe dava um aspeto bastante sóbrio. Quando, depois disso, desceu para o salão, encontrou a casa tranqüila. Na sala-de-jantar, Frank retirava a louça do almôço e anunciou que todos haviam saído, exceto as senhoras, que continuavam em seus respectivos aposentos. Assim, pôde caminhar sem cuidados para o *court*.

A primeira coisa que viu, ao chegar, no rez do paredão oposto, foi uma cabeleira chamejante. O jovem Dene rastejava sôbre o solo, numa posição bem pouco cômoda. Tinha os olhos quase colados ao madeiramento e seus traços ingênuos revelavam uma concentração quase feroz. O ruído dos saltos de Aline o forçaram a voltar a cabeça. Reconhecendo-a, enviou-lhe sôbre um ombro um dos seus sorrisos simpáticos e, pondo-se de pé, caminhou ao seu encontro.

Ela, entretanto, fitava-o com ar severo, pois que por certo êle atrapalharia seus planos. Porém, com seu ar descuidado de sempre, êle não pareceu notar nada.

— Você não lembra nenhuma heroína de Conan Doyle — disse êle, à guisa de saudação. — Deveria, de fato, usar um chapéu como o dos homens, saia ampla e arrastando na poeira. Também um guarda-chuva, verde de preferência, assim sob o braço... e saltar ao meu encontro, para me ajudar a ficar de pé, dizendo: *"Ah, sr. Holmes! Que pêso me arranca do coração!"*

O riso de Aline ressoou pelo teto alto. Como manter a seriedade diante da incorrigível alegria daquele jovem policial?

— Será possível que não pense em coisas sérias? — perguntou.

— Quase nunca — confessou êle. — Por que havia de pensar? Deseja saber alguma coisa?

— Apenas... o que está fazendo aqui.

— Apenas olhando...

Aline imaginou nesse instante que talvez Manderton tivesse sabido do seu passeio da noite precedente.

— Quem o fêz entrar neste *court*? — continuou ela.

— Ninguém. Entrei pelo telhado.

— Veio da casa de Barry? Do apartamento do sr. Swete?

— Claro! E não foi fácil. Andei subindo por chaminés... Veja as minhas mãos.

E Dene exibiu as mãos, tôdas negras.

— Foi uma idéia que tive — explicou a seguir. — Nada falei ainda com o chefe. Frant House é uma casa muito antiga... Antes da construção do *court*, havia um caminho, que a ligava às estrebarias. Pelo menos foi o que ouvi do próprio sir Charles.

— Sim. A construção do *court* fêz desaparecer essa passagem.

— Imaginemos, porém, que tal não tenha acontecido. Imaginemos que entre êste local e a casa existe uma via de comunicação... *secreta*. Isto era comum, antigamente... Porque, acima de tudo, temos que reconhecer que ninguém se volatiza sem mais nem menos!

— Não estou entendendo — murmurou Aline.

— Confesso que ficaria zangado se o que estou dizendo fôsse contado a mais alguém — disse êle, com ligeiro tom circunspecto. — Não pense, porém, que estou traindo um segrêdo da polícia. Mas o meu chefe é o que podemos chamar realista. Acredita que todo problema pode ser resolvido por meios diretos ordinários, com a condição de que a êle nos lancemos com energia. No caso presente, temos duas informações: um homem, que foi visto penetrando no apartamento e um outro, que foi visto saindo... O trabalho, em Scotland Yard, parte invariàvelmente dessa presunção: atendendo-se a informações e dando-se atenção a todos os indícios, sempre é possível esclarecer os cantos obscuros de um mistério. O que eu denomino de "método do curto-circuito", não parece tentá-los.

— E que método é êsse, se posso saber?

— O de cortar caminho, encurtando as distâncias, ousadàmente, no amontoado de depoimentos, de inquéritos, de buscas, etc. Tomemos o caso que nos interessa. Em vez de perder tempo procurando saber se alguém viu o desconhecido número 1, que entrou no prédio, ou o desconhecido número 2, que dêle saiu, por que não admitir de uma vez que as coisas são reais? Por que não reconhecer que o desconhecido existe e que existe, também, uma via secreta para penetrar no apartamento da vítima?

— O senhor quer dizer — disse Aline, nervosamente — que existe uma passagem secreta entre Frant House e o apartamento?

— Cá entre nós... não repita isso, pois que o chefe já anda desconfiado de que tenho inclinações para o romance... Mas é isso mesmo. Acredito na existência de uma passagem secreta!

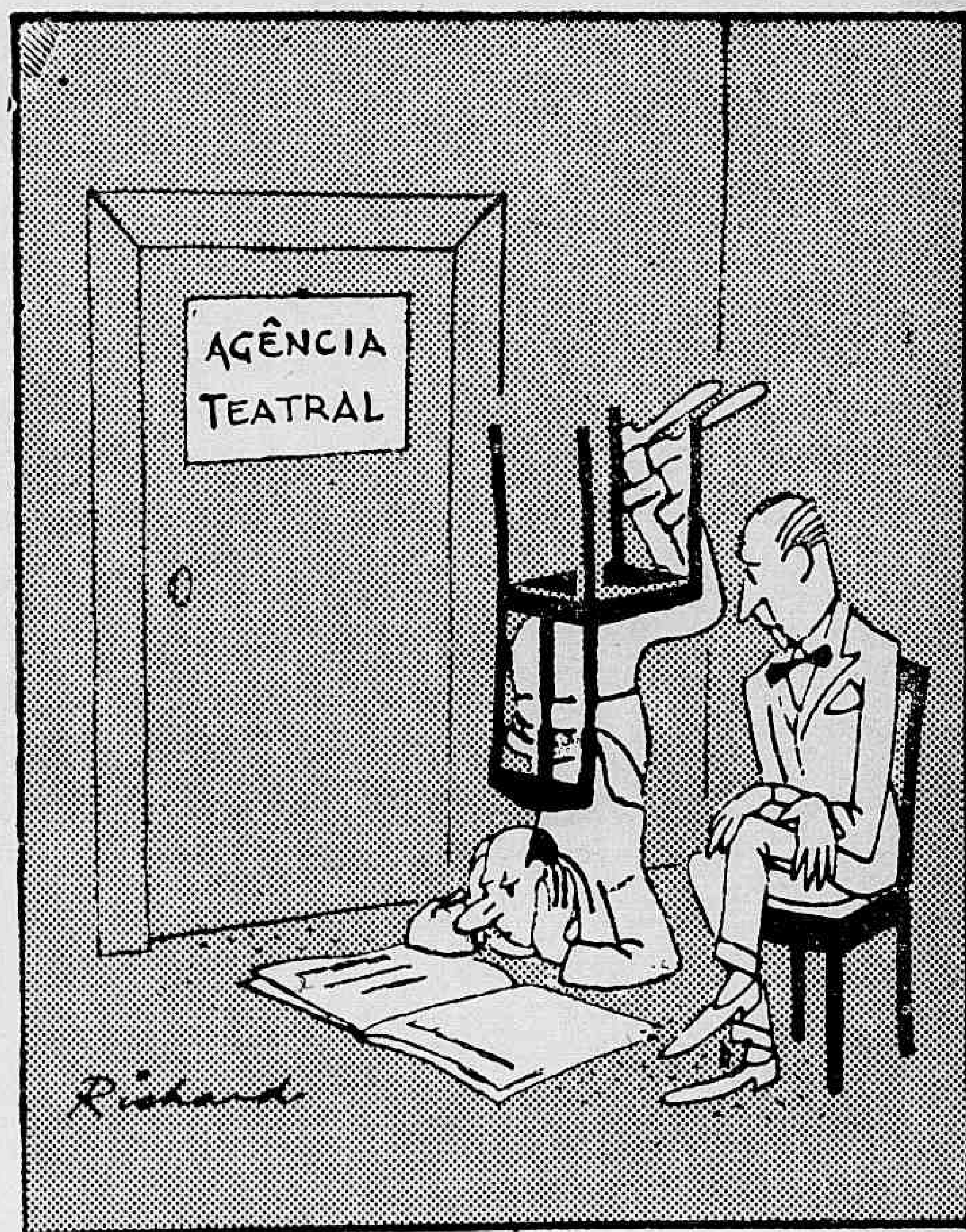
Uma alegria franca o animava, tornando-o ainda mais moço do que realmente era.

— Que barulheira em Scotland Yard, se eu descobrisse essa passagem! Aquêle cavalheiro, *Phil, o Louco*, segundo vocês dizem, era homem sempre atrapalhado com aventuras inconfessáveis e quase sempre fugindo dos credores, não é verdade? Para êle, portanto, uma passagenzinha secreta, será uma boa ajuda, não acha? O pior é que...

Aqui, Dene moveu a cabeça, desanimado:

...por tôda parte essa parede parece sólida como uma rocha! Certifiquei-me pelo som. Demônios! Renunciar a uma tão bela hipótese! Mas já é hora de me retirar. Deixei uma escada encostada contra a casa. Se me atraso, encontrarei a gurizada do bairro fazendo ginástica com ela. Até a vista, miss Innesmore!

Sorria, com a mão estendida. Só então percebeu que ela estava como há cem léguas de distância. A cabeça levantada, a bôca entreaberta, o olhar fixo, contemplando o velho *court* agora deserto.



Recuou, juntando as mãos, numa fingida pose de admiração:

— Hmmm — murmurou. — Isso acontece muitas vêzes?

Ela teve um sobressalto, viu-o, finalmente, corou — e êle a achou linda.

— Perdoe-me. Não sei em que pensava — desculpou-se Aline. — Então já vai?

— Sim e vejo que perdi o meu latim, pois o meu belo discurso ficou sem a linda ouvinte.

E com um sorriso indulgente:

— Não faz mal. Gosto de falar para as moças bonitas, mesmo que elas não ouçam. Basta-me, quando menos, o prazer de ouvir a minha própria voz.

— O senhor diz coisas engraçadas.

— Pois agora — disse êle, com súbita gravidade — vou ser muito sério, para lhe dar um bom conselho. Se bem compreendi, está como convidada em Frant House?

— Sim.

— Em seu lugar, eu abreviaria a minha permanência nesta casa.

— Por que, faz favor?

— Não posso explicar. Pode crer no que digo. Seria bastante inspirada, partindo daqui quanto antes! Mas não diga isto a ninguém!

Sempre grave, apertou a mão de Aline e afastou-se pela galeria na direção da escada, que conduzia ao telhado.

Capítulo XXIV

O SEGRÊDO DE PHIL, O LOUCO

Aline esboçou um movimento como para o reter, mas vendo que era tarde, voltou a sua meditação, de pé, imóvel, junto do pôsto do "marcador". Mais uma vez, fitava o paredão fronteiro.

Mas não concentrava mais o olhar sôbre o tamborzinho, cuja figura se destacava, colorida, sôbre o cinzento da parede. Acreditava ver em seu lugar certas páginas amareladas de um manuscrito. Sua memória se esforçava por ler o que nelas estava escrito... e que recordasse o que lhe dissera, havia pouco, o jovem Dene, com referência a uma passagem secreta e dos ardis de que se valia *Phil, o Louco,* para fugir dos credores.

Afinal, cedeu à realidade, movendo-se. Lentamente, caminhou até o tambor, tateando sua roupagem vermelha e sentindo sob a pintura a umidade da pedra. Bateu com o punho fechado contra a parede. Em nenhum ponto, com certeza, soava falso!

— Deus meu! — murmurou a meia-voz. — Se ao menos eu pudesse recordar exatamente essa frase e a qual local se referia...

Repentinamente, seu rosto se iluminou. Rápida como uma flecha, cruzou o *court,* atingiu o corredor que conduzia ao interior da casa e subiu ao primeiro andar, onde, cautelosamente, abriu a porta da biblioteca.

Ninguém!

Tornou a fechar a porta. Um silêncio pesado esmagou todos os sons. Num canto estava um tamborete. Levou-o para o local em que se alinhavam dois volumes pretos, trazendo na lombada, em letras de ouro, o título: *"Manuscritos de Frant House"*.

Trepando sôbre o tamborete pôde apanhar os dois volumes, levando-os para a mesinha junto da chaminé. Depois, ajeitando as almofadas, sentou-se no sofá e, apanhando um volume, com pressa frenética, começou a folhear suas páginas, amareladas.

Era uma coleção de cartas, escritas sôbre papel quadriculado e cada uma protegida por envelope transparente. Carta após carta, leu tôdas elas, apressadamente, percorrendo as suas linhas apertadas, numa letra regular e angulosa. Só fechou o livro depois de ler a última. Então, atacou o segundo volume, sôbre o qual se curvou com a mesma ansiedade. À medida que passava de um para outro envelope, movia os dedos com mais vagar e aumentava sua atenção.

Um "Ah!" de triunfo rompeu, repentinamente a tranquilidade da sala.

Seu dedo sublinhava nervosamente um manuscrito, frase por frase. Absorvida como estava, não ouviu quando a porta foi aberta.

(*Continua no próximo número*)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM NOVEMBRO DE 1953

1 — DOMINGO — A Rainha Elizabeth define as diretrizes da política exterior britânica, afirmando que todos os esforços serão feitos para reduzir a tensão internacional. ★ A Rússia repele a proposta ocidental de uma conferência em Lugano. ★ Os EE.UU. desmentem as notícias originárias de Moscou de que estivessem armazenando bombas atômicas na Espanha. ★ Cresce a rebeldia alemã contra o domínio comunista na zona Leste. ★ Instalado em São Paulo o IX Congresso Nacional de Estrada de Rodagem.

2 — SEGUNDA-FEIRA — Churchill desiste de uma conferência com a Rússia, confessando que "no momento seria piorar a situação". ★ A Rússia insiste numa conferência, com a presença da China Comunista. ★ A Inglaterra olha com desconfiança para o rearmamento da Espanha pelos Estados Unidos. ★ Existem na Alemanha Oriental cêrca de cem grupos de guerrilheiros anti-comunistas. ★ Prossegue a greve dos mineiros de Morro Velho.

3 — TÊRÇA-FEIRA — Derrota de Churchill na Câmara dos Comuns, sem implicar, porém, em abalo para o Partido Conservador, mas apenas em grande irritação para o velho líder. ★ Lançada a candidatura do sr. Apolônio Sales ao govêrno de Pernambuco. ★ Posse do Prof. Sílvio de Abreu Fialho, na cadeira de Clínica Oftalmológica na Faculdade Nacional de Medicina.

4 — QUARTA-FEIRA — Segundo os resultados das eleições distritais em certas zonas dos Estados Unidos, os Republicanos estão perdendo ràpidamente terreno



Eu Era do CONTRA

"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"
ENO

em favor dos Democratas. ★ Distúrbios sangrentos em Trieste, entre policiais e estudantes italianos, a menos de 8 quilômetros da fronteira iugoslava. ★ Concedido o prêmio Nobel de Química ao Prof. Hermans Stauninger, da Universidade de Friburg, Alemanha, e o de Física, ao dr. Fritz Zerniles, da Holanda. ★ Registrado um terremoto de proporções catastróficas, com epicentro situado a 9.500 quilômetros da Itália. ★ Instalada em Paris a nova Associação França-Brasil. ★ Chegam a Boston, os soberanos gregos.

5 — QUINTA-FEIRA — Novo e violento choque entre a polícia aliada e estudantes que percorriam as ruas com bandeiras italianas, perecendo dois estudantes e ficando cêrca de vinte feridos, quando a polícia penetra numa igreja para prender alguns manifestantes. ★ O govêrno inglês suspende a constituição da Guiana, sob violentos protestos dos trabalhistas. ★ Presos em Havana diversos terroristas, acusados de conspiração contra o Govêrno. ★ Distúrbios em Santiago (Chile) provocados pela alta dos preços dos transportes. ★ Nomeado o Sr. Rodrigo Barjas Filho, presidente interino do IAPC.

6 — SEXTA-FEIRA — Em Trieste a irritação é muito viva e domina os meios políticos, tanto triestinos quanto romanos, todos fazendo recair a culpa sôbre a política controlada pelos aliados. ★ Eisenhower pede que os órgãos oficiais deixem de guardar tanto segredos desnecessários "para que o povo possa saber o que faz o govêrno". ★ A Finlândia estuda novo govêrno integrado por todos os partidos. ★ Suspensas as reuniões na Coréia "para que os conselheiros possam estudar a ordem do dia" (!) ★ Oferecido no Itamarati almôço de despedida ao embaixador da França, Sr. Gilbert Arvengas.

7 — SÁBADO — Volta a calma a Trieste. ★ Realizadas nesta capital as solenidades de encerramento dos V Jogos da Primavera. ★ Inaugurada no Campo de São Cristóvão a VI Exposição Agro-Pecuária do Distrito Federal. ★ Sepultado nesta capital o embaixador J. Roberto de Macedo Soares, cujo corpo fôra trasladado da Europa.

8 — DOMINGO — Falece repentinamente o rei Ibn Saud, da Arábia Saudita. ★ Realizadas eleições legislativas em Portugal. ★ Espera-se que Mossadegh seja sentenciado à morte. ★ O Govêrno boliviano sufoca uma revolução empreendida pela falange socialista. ★ Iniciados os trabalhos da I Reunião Brasileira de Antropologia.

9 — SEGUNDA-FEIRA — Defende o Sr. Eden, na Câmara dos Comuns, a ação da polícia aliada em Trieste, cuja ação — afirmou — "foi necessária, diante da persistência dos distúrbios". ★ Elevado a soberano da Arábia Saudita, o príncipe Saud, filho do rei extinto. ★ Os resultados das eleições portuguêsas favorecem amplamente o Govêrno. ★ Mossadegh afirma em gestos dramáticos que não apelará se condenado à morte e que praticará o suicídio, caso seja pôsto em liberdade. ★ Informa o govêrno boliviano que os rebeldes foram derrotados e postos em fuga.

10 — TÊRÇA-FEIRA — Fixada para Dezembro a realização da Conferência das



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



Bermudas, entre Churchill, Laniel e Eisenhower. ★ Melhoram os entendimentos entre a Itália e a Iugoslávia, sôbre Trieste. ★ Turquia, Grécia e Iugoslávia iniciam conversações em favor da paz nos Balcãs. ★ Vitorioso nas eleições para Presidente das Filipinas o candidato socialista, Ramon Magsaysay, que derrotou o atual presidente Elpídio Quirino. ★ Entrega credenciais ao Presidente Auriol, o novo embaixador do Brasil, Sr. Caio de Melo Franco. ★ Apresenta credenciais o novo embaixador do Equador.

11 — QUARTA-FEIRA — Tumultuosa sessão na Assembléia da ONU, que decidiu imediata abertura de inquérito sôbre atrocidades comunistas na Coréia. ★ Divulgado o programa da próxima Conferência Inter-Americana, a realizar-se em março na Capital da Venezuela. ★ Revelado no Canadá um documento como sendo o testamento de Stalin. ★ O Govêrno argentino envia projeto ao Congresso concedendo anistia ampla aos presos político. ★ Designados os Srs. Benedito Valadares Ribeiro e Roberto de Oliveira Campos, delegados do Brasil à Conferência de Assistência Técnica da ONU. ★ Chega a esta capital o Sr. Adib Bey Na-Has, novo Ministro do Líbano no Brasil.

12 — QUINTA-FEIRA — Pedida a pena de morte contra Mossadegh. ★ De Gaulle defende um plano de acôrdo com os Soviets, "que sempre foram aliados da França *e porque os acordos entre êle, De Gaulle, e Stalin, não foram denunciados*". ★ Deixa Lisboa, para uma visita de cortesia ao Brasil, o Sr. Américo Thomaz, Ministro da Marinha de Portugal. ★ Ocorre, em Santa Fé, um dos maiores desastres da aviação militar argentina, quando, após o choque de dois aparelhos, perecem vinte pessoas. ★ Homenageado no Itamarati, por motivo de seus jubileus sacerdotais, o Núncio Apostólico.

13 — SEXTA-FEIRA — Insiste Molotov sôbre a necessidade de uma Conferência dos 5 grandes, inclusive a China Comunista. ★ Manobram os Estados Unidos, França e Inglaterra junto da Itália e da Iugoslávia para uma solução amistosa para o caso de Trieste. ★ Chegam ao Canadá o Presidente Eisenhower e espôsa, para uma visita de dois dias.



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

À venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-5

14 — SÁBADO — Eisenhower considera a última nota soviética ao mundo ocidental como "truculenta, para não dizer arrogante". ★ Exigida a presença do ex-presidente Truman no Senado norte-americano, a fim de explicar sua ação nos casos de espionagem. ★ Londres repele a proposta soviética, declarando que era "tão má como as anteriores". ★ Nomeado diretor da Estrada de Ferro Central do Piauí, o Sr. Edson Medeiros da Fonseca. ★ Encerra-se nesta capital a I Reunião Brasileira de Antropologia.

15 — DOMINGO — Convencidos os governos francês, inglês e norteamericano

de que "a Rússia não deseja qualquer negociação que conduza a resultados positivos". ★ Colidem no Canal da Mancha, os navios Vittoria Claudia, italiano e Peron, francês, tendo o primeiro afundado, morrendo vários tripulantes. ★ Prisioneiros nortecoreanos e chineses repelem os "explicadores" comunistas que tentavam convencê-los a que retornassem à pátria.

16 — SEGUNDA-FEIRA — O Procurador Geral da Coroa, confirma a pena de morte ditada contra Mossadegh, acusado de traição e lesa majestade. ★ Falece nesta capital o poeta Jorge de Lima. ★ Falece em Itararé, o Sr. Pedro Luís Correia e Castro, antigo Ministro da Fazenda. ★ Conferida a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul a S. M. Hiroito, Imperador do Japão. ★ Encerra-se a VI Exposição Agro-Pecuária do Distrito Federal.

17 — TÊRÇA-FEIRA — Negam os Estados Unidos haver, com o refôrço da Inglaterra, exigido que a França apressasse a ratificação do Tratado do Exército Europeu "segundo salienta a publicidade comunista" — concluem. — Truman não gostou de ter sido convocado e faz declarações violentas contra os republicanos. ★ Sem solução, ainda o já velho caso Haya de la Torre. ★ Entrega credenciais o novo Ministro do Líbano.

18 — QUARTA-FEIRA — Revela-se que a próxima reunião das Bermudas não servirá para tomada de decisões, mas apenas para "passar em revista os problemas dos Três Grandes Ocidentais, sem temário prévio". ★ Eleito presidente do Conselho da Organização dos Estados Americanos o embaixador salvadorenho, Hector David Castro. ★ Eisenhower prognostica que nas próximas eleições em sua pátria, o comunismo será "coisa do passado". ★ Prosseguem, mais tranqüilas, as negociações para solução do caso de Trieste. ★ O Govêrno chileno declara zona de emergência a Província de Santiago. ★ Exonerado o Sr. Jesus Burlamaqui Hossanah de Governador do Território do Guaporé e nomeado para as mesmas funções o Sr. Enio dos Santos Pinheiro.

19 — QUINTA-FEIRA — Condenados a morrer na câmara de gás, em 18 de dezembro próximo, os assassinos do menino Bobby Greenlease, Carl Austin e Bonnie Heady. ★ Recebida em Lima com irritação a atitude colombiana submetendo à Organização dos Estados Americanos a solução do Caso Haya de la Torre. ★ Pilotos da RAF avistam sôbre a Inglaterra vários "discos voadores". ★ O Corpo Diplomático junto da Santa Sé hipoteca solidariedade ao Sumo Pontífice, no protesto contra a deposição do Cardeal Primaz da Polônia, Stefan Wyszynski.

20 — SEXTA-FEIRA — Iniciadas em Londres as conversações anglo-brasileiras para ajuste da dívida comercial do Brasil, no total de 63 milhões de libras esterlinas. ★ Projeta-se a reunião das três Guianas em um Estado Independente. ★ Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, Grécia e Paquistão apresentam na ONU projeto de resolução condenando o trabalho forçado e insistindo sôbre a necessidade da sua abolição. ★ Nomeado Presidente do Tribunal Marítimo, o Almirante de Esquadra Humberto de Arêa Leão.

21 — SÁBADO — A Itália repele novas propostas iugoslavas para solução do problema de Trieste "embora — revelem os

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

círculos bem informados — a situação atualmente esteja bem melhorada". ★ Batalhões de paraquedistas franceses lançados em Dien Bien Phu, a 200 quilômetros ao ocidente de Hanoi e a 90 ao sul de Laichau, a fim de atacar e dispersar três batalhões do Viet Minh. ★ Segue para Muzambinho, Minas Gerais, o Presidente da República.

22 — DOMINGO — Prêso, sob acusação de "colocar em perigo a segurança do Estado" o líder Trabalhista francês, Benoit Franchon. ★ Satisfeitos os representantes estrangeiros em Washington com o relatório do Sr. Milton Eisenhower sôbre sua viagem à América Latina. ★ Novos distúrbios em Trieste, após uma calmaria de três semanas, desanimam os mediadores aliados. ★ Melhoram as relações anglo-iranianas.

23 — SEGUNDA-FEIRA — Refutando declarações do Sr. Vishinsky, o delegado inglês na Assembléia Geral, anuncia que a Conferência das Bermudas só pode assustar "aos que estão mal intencionados relativamente à paz mundial". ★ A prisão do líder trabalhista francês, Benoit Franchon provoca ruidosas manifestações de protestos e ameaças de greve em tôda a França. ★ Pedido oficialmente pela Inglaterra ao Irã, o reatamento imediato das relações entre os dois países. ★ Chega a esta capital o Alte. Américo Rodrigues Thomaz, Ministro da Marinha de Portugal.

24 — TÊRÇA-FEIRA — As potências ocidentais enviam nota à Rússia lamentando que "manobras dilatórias (dêsse país) continuem retardando o Tratado de Paz com a Áustria. ★ Os Aliados incluem o Rio de Janeiro entre as cidades que poderão servir de sede da Conferência Política Coreana. ★ Os Comunistas, porém, insistem em apontar Pan Mun Jom. ★ Realizando uma longa viagem em companhia do espôso, Duque de Edimburgo, a rainha Elizabeth da Inglaterra chega às Bermudas.

25 — QUARTA-FEIRA — O 1.º Ministro da Alemanha Ocidental acusa agentes norteamericanos de dinamitarem vias férreas, incendiarem fábricas e praticarem outras sabotagens, exortando ainda o povo a "liqüidar sem piedade êsses bandoleiros norteamericanos". ★ Procuram os Aliados romper o impasse com a Rússia sôbre o Tratado de Paz com a Áustria, tentando promover um acôrdo "por qualquer caminho que a Rússia julgue conveniente". ★ Chega à Jamaica a Rainha Elizabeth da Inglaterra. ★ Nomeado Chanceler da Áustria o Sr. Leopoldo Figi. ★ Presos numerosos espiões russos na Noruega. ★ Violentas explosões em Lisboa e na Escócia, perecendo numerosas pessoas. ★ A Argentina resolve importar frutas sêcas do Brasil.

26 — QUINTA-FEIRA — A proposta russa de proscrição das bombas atômicas e de hidrogênio é esmagadoramente derrotada na ONU. ★ O Parlamento belga ratifica o Tratado de Defesa da Europa. ★ Ventilada no Conselho da Europa a criação da Comunidade Política Européia. ★ Fixada para 17 de dezembro próximo a eleição do novo Presidente da França. ★ O Sr. Paz Estensoro, presidente da Bolívia convida o Presidente Vargas para a inauguração da Estrada de Ferro Corum-

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

bá-Santa Cruz. ★ Chega a esta capital o senador norteamericano Hower E. Capehart e comitiva. ★ Celebrado em todo o país o Dia Interamericano de Ação de Graças.

27 — SEXTA-FEIRA — O govêrno do Sr. Laniel enfrenta e vence um "voto de confiança", na Assembléia Nacional francêsa. ★ Viaja para Formosa o presidente Sygman Rhee, da Coréia do Sul, onde discutirá com Chiang-Kai Shek um pacto de defesa mútua. ★ Cai um avião nos subúrbios de Paris causando a morte de cinco pessoas. ★ Na Câmara Federal é aprovado o orçamento da Receita. ★ Autorizado o Instituto de Resseguros a utilizar-se da garantia de consignação em fôlhas.

28 — SÁBADO — Paralisadas as negociações relativamente a Trieste. ★ A ONU reconhece que "dentro do quadro de sua Constituição, o povo portorriquenho se administra por si mesmo como entidade política autônoma. Em conseqüência, convém seja pôsto um têrmo à transmissão, pelos Estados Unidos, de informações relativas a Pôrto Rico". ★ Extinta a hora do verão no Brasil. ★ Falece Eugene O' Neil, grande dramaturgo norte-americano, Prêmio Nobel de 1936.

29 — DOMINGO — Otimismo em Londres e Washington, sôbre a possibilidade de uma Conferência dos Quatro Grandes. ★ O Chefe do Govêrno do Viet Minh disposto a negociar a paz com a França. ★ A Índia e a Inglaterra magoadas com as novas relações de amizade e ajuda militar, dos Estados Unidos, relativamente com o Paquistão e a Espanha. ★ Os Comunistas apontam Nova Delhi para sede da Conferência de paz coreana.

30 — SEGUNDA-FEIRA — Os círculos franceses surpreendidos com a atitude do chefe do govêrno do Viet Minh, revelando seu receio de que se trate de "alguma manobra inconfessável". ★ O Parlamento espanhol ratifica o acôrdo militar assinado entre a Espanha e os Estados Unidos.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS ★ BULAS
★ FOLHETOS ★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES
E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO

TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

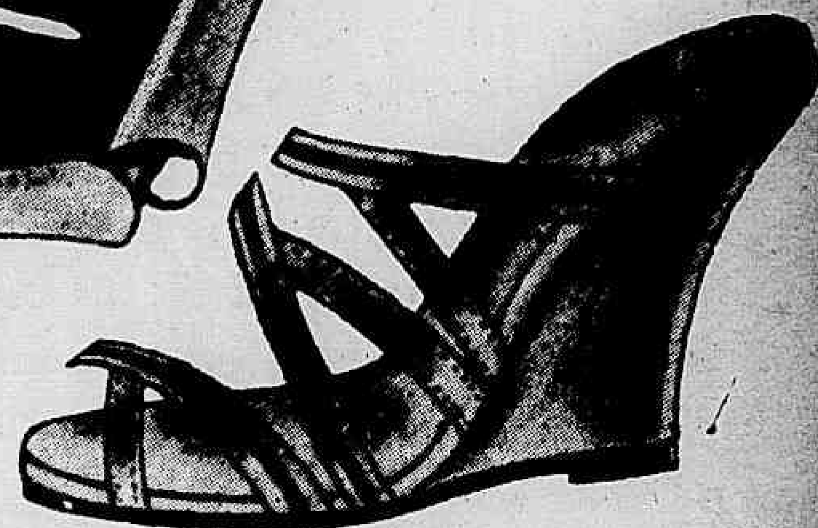
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

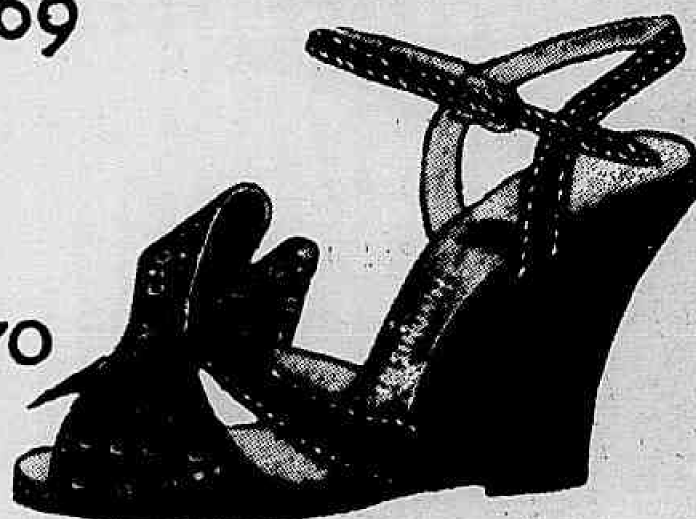


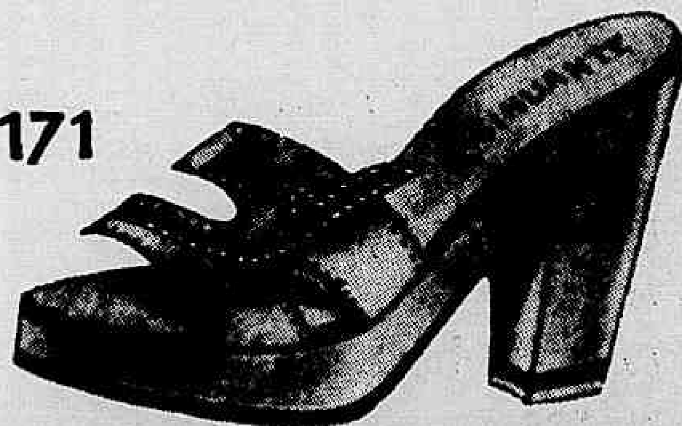
169 Cr$ 200,00 e 250,00 — Respectivamente em uma só côr, (verniz prêto, pelica branca ou vermelha) em pelica branca com guarnições de pelica ouro. Lnidíssimo!... Uma maravilha!...

170 Cr$ 200,00 — Uma verdadeira obra de arte! Camurça branca, pelica côr de sangue ou envernizada. Um verdadeiro encanto!...

171 Cr$ 200,00 — Um tamanco delicado e maravilhoso! Em verniz com guarnições branca e vice-versa. Elegantíssimo!...







insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMÉRICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil porte por par Cinco cruzeiros. Não fazemos reembolso postal.

AT. SEMOO/.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«O fim social da linguagem é a expressão, a transmissão a comunicação de sentimentos» —— JOSÉ VERÍSSIMO

QUESTÕES PRÁTICAS (Continuação)

Escreva:

51) *cetim* e não *setim*

52) *defeso* = proibido
É *defeso* ao aluno fumar em sala.
defesso = cansado
Os alunos estão *defessos*.

53) *de maneira que* e não *de maneiras que*

54) *extorsão* e não *chantage* (gal.)

55) *oportunidade* e não *chance* (gal.)

56) *censo* = recenseamento
senso = juízo

57) *esplêndido* = reluzente, brilhante
Dia *esplêndido*.
Espetáculo esplêndido.
Não se dirá: *almôço esplêndido.*

58) *êxito* = resultado, acabamento
hesito, v. hesitar = vacilar

59) *êxodo* e não *exodo*
Obs.: êxodo = deslocamento de população.

60) *estranho* e não *extranho*
espontâneo " " *expontâneo*
estrangeiro " " *extrangeiro*

61) *farsa* e não *farça*
farsante " " *farçante*

62) *haja vista* e não *haja visto*
hajam vista
haja vista a, hajam vista a
"*Haja vista* os exemplos de Castilho" Rui
"*Haja vista* ao Soares de Passos" Castilho

63) *mês* e não *mez*
meses

64) *vez* (subs.)
vêzes
Obs.: *vêzes* (com acento diferencial, porque há *vezes*, v. vezar = costumar.

65) *involucro* e não *invólucro*

66) *tris* = voz imitativa de ruído
triz = momento, tudo-nada
Daí, a expressão *por um triz*.

67) *pôde* e não *poude*

68) *vaivém* e não *vai-vem*
vaivéns (pl.)

69) *O livro de que gosto* e não *o livro que gosto*
Obs.: Cumpre dar ao relativo a preposição exigida pelo verbo:
O livro *de que* falei é êste.
A sala *em que* estamos é *grande*.
O colega *com que* sairia faltou.

70) *morada* = lugar onde se mora, domicílio.
moradia = ato de morar, pensão para manter o domicílio.

71) *tetravô* e não *tataravô*

72) *tenção, intenção* = propósito, resolução.
tensão = rigidez

73) *um telefonema* e não *uma telefonema*

74) *tráfego* = movimento de veículos
tráfico = comércio, negociação

75) *através dos dias* e não *através os dias*

CORRESPONDÊNCIA

W. T. (São Paulo) — Na construção — *Deixai-o ir, ao velho fidalgo* —, a expressão *ao velho fidalgo* repete *o*, sujeito do infinitivo *ir*. A idéia consubstanciada no período acima, que pertence a Rebêlo da Silva (Contos e Lendas), é a seguinte: *deixai que o velho fidalgo vá*.

Duarte Nunes de Leão usou de construção análoga, no seguinte passo: "vieram a partido que os mouros *deixassem ir aos cristãos*", isto é, *deixassem que os cristãos fôssem*.

É uma das hipóteses de sujeito preposicionado, que pode ocorrer quando *mandar, ouvir, deixar, fazer, ver* estão seguidos de infinitivo com sujeito próprio.

Camões escreveu:

"Êste *aos mais nobres* faz *fazer* vileza."

E Gil Vicente:

"Três cousas acho que fazem *ao doido ser* sandeu."

Leia, sôbre o assunto, o artigo publicado em o EU SEI TUDO de janeiro de 1953.

JOSÉ RICARDO NETO

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário LABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 8 — JANEIRO — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

1º TORNEIO
Janeiro-Março

CHARADAS ANTIGAS

— 1 —

Juca Pato **paga** o pato, — 2
E o **desgôsto** o leva à cama, — 1
E depois — que desacato! —
De **covarde** alguém lhe chama.

Gil Vírio (Andradina)

— 2 —

Diz — "nem tanto e nem tão pouco",
Na própria **maneira**, um louco — 2
Repetindo o aforismo.
E, desta **forma**, êle quer — 2
Mostrar a quem não souber,
O que é de fato **Ecletismo.**

Jayreis (Bahia)

— 3 —

O homem que se **desespera** — 2
Sem **meios** para lutar — 2
Fracassa; se o mal impera,
Há que de **astúcias** usar.

Jovaniro — CEC.

CHARADAS NOVÍSSIMAS

4 — Uma — duas — Começou a briga **logo** que o **caipira** entrou na **boiuca.**

Anchieta — R.P. (S. Paulo)

5 — Quatro — duas — Ela era tão **esquisita** que até **zombava** de qualquer **coisa extravagante**.

Bisilva (Manaus)

6 — Três — uma — **Mulher tentadora** é a **senhora cachaça.**

Oonanref — C. E. E. — G. C. N. (S. Cruz - Rio)

7 — Uma — uma — **Proferir**, **comprar** e **cintilar**.

Zoraco

8 — Duas — duas — Houve **desafinação** no hino impresso no **pergaminho que cobre o tímpano da prensa** em louvor à inauguração do **Carbaçá**.

Eva Dio (Rio)

9 — Duas — uma — O **desejo de fazer mal**, além de ser um mau hábito, prejudicou a cura do **maxilar inferior do cavalo**.

Guilherme Tell (Rio)



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante.

Pilulas DeWITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

10 — Duas — duas — **É falha** do **homem** que **embebeda-se e fala de mais**.

Iza Abel (Rio)

11 — Duas — duas — **Despeja, bebendo,** o copo de vinho sujando a **cara**, o **indivíduo desclassificado**.

Paulistinha (Rio)

12 — Duas — duas — **A borra de vinho** ordinário ou o vinho ordinário muito **antigo** têm gôsto de **café mal feito**.

José Bálsamo (Rio)

13 — Duas — duas — **A espôsa** ficou **pálida** de mêdo quando viu o marido beber muita **cachaça.**

Iracema de Alencar (Rio)

14 — Uma — uma — **A medida japonêsa** cheia de vinho, desde cedo foi distribuída **grátis**.

Dabliú

15 — Uma — uma — uma — **Nota, mais nota** é o que é a **música**.

Eva Dio (Rio)

16 — Duas — três — **O guardião** sempre mostrou **amor à ilustração**.

Guilherme Tell (Rio)

17 — Uma — uma — **Vem cá!** Traga-me **um cento** de cravos e uma **açucena**.

Iza Abel (Rio)

LOGOGRIFO

— 18 —

Alfaiates de concertos
Sem gôsto pela tesoura — 5-3-4
Prá sair dos seus apertos
Meteu-se pela lavoura.
Quis ser **grande fazendeiro** — 1-2-6-6-7
O sonho da vida inteira,
E ser **homem** de dinheiro — 3-4-7



JÚVENTUDE
ALEXANDRE



Na mais crua **choradeira** —
1-2-4
Mas tudo deu em pantanas;
E para ser argentário
Só lhe sobraram as ganas,
Mas faltou-lhe o numerário.

Roama (Guapiaçu)

CHARADAS CASAIS

19 — Três — Homem **violento** não suporta **ofensa**.

Bereco (Recife)

---

20 — Quatro — Pelos laços matrimoniais uniram-se o **pastor** e a **pastora**.

Cysneirense Júnior

---

21 — Três — **O avarento regateia** até quando ganha presente.

Ecebê (Maceió)

---

22 — Três — **Engraçado**! Você brincando de **cambapé**!

Heron Silpes (Canavieiras)

---

23 — Quatro — Não é qualquer **pelintra** que possui uma **almotolia**.

KTQZ (S. Paulo)

---

24 — Três — **Entregue inteiramente** aos meus afazeres, não pude participar do **concurso** de charadas do Almanaque EU SEI TUDO de 1954.

Malha Tantan (Santos)

---

25 — Duas — Para melhor orientação anotei a **idade** do paciente na **tabela**.

P. Del Debbio (São Paulo)

---

26 — Três — O **marinheiro pouco experimentado** não sabe manobrar a **peça do poleame com uma só roldana**.

Sertanejo II (Lavras)

27 — Três — Um partido **unido** vê sempre **acrescentada** sua importância política.

Sefton (Rio)

---

28 — Três — Esta **mulata** só quer casar com um **mulato**.

Seamva (Santos)

---

29 — Duas — Você acha que é **luxo** dar um passeio de lancha no **mar**?

Jony (Campo Florido)

---

30 — Três — **Mau olhado faz mal** à gente!

Zigomar — E.E.M. (B. Horiz.)

---

31 — Três — Foi aberta uma **sindicância** para apurar as faltas do **homem dissoluto**.

Anchieta — R.P. (S. Paulo)

---

32 — Cinco — Aquêle **superior eclesiástico** vai receber uma **pensão alimentícia**.

Bisilva (Manaus)

---

33 — Três — **Leva vantagem** quem só procura **pechincha?**

Emeog (P. Alegre)

ENIGMAS

— 34 —

Certa pessoa importuna
Tem lôdo no coração,
E porque possui fortuna,
Vive em grande ostentação.

E como a pândega adora,
De maneira desregrada,
Será, sem muita demora.
Uma pessoa ADOENTADA.

Gil Vírio (Andradina)

Alívio rápido para

HEMORROIDES



Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

— 35 —

Em aura prejudicial
Não pode a planta viver.
Trato, pois, é natural,
De outros ares **escolher**

Pompeu Júnior R.P. (Botucatu)

— 36 —

O meu amigo Gil Vaz
De tudo êle é capaz,
Pois da família é tara,
E, da tara, é a mostra
Feia **cicatriz na cara.**
Onde?

Fusinho (Rio)

— 37 —

Quando um relógio de cuco
Que tem falha pia fraco,
Tal defeito é mesmo o suco
Para um marido **velhaco.**

Plá (Rio)

CHARADAS SINCOPADAS

38 — Três — duas — Tenho verdadeira **estima** pelo **vocábulo** puro.

Asil - A.C.C.B. - (Rio)

39 — Três — duas — Na sua última **mensagem,** o Govêrno prometeu sancionar o **decreto** sôbre a reforma administrativa.

Conselheiro (R. G. do Norte)

40 — Três — duas — Homem **indolente** dá um **giro** só e fica logo cansado.

Donatila Borba (Creciúma)

41 — Três — duas — Êste **veneno** é tirado dum certo musgo que nasce na **rocha.**

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

42 — Três — duas — O **monturo** ainda está por **remover.**

El Príncipe (Uberaba)

43 — Três — duas — Homem **não pertencente a religião,** em geral é **inclinado** ao comunismo.

Fusinho (Bangu - Rio)

44 — Três — duas — A **escala de redução de mapas** está com o homem **coxo.**

Fiote (Cuiabá)

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmula que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

45 — Três — duas — O **amor** se revela às vêzes por um simples **gesto.**

Gil Vírio (Andradina)

46 — Três — duas — Acho-te **cômico** carregando êsse embrulho sem **alça.**

Lutércio (Rio)

47 — Três — duas — Que **barulho** é êsse aí na **retaguarda?**

Nilva (Rio)

48 — Três — duas — O **aparelho de apertar rolhas de cortiça** é de fundo **dilatado.**

O Sineiro (S. Paulo)

49 — Três — duas — Houve um **choque** entre os dois, devido a uma **crítica severa** por parte de um dêles.

Oarcim (Rio)

50 — Três — duas — A **ladroeira** foi tão grande que até o soldado da Guarda Nacional ficou sem um **pé** da bola.

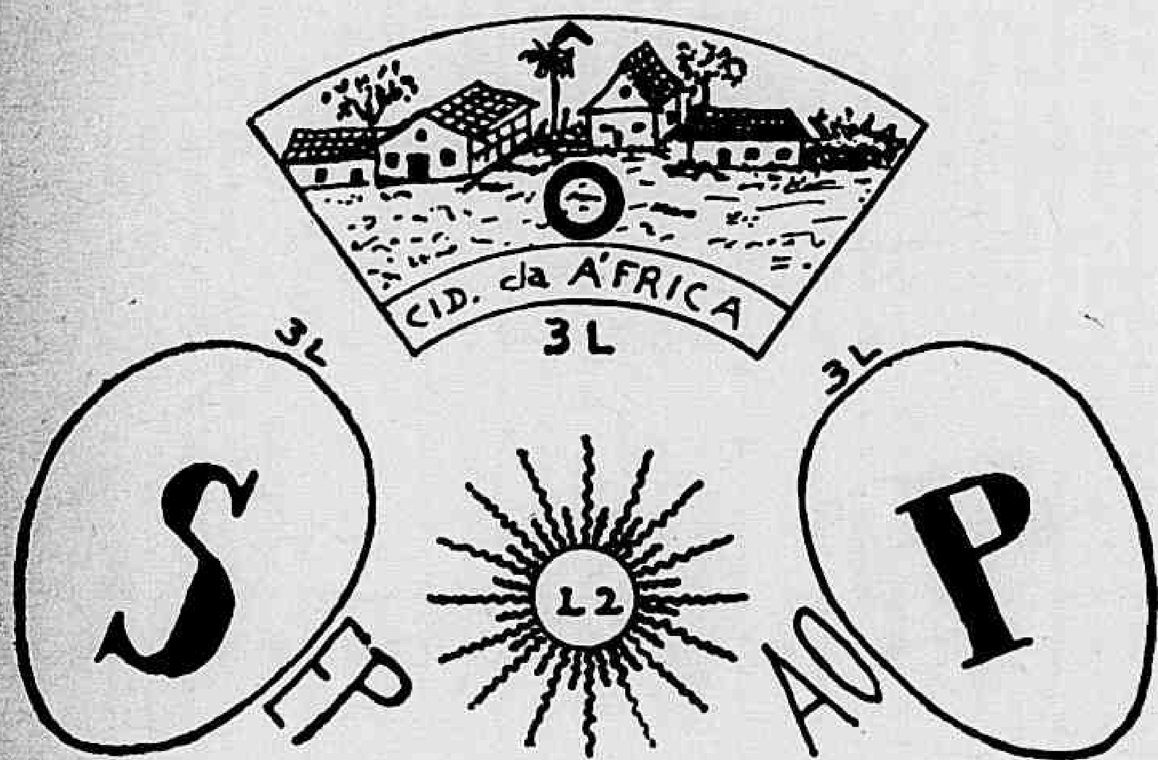
Asclapio (Rio)

fixbril
ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO!
Atraia também a admiração de todos, fixando seu penteado com FIXBRIL, o fixador ultra-moderno que não empasta.
★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

CURSO DE LATIM por correspondência
Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

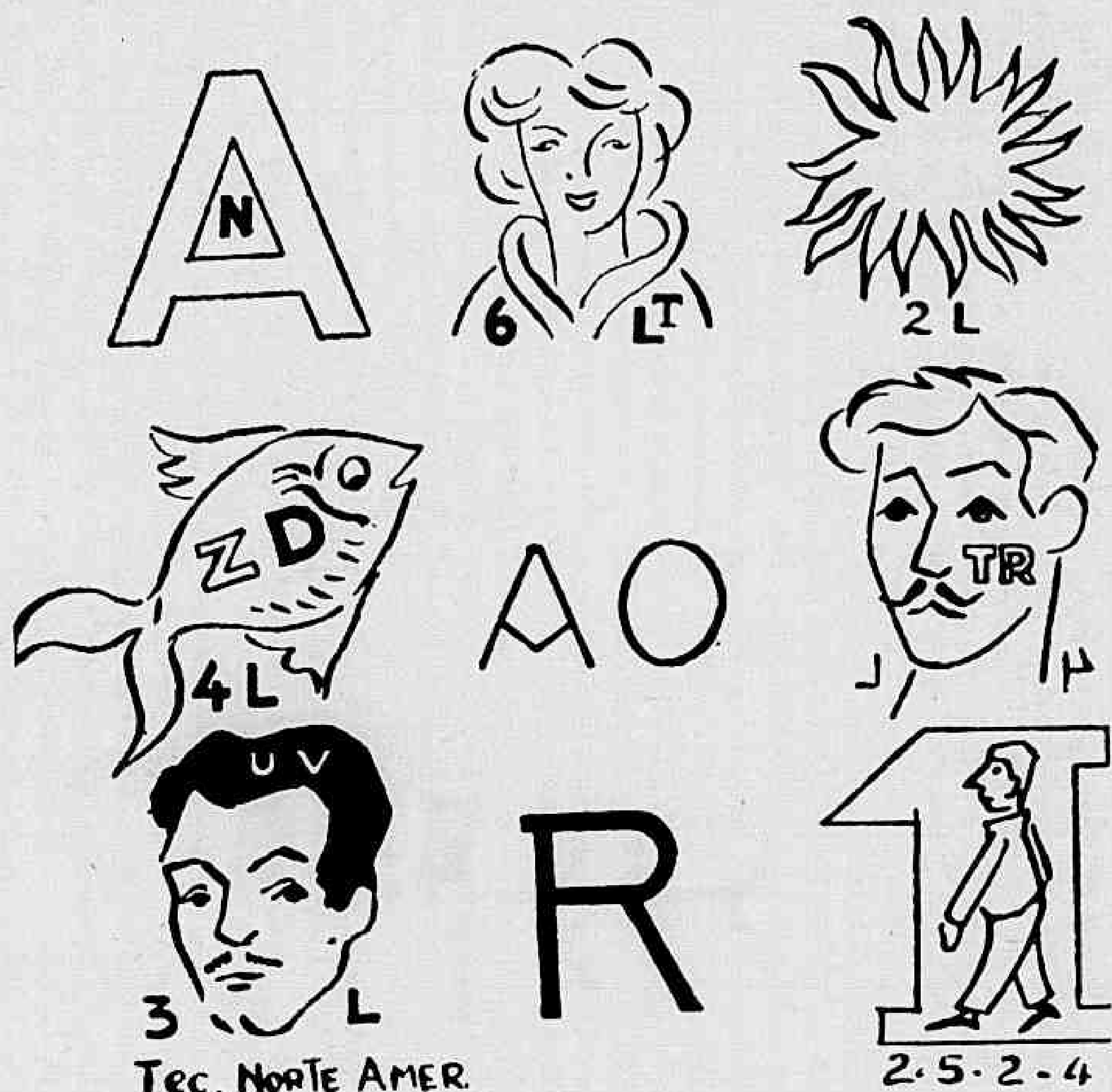
ENIGMA PITORESCO — 51

Para Marcus



Zigomar - T.E.M. - Belo Horizonte

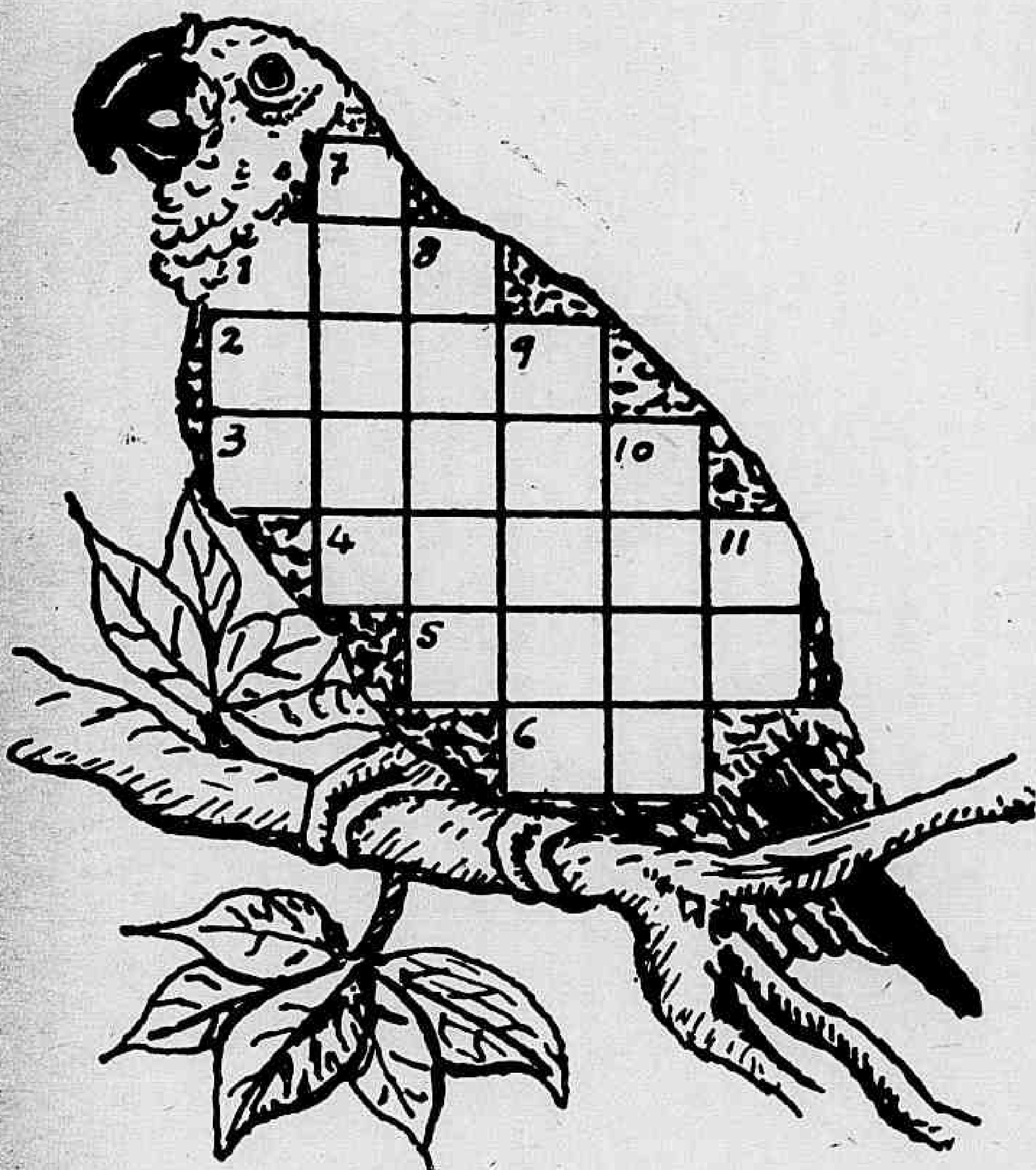
ENIGMA PITORESCO — 52



Oarcim (Rio)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA n.º 1

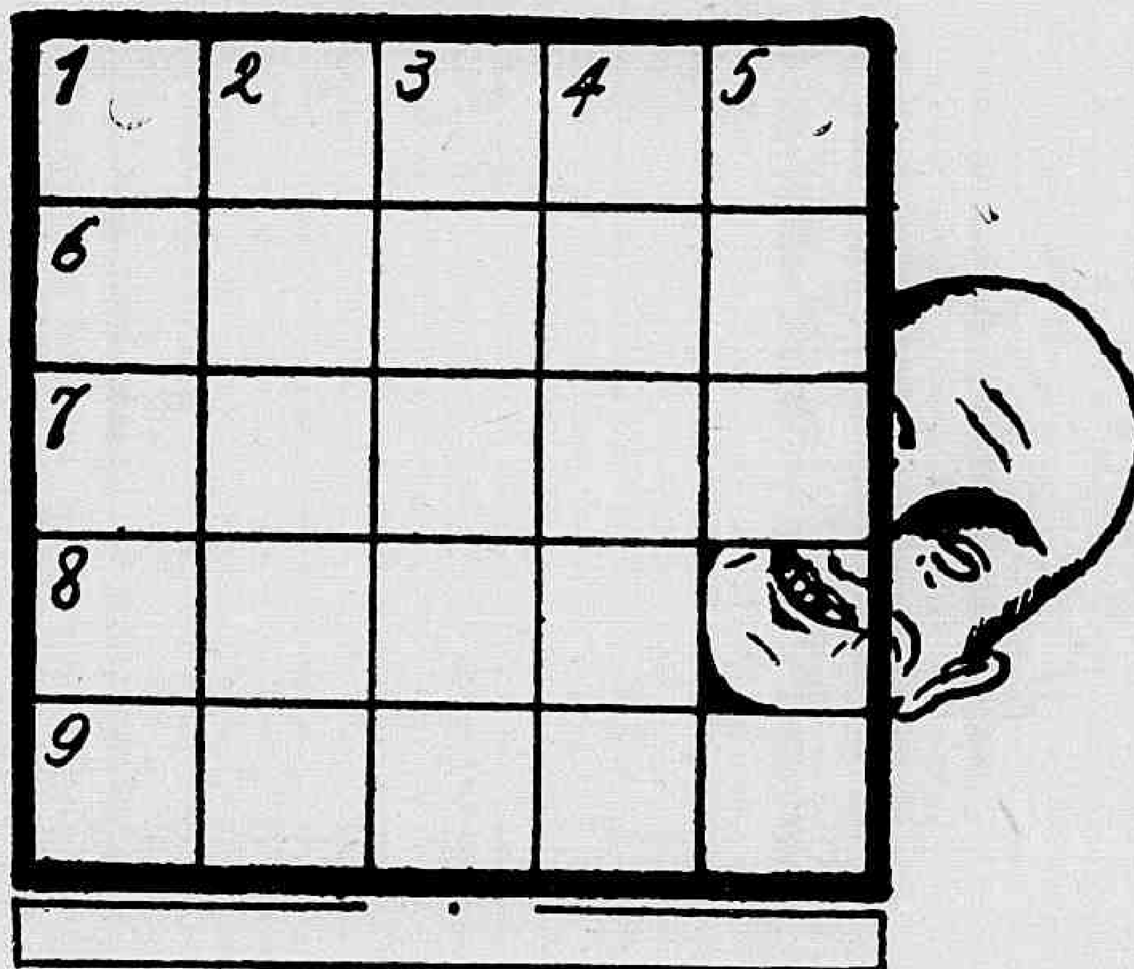


Zigomar - T.E.M. - (B. Horizonte)

Horizontais — 1 — Neurastenia; 2 — Execução prática de uma idéia; 3 — Animação; 4 — Capital do país dos Jebuseos, na terra de Canaan; 5 — Clã sem soberania política; 6 — Banquetes nas igrejas e mosteiros, poucos dias antes do Natal.

Verticais — 1 — Moeda da Índia, equivalente a 100.000 rupias; 7 — Transtornas; 8 — A primeira vértebra que sustenta a cabeça; 9 — Relativo ao vento; 10 — Tecido de sêda ou lã grossa.

PROBLEMA N.º 2



Bereco (Recife)

Horizontais — 1 — Comum; demasiadamente visto ou ouvido; 6 — Ralar; 7 — Espécie de môcho; 8 — Simples, sem mistura; 9 — Mentira, balela.

Verticais — 1 — Incinera, queima; 2 — Oração que os mouros fazem a Deus antes do nascer do Sol; 3 — Verifica; 4 — Palidez; 5 — Rezo.

STEPHENS'
TINTA PARA ESCREVER
OS PEDIDOS DOS SENHORES REVENDEDORES DEVEM SER DIRIGIDOS À SECÇÃO DE VENDAS DA FÁBRICA:
PRODUTOS STEPHENS' LTDA.
R. BOA VISTA, 99 - 5.º AND. - S/ 517 - TELS. 33-1799 E 33-4811
CAIXA POSTAL, 1511 - SÃO PAULO

BOAS FESTAS

Em rotulenição desejamos a todos os confrades um Ano Novo próspero e feliz.

Almanaque Mensageiro da Fé

Recebemos o exemplar correspondente ao ano que ora começa — graças à gentileza do nosso velho amigo e confrade **Datrinde**, um dos veteranos do **Quebra-Cabeças** — A sua seção "Esporte de Inteligência" apresenta-se com 202 escolhidos trabalhos charadísticos.

O Almanaque Mensageiro da Fé, que entra agora no seu quadragésimo ano, tem a melhor aceitação pelo mundo católico.

Transcrevemos aqui êste período da sua apresentação, que bem traduz o seu valor:

"E êste número, por si só, representa um sinal evidente das bênçãos divinas que nunca nos faltaram assim como de benévola aceitação que o público brasileiro nos tem dispensado".

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Desejamos adquirir, para satisfazer a um ilustre confrade, os Almanaques dos anos de 1921, 1924 e 1932.

VISITAS

Acobar (Dr. Altamir da Costa Barros, Alagoas). Estêve alguns dias nesta Capital êste nosso velho amigo e colaborador.

Acobar veio trazer com o seu abraço as saudações dos confrades alagoanos.

Paraná (Antônio Penteado) - Apresentou-nos as suas despedidas por ter de seguir para São Paulo em gôzo de férias, o nosso velho **Paraná**.

R. Kuban (Dr. Raif Kurban) São Paulo. Deu-nos o prazer de sua cativante visita êste nosso fã da paulicéia.

Aqui estiveram mais: **Silvio Alves, Ueniri, Trica Antônio** e **Coringa**.

A todos gratos pela distinção.

AVISO

Devido a uma nova lei do Ministério da Fazenda não podemos mais fazer o desempate da colocação dos lugares, pelo modo habitual.


BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS

Minha esposa é para mim como uma noiva...





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tónico ideal para crianças, moços e velhos

EMULSÃO DE SCOTT



TÔNICO DAS GERAÇÕES

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói 45 dias, demais Estados 90.

Tôda correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor

DR. LAVRUD

A TINTA
Stephens
AINDA É A MELHOR

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

Formação de Professores em cursos Comerciais, Artes e Modas, Cultura Geral, etc., com direito a criação de filial de nosso Escola em sua cidade, com ótimas condições. Escreva hoje mesmo à Escola G. S. do Brasil.

FEIRA GRANDE — ALAGOAS.

LUIZ A. P. VICTORIA — FALA E ESCREVE CORRETAMENTE A TUA LINGUA

RÁDIO PARA PRINCIPIANTES — REGRAS PARA VENCER NA VIDA — APRENDA A FOTOGRAFAR — DISCURSOS — A Arte de Fazer Doces — MODELOS DE CARTAS — HOROSCÓPIOS para Todos — IRACEMA — NANÁ — APRENDA A DANÇAR — O CONDE DE MONTE CRISTO — MÉTODO DE CORTE E COSTURA SEM MESTRE — ESCRAVA ISAURA — MANUAL DO MOTORISTA — SONHO DE AMOR — A PEQUENA COSTUREIRA — A ILHA DO TESOURO — PALAVRAS CRUZADAS — MORRO DOS VENTOS UIVANTES

A maior e melhor "Seleção de Livros do Brasil" em formato de Bôlso e preço de Bolsinho

LIVROS POPULARES

124 - Para Conquistar as Mulheres 20.00
177 - Sucessos Musicais (Sambas e Valsas) 15.00
93 - Arte e Técnica do Beijo 15.00
122 - Discursos para tôdas as Ocasiões 15.00
135 - Para Conquistar os Homens 20.00
80 - Dicionário de Citações — 1º Vol 15.00
144 - Dicionário de Citações — 2º Vol 15.00
128 - Dicionário de Citações — 3º Vol 15.00
196 - Dicionário de Citações — 4º Vol 15.00
83 - Dicionário de Provérbios — 1º Vol 15.00
8 - Dicionário de Provérbios — 2º Vol 15.00
155 - Declarações de Amor 15.00
163 - Anedotas 15.00
99 - A Astronave Lunar B-1 .... 10.00
104 - O Duelo dos Mundos 10.00

AMOUR-AMOUR (femininos)

F1 - Delly — Sonho de Amor 10.00
F2 - W. Bonin — Olhos Sombreados 10.00
F3 - Henri Ardel — Mulher e Nada Mais 10.00
F4 - Brame — O Segrêdo de Sua Vida 10.00
F5 - Charlotte M. Brame — Rosa de Junho 10.00
F6 - Brame — Amor entre as Flores 10.00

EDUCAÇÃO SEXUAL

87 - Rankel — Para Limitar os Filhos 20.00
67 - Cauldwell — Estimulantes Sexuais 15.00
5 - Guia Íntimo da Sexualidade 15.00
4 - Costumes Sexuais Estranhos 15.00
6 - Cauldwell — Vigor Sexual 20.00
2 - Hervil — Técnica e Prática Sexual 20.00
164 - Testes de Masculinidade e Feminilidade 15.00
18 - Como Evitar a Solidão Amorosa 15.00
95 - Anormalidades Sexuais 20.00
125 - Práticas Sexuais no Matrimônio 20.00
126 - Psicossexualidade 20.00
127 - Hábitos Sexuais no Homem 20.00
3 - Felicidade Sexual no Casamento 15.00
145 - Vença a Timidez Sexual 20.00
7 - Dicionário Moderno do Sexo e Amor 15.00
66 - Problemas Sexuais dos Solteiros 15.00
130 - Sexo e Psicanálise 20.00
91 - Estudos Sôbre o Amor e o Sexo 15.00
92 - A Conquista Amorosa e Sexual 15.00
166 - Rankel — Educação Sexual dos Filhos 20.00
174 - Manual da Vida Sexual 20.00
160 - Enfermidades Sexuais 20.00
191 - A Cura da Impotência Sexual 20.00

CONHECIMENTOS ÚTEIS

170 - Aprenda a Dançar 15.00
23 - Bessat — Como se Fazer Amar 15.00
82 - Desenvolva a Memória 10.00
149 - Regras de Etiquêta Social 15.00
153 - Fórmulas para Ganhar Dinheiro 15.00
156 - Assim se Emagrece Comendo 15.00
161 - Conquiste Amizades 15.00
159 - Aprenda a Viver 15.00
167 - Filosofia da Vida e do Prazer 15.00
139 - Elimine seu Complexo de Inferioridade 20.00
172 - Teoria e Prática do Existencialismo 15.00
182 - Regras Para Vencer na Vida 15.00
183 - Constrói tua Personalidade 15.00
186 - Você Sabe Conversar? 15.00
192 - 1001 Informações Úteis — 1º Volume 15.00
247 - 1001 Informações Úteis — 2º Volume 15.00
193 - Dicionário de Nomes Próprios 15.00
209 - É Fácil Ganhar Dinheiro 15.00
213 - O Casamento e suas Formalidades 15.00
214 - Tenha Sangue Frio 15.00

OCULTISMO

194 - O Livro de São Cipriano 15.00
197 - Horóscopos para Todos 15.00
94 - Santa Cruz de Caravaca 15.00
12 - Men-Cheper — Como Interpretar os Sonhos 10.00
11 - Zeraseli — As Chaves Ocultas do Poder 15.00
13 - Bessat — Como Ler os Pensamentos 15.00
14 - Quiro — Como Ler as Mãos 15.00
10 - Dunbar — Enciclopédia Ocultista 15.00
39 - M. Zenairo — A Sorte pelas Cartas 15.00
15 - Roth — Hipnotismo Prático 15.00
147 - Métodos para Hipnotizar 15.00
198 - As Chaves de Salomão 15.00

LINGUAS

52 - Fahs — Inglês para as Américas 20.00
31 - Silva — Espanhol em Quadrinhos 12.00
30 - Rigo — Alemão Sem Mestre 12.00
24 - Rigo — Italiano Sem Mestre 12.00
25 - Rigo — Francês Sem Mestre 12.00
32 - Yes Sir — Inglês Sem Mestre 12.00
56 - Celpke — Corresp. Comercial Inglêsa 20.00
57 - Dicionário Pitman — Inglês-Português 25.00

DESENHO

42 - Zaidenberg — Desenhar Mulheres 30.00
75 - Oliveira — Desenho a Bico de Pena 30.00
76 - Simon — Estilos Artísticos 30.00
44 - Resende — Desenho de Letras 30.00
1 - La Torre — O Nu Através da Arte 20.00
77 - Abbott — Desenho Técnico 60.00

MEDICINA DO LAR

199 - Homeopatia para Todos 15.00
220 - Livro de Bôlso para Enfermeiros 15.00
244 - Técnica de Injeções e Curativos 15.00
272 - Manual para Criar o Bebê 15.00

DIDATICOS — PORTUGUÊS

27 - Victória — Fala e Escreve 15.00
26 - Erros de Português e s/Correções 15.00
37 - Formulário de Matemática 20.00
69 - Victória — Tira Dúvidas de Português 15.00
89 - Victória — Vocabulário Ortográfico 40.00
168 - Victória — Ortografia Correta 15.00
219 - 500 Testes de Português 15.00

CARTAS

90 - Modelos de Cartas p/Todos os Fins - 1º 15.00
257 - Modelos de Cartas p/Todos os Fins - 2º 15.00
163 - Modelos de Cartas Sentimentais 15.00
143 - Modelos de Cartas Comerciais 15.00
20 - Macedo - Sugestões p/Cartas de Amor 15.00
21 - Macedo - Correspondência Amorosa 15.00
237 - Guia da Redação Oficial 15.00

ESPORTES

212 - Levantamento de Pêso 15.00
211 - Regras Oficiais de Basquetebol 15.00
135 - Natação Sem Mestre 10.00
129 - Jiu-Jitsu Sem Mestre 15.00
137 - Habilidades e Proezas da Juventude 15.00
173 - Futebol de Mesa 15.00
187 - Guia de Massagens 15.00
190 - Regras Oficiais de Futebol 15.00
260 - Guia do Crack 15.00

INFANTIS E JUVENIS

P 1 - ABC — Cartilha Infantil 6.00
P 2 - O Sonho de Toquinho 6.00
P 3 - O Gatinho Perdido 6.00
P 4 - Quica — A Macaquinha 6.00
P 5 - Os Pintinhos Convencidos 6.00
P 6 - Enfrentando o Perigo 6.00
P 7 - A Pequena Costureira 6.00
P 8 - As Barbas de Papai Noel 6.00
P 9 - As Invenções do Gasparinho 6.00
P10 - Ionko — O Mágico dos Bichos 6.00
P11 - Tareco e o Automóvel 6.00
P12 - Pipoca — O Boneco Maravilhoso 6.00
P13 - Entre as Estrêlas 6.00
P14 - O Estouro dos Sacis 6.00
P15 - A Pequena Dona de Casa 6.00
P15 - Inesperada Glória 6.00
P17 - No Reino das Côres 6.00
P16 - A Espada Mágica 6.00

COZINHA — RECEITAS

85 - A Arte de Fazer Doces 15.00
79 - A Cozinha Francesa 10.00
86 - A Cozinha Nortista 10.00
221 - Pratos Econômicos e Saborosos 10.00
83 - A Cozinha Italiana 10.00

FOTOGRAFIA

233 - Fotografia para Principiantes 15.00
234 - Manual do Fotógrafo Amador 15.00
246 - Aprenda a Fotografar 15.00

ROMANCES — LITERATURA

131 - Sensualidade — 1º volume 20.00
132 - Sensualidade — 2º volume 20.00
133 - Sensualidade — 3º volume 20.00
134 - Sensualidade — 4º volume 20.00
81 - Cenas de Amor dos Melhores Romances 10.00
65 - Zola — O Banho (e o Beijo de Tchekof) 15.00
128 - Victória — Biografias de Grandes Escritores 15.00
140 - Júlio Ribeiro — A Carne 25.00
29 - Seleções de Ruy Barbosa 15.00
176 - Grandes Cortesãs — 1º Volume 15.00
217 - Grandes Cortesãs — 2º Volume 15.00
179 - Sienkiewicz — Quo Vadis? 15.00
180 - Zola — Naná 10.00
293 - Lamartine — Graziela 10.00
184 - Poe — O Duplo Assassinato da Rua Morgue 10.00
215 - Zola — A Bêsta Humana 10.00
261 - Zola — Germinal 10.00
269 - Zola — Tereza Raquin 10.00
208 - Zola — A Taberna 10.00
181 - O. Wilde — O Retrato de Dorian Gray 15.00
195 - Flaubert — Madame Bovary 10.00
206 - As Amantes do Imperador 10.00
207 - Dostoiewski — Crime e Castigo 10.00
245 - Dostoiewski — O Jogador 10.00
284 - Recordações da Casa dos Mortos 10.00
210 - Victor Hugo — O Homem que Ri 10.00
216 - Gautier — Mademoiselle de Maupin 10.00
218 - Leon Tolstoi — Ana Karenina 10.00
222 - José de Alencar — Iracema 10.00
220 - José de Alencar — O Guarany 10.00
224 - José de Alencar — Ubirajara 10.00
225 - José de Alencar — Diva 10.00
226 - Alencar — A Viuvinha 10.00
239 - José de Alencar — Luciola 10.00
241 - José de Alencar — Senhora 10.00
238 - José de Alencar — A Pata da Gazela 10.00
256 - José de Alencar — O Tronco do Ipê 10.00
227 - Macedo — A Moreninha 10.00
228 - Macedo — O Moço Loiro 10.00
274 - Macedo — A Namoradeira 10.00
243 - Macedo — Amôres de um Médico 10.00
273 - Macedo — Paixão Romântica 10.00
223 - Dumas — O Conde de Monte Cristo 10.00
251 - Dumas — A Mão do Finado 10.00
229 - Dumas Filho — A Dama das Camélias 10.00
232 - Escrich — História de um Beijo 10.00
240 - B. Guimarães — A Escrava Isaura 10.00
248 - Feuillet — Romance de um Moço Pobre 10.00
249 - Jorge Ohnet — O Grande Industrial 10.00
250 - Abade Prevost — Manon Lescaut 10.00
252 - Stevenson — A Ilha do Tesouro 10.00
254 - St. Pierre — Paulo e Virginia 10.00
255 - C. Bronte — Jane Eyre 10.00
265 - Austen — Orgulho e Preconceito 10.00
266 - O Morro dos Ventos Uivantes 10.00
270 - Balzac — A Mulher de Trinta Anos 10.00
275 - Merimée — Amôres de Carmen 10.00

PROFISSIONAIS

146 - Rádio para Principiantes 15.00
96 - Dactilografia Sem Mestre 15.00
16 - Coutinho — Calendário do Jardineiro 15.00
236 - Corte e Costura Sem Mestre 15.00
253 - As Leis Trabalhistas Simplificadas 15.00

AUTOMÓVEL

36 - Migalhas — Manual do Motorista 15.00
138 - Enguiços do Automóvel 15.00
61 - Eletricidade do Automóvel 15.00
141 - Aprenda a Dirigir Sòzinho 15.00
188 - Guia do Mecânico de Automóvel 15.00

PASSATEMPOS — JOGOS — TESTES

34 - Testes para seus Conhecimentos 15.00
78 - Testes de Inteligência 10.00
9 - Victória — Dicionário de Mitologia 15.00
150 - Curiosidades e Extravagâncias 15.00
151 - Fatos Curiosos e Inacreditáveis 15.00
64 - Grafologia Prática 15.00
152 - Os Sonhos, o Riso e as Mulheres 10.00
68 - Yantok — O Livro das Mágicas 10.00
158 - Aprenda a Fazer Mágicas 15.00
185 - Contos do Vigário, Pulo dos Nove 15.00
22 - Yantok — Quebra-Cabeças, Mágicas 15.00
123 - Regras e Táticas de Xadrez 15.00
51 - Regras para Jogos de Cartas 15.00
157 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 1) 10.00
279 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 2) 10.00
288 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 3) 10.00
258 - Racha-Côcos ou Quebra Cabeças 10.00
259 - Truques e Quebra Cabeças c/Números 10.00

VENDAS:

RIO: AV RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA 824

SALVADOR: PRAÇA DA SÉ 20 e 22

RECIFE: RUA DA PALMA LOJA 6 (EDIFÍCIO DOS COMERCIÁRIOS)

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

Editora **GERTUM CARNEIRO**

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 11-B - Rio

(Não temos catálogo)

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)

Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

COMO parte das comemorações da "Semana da Asa", dêste ano, o Ministério da Aeronáutica, em combinação com o Ministério da Educação e Cultura, instituiu um interesante concurso entre alunos de cursos secundários, para a apresentação de teses sôbre a aviação. Entre os prêmios aos alunos classificados, foi recebida com a mais expressiva satisfação a oferta da Nacional Transportes Aéreos, colocando à disposição dos estudantes viagens e estadas em Belo Horizonte, pois êsse oferecimento veio corresponder a um desejo dos escolares de conhecer a moderna capital mineira. Um grupo de alunos do Instituto Carlos A. Werneck, de Petrópolis, formou entre os vencedores do concurso e a fotografia que estampamos é do embarque dos colegiais num dos aviões da Nacional Transportes Aéreos que, diàriamente, voam para a capital mineira. Após gozar as magníficas "férias" que a importante emprêsa de aviação lhes proporcionou, os estudantes, que se fizeram acompanhar de professôres, transmitiram suas impressões de viagem à diretoria do Instituto Carlos A. Werneck, tendo o seu diretor, nessa oportunidade, dirigido à Nacional Transportes Aéreos o seguinte ofício:



Alunos do Instituto Carlos A. Werneck, de Petrópolis, vencedores do interessante certame instituído pelo Ministério da Aeronáutica na «Semana da Asa», no momento do embarque à viagem-prêmio a Belo Horizonte, oferecida pela Nacional Transportes Aéreos

PREMIANDO A MOCIDADE ESTUDIOSA

A "NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS" OFERECE VIAGENS AOS VENCEDORES DO CONCURSO DA "SEMANA DA ASA"

"Venho, pelo presente, em nome de meus alunos e professôres e no meu próprio, agradecer-vos de forma muito sincera a magnífica excursão que proporcionastes aos alunos desta escola, vencedores do concurso realizado na "Semana da Asa", promovido pelo Ministério da Aeronáutica e pelo Ministério da Educação e Cultura.

As gentilezas com que cumulastes os componentes da equipe vitoriosa dêste colégio, a segurança com que foram realizados os vôos de ida e volta a Belo Horizonte e a fidalguia com que foram tratados os alunos e os professôres no magnífico hotel que para êles escolhestes, calaram fundo no espírito dos estudantes vitoriosos bem como no de todos os alunos que estudam neste estabelecimento. Gestos como o vosso, proporcionando à mocidade estudiosa de nossa terra oportunidade de viajar em condições tão seguras e favoráveis, demonstram claramente que os órgãos diretores de nossas companhias de transportes aeroviários possuem uma noção bem elevada do que seja a obra de divulgação cultural em que todos estamos empenhados no Brasil, por isso merecendo todo o nosso respeito e gratidão.

É assim, muito a vontade, Sr. Presidente, que vos envio meus mais efusivos agradecimentos.

Cordialment vosso,

(a) *Dr. Carlos A. Werneck*, diretor.

PALHAÇO

(Cont. da pág. 54)

— Nem pense nisso, rapaz! — respondeu Andy, piscando um ôlho. A seguir, bebeu seu *highball*, e pediu outro, enquanto Sharon Bennet e eu, fomos para o automóvel, deixando Andy pagar a despesa. Confesso que desconfiei de que êle tivesse bebido um terceiro *highball*, pois demorou mais do que devia e tinha os olhos muito brilhantes quando, finalmente, se juntou a nós.

Começou por se sentar, no banco da frente, comigo e Sharon. Porém esta parecia agora mal humorada com êle, porque logo pediu:

— Por favor, vá no banco de trás! — E sua voz estava mais gelada que o *highball*. — Você está cheirando a álcool! Afinal, se não gostou da fantasia, era melhor ter dito com franqueza, em vez de recorrer a estimulantes para suportá-la.

— Mas eu gosto disto! — afirmou Andy. — Você é uma excelente costureira, Sharon.

Estava agora no banco de trás, mas curvara-se para a frente, para pousar a mão enorme sôbre o ombro de Sharon Bennet. Seus olhos eram agora um pouco menores e, vendo-me a observá-lo pelo espelho retrovisor, empinou grotescamente as orelhas de coelho e começou a cantar, sem nenhuma graça: *"Eu vou, eu vou... Eu vou, pro baile eu vou..."*

— Boa voz! — disse eu.

Resumindo, chegamos afinal ao baile da Escola quando o ponteiro se aproximava das onze horas exatas. Andy adormecera plàcidamente no banco de trás e Sharon Bennet disse-me, a meia voz, que era melhor deixá-lo ali mesmo, pois não apreciava a companhia de gente assim... *mais pra lá do que pra cá!* A seguir, tomou-me pelo braço e fomos para o salão do ginásio, onde já dançavam ruidosamente.

Quando atingimos a pista de dança, todos se voltaram e mesmo pararam de dançar, trocando cochichos: *"Veja! É Sharon Bennet, a estrêla do cinema... com Haroldo Burguess!"* — e eu pensei que aquêle era o dia mais glorioso de minha vida!

Sharon não pareceu notar o movimento que causou. Deixara-se ficar sob a rêde do *basketball*, observando os dançarinos.

— Qual delas é Jenny Royce? — perguntou, falando baixinho.



AGORA SIM!
Sugestões MAIZENA resolve o seu PROBLEMA.
Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas INTEIRAMENTE GRATIS.
Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro Sugestões MAIZENA



Amido de milho "MAIZENA" 55 E
Caixa Postal, 8006 - São Paulo
GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

Para fixar meus cabelos? Já tenho o eleito! BRYLCREEM O fixador mais que perfeito!

— Como soube a respeito de Jenny?

— Sua tia Helena é uma velha amiga minha — respondeu ela, como se isso explicasse tudo. E certamente explicava. Conforme Andy Wilder já dissera uma vez, tia Helena tinha maior "circulação" que o seu jornalzinho.

— Jenny é a que vai passando, agora. Uma, de "espanhola", que dança com êsse diabo, todo de vermelho.

O "Diabo Vermelho" era George Ambre. George era louro, tinha dentes muito brancos, maneiras desenvôltas e nenhum problema nem complexos; se chegar a viver duzentos e vinte e dois anos creio que não chegarei a odiar outra pessoa mais que a êle!

Quando Sharon e eu começamos a dançar, tratei, naturalmente, de manter-me nas proximidades de Jenny e George, pois desejava ver a reação de Jenny. E, realmente, quando a orquestra parou, ficamos alguns momentos quase pegados a êles. E foi então que *o balão estourou no meu nariz*.

Se eu desconfiasse do que Sharon Bennet pretendia fazer, sem dúvida que a teria feito desistir, nem que fôsse preciso estrangulá-la com as duas mãos. Mas, como podia adivinhar? Ela estava apenas procurando ajudar, é claro, mas... assim também foi em demasia! Esperou que Jenny estivesse olhando para ela e então, avançando o rosto até quase encostá-lo no meu, deitou para mim o seu olhar mais lânguido e, numa voz apaixonada, perguntou:

— Gostou, hein, queridinho?

Ninguém, nem mesmo um desmiolado, usa êsse diálogo, num salão, entre quatro centenas de pessoas, tôdas com os olhos vigilantes e os ouvidos alertas. E principalmente no tom e modo como falou! Talvez fôsse próprio para empregar diante da "camera" cinematográfica. Mas nunca para o salão de festas de um ginásio escolar. Não ousei olhar para Jenny Royce, mas George Amber não arredava de nossa proximidade. Sem saber como responder, disse tolamente: "Gostei, queridinha" e no mesmo instante desejei estar longe, muito longe, em qualquer lugar, a dez metros sob a terra.

Nesse instante, a orquestra recomeçou a tocar outra música e a incrível Sharon exclamou, num arrebato de cinema:

— Haroldo! Estão tocando a *nossa* música!

Nossa música! Quem imaginaria tolice maior? Sem lhe dar tempo para continuar a me complicar, arrastei-a, quase, até à outra extremidade do salão.

— Que aconteceu? — perguntou ela, lavantando o narizinho para mim, sinceramente surpreendida. — Fiz alguma coisa errada? Pensei que você queria fingir que éramos namorados.

Minha garganta estava muito sêca para poder falar. Neste momento, pensava no que aconteceria, quando entrasse na sala de aula, na segunda-feira, com todos gracejando, com voz de falsête: *"Gostou, queridinho?"*

— Por favor! — pedi a Sharon. — Não falemos sôbre isso.

ELA, provàvelmente, não teria concordado com o meu pedido, mas houve uma intermissão, quando todos — ou quase todos — os dançarinos, com as faces acesas e a roupa suada, deixaram o ginásio, a fim de procurar ar fresco no jardim, onde estavam estacionados os automóveis. Andy continuava no banco de trás do automóvel que nos conduzira ao baile — e dormindo a sono sôlto.

Sharon Bennet e eu, sentados no banco da

Amacia, dá brilho, perfuma suavemente, fixa sem colar, torna os cabelos sadios e juvenis, dá-lhes elegância e nova vida
BRYLCREEM
O fixador mais que perfeito!

frente. Ela mordia ligeiramente o lábio inferior, como se procurasse decifrar o problema da minha zanga. Nesse instante, George Arbre passou lado a lado com Jenny Royce. Encaminhavam-se para o "Cadillac" do pai de George, estacionado apenas uns quatro metros do nosso. George lançou-me um olhar zombeteiro, ao mesmo tempo que dizia: — "Gostou, queridinho?"

Sharon Bennet nem sequer olhou para êle, mas logo seu rostinho assumiu uma expressão de profundo acabrunhamento.

— Sinto muito, Haroldo! — disse ela. — Não refleti... Não imaginei que pudesse ser tão ridícula, no salão!

Moveu a cabeça com ar desolado e, como se estivesse pouco satisfeita consigo mesma, concluiu:

"E pensei que podia ser uma grande atriz!"

— Você não teve culpa — disse eu, tentando consolá-la. — Apenas foi um pouquinho exagerada... A técnica foi um pouco antiquada...

— Antiquada... — repetiu ela, como se falasse para si mesma. — Sou, realmente... Ainda penso como há treze anos...

Nesse instante, um ronco mais forte, no banco de trás revelou que Andy continuava dormindo.

"Também eu tinha grandes planos para esta festa — confessou, como se estivesse cansada. — Mas tudo saiu mal para o meu lado... E estou tão enjoada de Hollywood que sinto vontade de gritar!

Mas, já agora, o rádio do automóvel em que estavam George e Jenny começava a tocar.

— Ouça, Jenny! — exclamou George bastante alto para ser ouvido por nós. — Estão tocando a *nossa* música!

Sharon Bennet apenas olhou para mim:

— Ajudaria, ao menos, se eu me matasse, agora mesmo? — perguntou, empalidecendo.

— Você não é culpada... — comecei novamente.

— Você é um amor, Haroldo — disse ela, com voz carinhosa, depois, sem qualquer aviso, passou os dois braços em redor do meu pescoço e beijou-me na bôca. Fiquei tão surpreendido que meu cotovêlo calcou sôbre a buzina e isto despertou Andy, que imediatamente se endireitou no banco de trás e ficou a olhar para nós, com as suas orelhas de coelho-mexicano batendo grotescamente.

— Você enlouqueceu, Sharon? — gritou êle, colérico. — Que está fazendo?

— Nada — respondeu ela, afastando-se de mim.

— Como se atreve a dizer... "nada"? — insistiu êle, rubro de raiva. — Você tem mais bigode, agora, do que Haroldo!

Sharon procurava na bolsinha um lenço. As lágrimas já vinham surgindo em seus olhos.

— Quer fazer o favor de parar de fingir que tem ciúme? — disse para Andy.

CIÚME? — repetiu êle, como se isso fôsse o maior disparate que jamais ttivesse ouvido. — Ciúme... de um palhaço como Haroldo?

Pude ouvir George Ambre rindo francamente e então achei que não podia recuar.

— Ciúme, sim! — gritei para Andy; e a seguir disse-lhe uma porção de grosse-

Para fixar meus cabelos? Já tenho o eleito: BRYLCREEM O fixador mais que perfeito!

rias, que não me recordo mais. Mas terminei fazendo-o compreender que, se para conquistar uma pequena eu tivesse que parecer um "palhaço", então preferia ser palhaço para o resto da minha vida! E a seguir, saltando do automóvel, bati a porta ruidosamente.

— Onde você vai? — perguntou Sharon Bennet, que já agora chorava francamente, enquanto Andy parecia paralisado de assombro.

— Vou tirar o nariz de George Ambre do lugar habitual! — gritei, furioso.

Quando cheguei junto do "Cadillac" George Ambre já ali não estava. Mas Jenny logo surgiu do fundo da almofada, para me dizer:

— Você não precisa mais esborrachar o nariz de George Ambre! Eu... eu já fiz isso!

— Você deu um sôco em George? — perguntei. — Você quer dizer que êle tentou beijá-la?...

— Não — explicou Jenny. — Apenas não podia deixar que êle continuasse rindo de você. Por isso, dei-lhe um bom sôco.

Tudo estava acabado entre êles, agora! E Jenny chorava! Fiquei junto dela, abobalhado, mas feliz, tentando acalmá-la com pancadinhas num ombro. Finalmente, ela parou de chorar e aceitou o meu beijo.

— Jenny — disse eu. — Quero que me desculpe... Você sabe... Aquela noite...

— Não precisa se desculpar — disse ela. — Eu compreendo!

Sorria, agora, através das lágrimas.

O apuro de um rapaz se completa no penteado.

Penteie-se bem, fixando os seus cabelos sem colar, com

BRYLCREEM

O fixador mais que perfeito!

"Tive uma longa conversa com papai, sabe? E êle me explicou certas coisas a respeito dos rapazes."

— O velho? Êle explicou?

Era difícil imaginar o pai de Jenny, considerado uma "fera", explicando as razões dos rapazes de dezessete anos! De qualquer maneira, deixei de me preocupar com o que acontecera "naquela noite" e também com o que poderia ocorrer na manhã de segunda-feira. George Ambre não teria a sua "festinha" de zombarias. Nem sequer se atreveria a aparecer na escola com o ôlho arroxeado.

— Vamos para o meu automóvel — propus; Jenny imediatamente aceitou.

Andy passara para o banco da frente, ao lado de Sharon Bennet.

— Desculpe a minha grosseria, velho! — disse eu para Andy, carinhosamente, enquanto me instalava, com Jenny, no banco traseiro. Êle, porém, não respondeu. Olhava, enternecido para o fundo dos olhos de Sharon, que, com êle trocava o mesmo olhar apaixonado.

— Gostou, queridinha? — disse Andy, passando um braço em redor do busto de Sharon.

— Gostei muito, queridinho — respondeu ela, lançando-me um olhar que significava estar decidida a me cortar o pescoço caso notasse em meus lábios o mais ligeiro sorriso.

Suponho que a próxima geração será constituída de "palhaços" iguaizinhos a Sharon, Andy, Jenny e eu!

★ ★

QUE PERDERAM ÊLES

(Resposta da página 14)

1 — A espôsa.
2 — O amor.
3 — A vida.
4 — Atlântida.
5 — Evangelina, personagem do famoso poema de Loggfellow, «Evangeline».
6 — Francisco I, de França, após a batalha de Pavia.
7 — Milton.
8 — A de Waterloo.
9 — A Alsácia e a Lorena.
10 — O Minas Gerais.

EU SEI TUDO

Nº 440 — Ano XXXVII Nº 8 — Janeiro de 1954

SUMÁRIO

Cyl Farney (policromia) 3
Desembarque na Praia (Policromia) 5
Um Presente Para o Zèzinho (Conto) 7
A Terra Vai Parar! (A lua se afasta de nós — Nosso dia já não tem mais 24 horas — A nova unidade de tempo será o "chronie", substituto do segundo) 11
Resolva os Seus Problemas 14
Que Perderam Êles? 14
Curiosidades Sôbre o Carnaval 15
Originalíssimo 21
Porta-aviões "New-Look" 21
Bons votos 21
O "fabricante" de cavalos 21
Antes e depois do "tratamento" 21
Sôbre o Horizonte 22
Os Vaticínios Tentam Subjugar o Destino Humano (As vítimas das profecias cabalísticas) 23
Cada terra com suas "maravilhas" 30
Falibilidade da Justiça 31
O Último Carnaval (Novela de G. Toudouze) 32
Setenta-e-Cinco Velinhas 37
Crise de Natal 38
Mais Mulheres 38
Os "achados" deliciosos 38
A Fôrça de Um Juramento (Romance, continuação) 39
Palhaço (conto) 39
Paixão no Deserto (Conto) 55
Por Que Ainda Caem os Aviões? 64
Conselhos de Uma Quituteira 68
Se Está Cansado: Faça alguma coisa! 69
Êsses Presentes... 75
O Que "Aprendi", a Respeito das Mulheres 76
Previsões Meteorológicas Para o Ano 2003! 76
Som Contra Dor 77
Quem Sabe Explicar? (Episódio Real) 78
O Metabolismo é Importante! 84
O Direito de Falar: Uma ciência relativamente nova: Logopedia 87
Honras Que Não Devem Ser Ignoradas 90
Nervos 90
Aviões Atômicos 90
Dedos Recuperados 90
Por Trás da Porta Amarela (Romance, continuação) 91
Memento Eu Sei Tudo — Olhando o mundo há sessenta dias 99
Nos Domínios da Gramática 106
Pequena Enciclopédia Popular — Como é fácil saber tudo — Dicionário de nomes próprios 112

CORRESPONDÊNCIA

Arthur F. Y. Werner, (Piratuba, Sta. Catarina) — Aconselhamos escrever diretamente para qualquer destas livrarias: Freitas Bastos ou Civilização Brasileira, ambas nesta Capital.

Irineu de Luca Matallo, (Pça. 15 de Nov., 20, D. Federal) — Deve ter havido confusão. Nunca *afirmamos* que publicaríamos em livro. Apenas dissemos que publicávamos em fascículos próprios para ser colecionados e facilitar a confecção de um livro. Apesar de tudo, *pretendemos* editar a obra em forma de livro, porém não imediatamente.

José Américo Ferraz da Rosa (Pça. da Sé, 270, S. Paulo) — Publicamos com exclusividade. Não existe, em livro, no Brasil. Tencionamos, em data ainda não resolvida, editar a obra em forma de livro.

Mário A. Regadas (Av. Copacabana, 1010, Distrito Federal) — Recebemos seu pedido e faremos conforme suas instruções. Gratos por seu favor.

★

CAPA — Com uma saudação ao novo ano, que se inicia, a nossa capa é também uma saudação muito ampla e muito sincera aos nossos leitores, aos quais desejamos completa felicidade em 1954.